



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"
INSTITUTO DE BIOCÊNCIAS



**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DA MOTRICIDADE
PEDAGOGIA DA MOTRICIDADE HUMANA**

REINALDO NAIA CAVAZANI



**A INICIAÇÃO COMPETITIVA PRECOCE E A FORMAÇÃO DO TÉCNICO
DESPORTIVO DE JUDÔ:**

Um estudo de caso dos resultados dos campeonatos paulistas de 1999 até 2011.

Rio Claro-SP
2012

REINALDO NAIA CAVAZANI

**A INICIAÇÃO COMPETITIVA PRECOCE E A FORMAÇÃO DO TÉCNICO
DESPORTIVO DE JUDÔ:**

Um estudo de caso dos resultados dos campeonatos paulistas de 1999 até 2011.

Dissertação parcial apresentada ao Instituto de Biociências da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” Rio Claro-SP, como requisito necessário para qualificação e obtenção do grau Mestre em Ciências da Motricidade Humana.

Orientador: Alexandre Janotta Drigo.

Rio Claro-SP
2012

REINALDO NAIA CAVAZANI

**A INICIAÇÃO COMPETITIVA PRECOCE E A FORMAÇÃO DO TÉCNICO
DESPORTIVO DE JUDÔ:**

Um estudo de caso dos resultados dos campeonatos paulistas de 1999 até 2011.

Dissertação apresentada ao Instituto de Biociências do Campus de Rio Claro, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Ciências da Motricidade Humana.

COMISSÃO EXAMINADORA

Orientador: Prof. Dr. Alexandre Janotta Drigo
Departamento de Educação Física – Universidade Estadual Paulista
Rio Claro - SP

Profa. Dra. Dagmar Ap. Cyntia F. Hunger
Departamento de Educação Física – Universidade Estadual Paulista
Bauru - SP

Prof. Dr. Mauro César Gurgel de Alencar Carvalho
Instituto Federal de Educação
Rio de Janeiro - RJ

Rio Claro – SP
2012

AGRADECIMENTOS

Ao meu Orientador Prof. Dr. Alexandre Janotta Drigo que me reconduziu ao meio acadêmico com motivação e competência. Por proporcionar situações de constante aprendizado, pela seriedade e respeito com o meu desenvolvimento e com o Judô. Amigo, sem você nada disso seria possível, muito obrigado pelo carinho e dedicação!;

A Profa. Dra. Juliana Cesana pelas sugestões, apoio, gentileza, hospitalidade e atitudes, que fizeram a diferença;

Aos membros da Banca Examinadora, Profa Dra. Dagmar Hunger e ao Prof. Dr. Mauro Gurgel, pela generosidade e disposição em contribuir com este estudo;

Aos membros do NEPEF, Prof. Dr. Samuel de Souza Neto, Larissa Benites, Esther Vieira, em especial ao grupo de Lutas André Oliveira, Franz, Luiz (Kiki), Juninho e Pimenta, e também ao grupo de futebol Robertinho, Talamoni, Silvério, Thiengo e André;

Aos funcionários da UNESP – Rio Claro (SP), em especial a Prof. Dra. Lílian T. Bucken Gobbi, a todos da Seção Técnica de Pós-graduação, Biblioteca e Saep., pela presteza e competência;

A Prefeitura Municipal de Hortolândia – SP, destacando-se o Secretário de Esportes e recreação Sr. Marcos A. Panício (Mercadão), o Sr. Raul C. Garcia e a Sra. Vanilda, a Secretária de Educação Sra. Sandra Fagundes Freire, a Secretaria de Administração em especial a Dra. Viviana R. C Demartini e a Gerente da escola de Gestão Sra. Silmara S. S. de Oliveira e a todos os amigos que não mediram esforços para o êxito deste projeto;

Ao meu amigo e irmão Sergio Matos do Nascimento, pela amizade, dedicação e generosidade;

Ao meu amigo, Irmão e Sensei Anderson Dias de Lima, pelos conselhos e atenção;

Ao meu amigo Walter Barijan, pelas pedaladas, corridas e conversas;

Ao amigo e médico Dr. Rui Macedo, pelo apoio e compreensão;

A Dona Beatriz Janotta Drigo, pela hospitalidade;

Aos professores do SESI Amoreiras Campinas I / SP que se mobilizaram para que eu concluísse mais esta etapa, especialmente aos Administradores escolar Sr. Roberto Cremasco e Jaqueline Genovez, Professora. Luciana Ive Ribeiro e as coordenadoras pedagógicas Joseane Martins e Rosemary Brabo;

A minha querida revisora Sra. Deyse Camargo, que com sua competência faz parecer tudo fácil;

Aos meus pais Diogo Cavazani e Claudete Naia Cavazani que sempre me apoiaram;

Aos meus irmãos Rosana e Reginaldo que estão sempre prontos;

A minha segunda mãe (sogra) Dona Vera L Menegassi de Paula e Silva, pelo apoio, carinho e respeito;

A minha querida esposa Fernanda e amada filha Gabriela, pessoas imprescindíveis na minha vida, que compreenderam minha ausência e que em muitos momentos submeteram seus desejos para que os meus se concretizassem, amo vocês;

Finalizo, agradecendo a Deus que arquitetou todo universo a minha volta.

RESUMO

CAVAZANI, R. N. **A iniciação competitiva precoce e a formação do técnico desportivo de judô**: um estudo de caso dos resultados dos campeonatos paulistas de 1999 até 2011. 2012. 145 f. Trabalho de conclusão de curso de (Mestrado)- UNESP, Rio Claro (SP), 2012.

O curso de Educação Física traz em seu currículo diversos saberes, entre eles o científico, necessário à constituição da profissão, motivo pelo qual promulgou-se a Lei 9696/98. É comum, porém, ex-atletas, campeões consagrados, conhecedores da modalidade, exercerem a função de técnico provisionado, mesmo não tendo o título Acadêmico. Levando em conta que o judô é uma prática corporal que se tornou esporte ao longo de sua disseminação no ocidente, e que se identifica uma influência esportivista no âmago da prática de seus instrutores/ técnicos, apresentamos como objetivo deste estudo, investigar a relação da iniciação competitiva precoce com a formação do técnico de judô, tendo como objetivos específicos: 1) a representatividade da competição desportiva em relação aos valores específicos da modalidade; 2) a relação entre iniciação competitiva precoce e a longevidade ou o abandono precoce da modalidade; 3) a relação dos resultados competitivos com a formação e/ ou prestígio do técnico de judô. A abordagem metodológica foi a quali-quantitativa por meio do estudo de caso, sendo a fonte documental obtida no site da Federação Paulista de Judô, e restrita a atletas que medalharam inicialmente no Campeonato Paulista de judô na classe Infantil (09 e 10 anos) nos anos de 1999, 2000 e 2001, e cujos resultados foram analisados até 2011. Os dados qualitativos foram coletados por meio de questionários. Os resultados quantitativos apontaram que 65% da amostra de 103 atletas interromperam sua participação com resultados competitivos (conquistas de medalhas) no Campeonato Paulista com apenas 12 anos de idade, sugerindo que as conquistas de medalhas durante a infância não garantiram a continuidade dos resultados obtidos inicialmente até a vida adulta, porém contribuíram para a evasão em termos de resultados em participações competitivas no campeonato estudado. Os dados qualitativos apresentaram como mais importante para a formação do técnico de judô o conhecimento prático da modalidade, os anos de experiência e os títulos obtidos como atleta, quando comparados aos conhecimentos Acadêmicos. Encontramos nos dados quantitativos, a resignificação dos conceitos de tradição do judô (princípios) por meio dos valores do esporte. Neste sentido, o judô apresentou-se, neste estudo, como um desporto de alto rendimento, cujo prestígio do técnico é legitimado pelo seu sucesso progressivo como competidor e experiência na modalidade, bem como pelos resultados conquistados por seus atletas, configurando um circuito de retroalimentação da formação artesanal do técnico de judô, baseado apenas na sua vertente competitiva, deixando as demais vertentes do esporte inexploradas como lazer, saúde (NASF) e participação.

Palavras-chave: 1. Formação Profissional; 2. Técnico Desportivo; 3. Judô; 4. Competição; 5. Especialização Precoce; 6. Norbert Elias

ABSTRACT

CAVAZANI, R. N. **Early competitive initiation and the professional education of the judo sports coach:** a case study of the results in the São Paulo State championship from 1999 to 2011. 2012. 145 f. Final paper for the Master's course – UNESP, Rio Claro (SP), 2012.

The Physical Education course includes many types of knowledge, the scientific being one of them, necessary for the constitution of the profession, reason why the Law 9696/98 was promulgated. Still, it is common for former athletes, established champions, and people knowledgeable in the modality, to function as provisioned coaches, even without an academic title. Considering that judo is a bodily practice that became a sport through its western dissemination, and in which a sportive influence can be identified in the essence of its practitioners/coaches' practice, the objective of this study was to investigate the relation of the early competitive initiation with the professional education of the judo coach, with the following specific objectives: 1) the representativeness of the sport competition with the values specific to the modality; 2) the relation between early competitive initiation and the longevity or abandonment of the modality; 3) the relation of the competitive results with the education or prestige of the judo coach. The study had a qualitative methodological approach through the use of a case study, with the documental source being obtained in the Federação Paulista de Judô (Judo Federation of São Paulo) website, and restricted to athletes who initially obtained medals in the Campeonato Paulista de Judô (Judo Championship of São Paulo) in the juvenile class (09 and 10 years of age) in the years of 1999, 2000 and 2001, and whose results were analyzed up to 2011. The qualitative data was collected through questionnaires. The quantitative results indicated that 65% of the sample from 103 athletes interrupted their participation with competitive results (medals won) in the Campeonato Paulista at mere 12 years of age, suggesting that winning medals during childhood didn't guarantee the continuity of the results initially obtained until adult life, but contributed to evasion in terms of results in competitive participations in the studied championship. The qualitative results showed that the most important factors for the education of judo coaches was the practical knowledge of the modality, the years of experience and the titles obtained as an athlete, when compared to academic knowledge. The quantitative results showed a resignification of the concepts of tradition in judo (principles) through the values of sport. In this sense, judo was shown to be, in this study, a high performance sport, in which the coach's prestige is legitimated by his/her progressive success as a competitor and experience in the modality, as well as the results achieved by his athletes, therefore setting a feedback loop of the artisan education of the judo coach, based only in its competitive side, leaving the other aspects of the sport underexplored, such as leisure, health (NASF) and participation.

Keywords: 1. Professional Education; 2. Sports Coach; 3. Judo; 4. Competition; 5. Early Specialization; 6. Norbert Elias.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Questionário geral	57
Quadro 2 – Avaliação dos pareceristas	59
Quadro 3 – Questionários reestruturados	60
Quadro 4 – Questionários de Técnicos/ Instrutores	61
Quadro 5 – Questionário para Atletas	61
Quadro 6 – Questionário de Abandono da competição e/ ou da prática	62
Quadro 7 – Questões 3 e 4	75
Quadro 8 – Categorização questão 4	77
Quadro 9 – Questões 5, 6 e 7	78
Quadro 10 – Questão 8	81
Quadro 11 – Questão 9	82
Quadro 12 – Questão 10	83
Quadro 13 – Nova configuração dos participantes nos grupos	84
Quadro 14 – Questão 1 G 1 Abandono.....	86
Quadro 15 – Questão 2 G 1 Abandono.....	87
Quadro 16 – Questão 3 G 1 Abandono.....	89
Quadro 17 – Distribuição dos participantes no G 2.....	90
Quadro 18 – Questão 1 G 2 Abandono.....	91
Quadro 19 – Questão 2 G 2 Abandono	92
Quadro 20 – Questão 3 G 2 Abandono.....	93
Quadro 21 – Questão 1 G 2 Atleta.....	94
Quadro 22 – Questão 2 G 2 Técnico.....	94
Quadro 23 – Questão 2 G 2 Atleta.....	95
Quadro 24 – Questão 3 G 2 Técnico.....	95
Quadro 25 – Questão 3 G 2 Atleta.....	96
Quadro 26 – Questão 4 G 2 Técnico.....	96
Quadro 27 – Questão 1 G 2 Técnico.....	97
Quadro 28 – Questão 1 G 3 Técnico.....	97
Quadro 29 – Questão 1 G 3 Atleta.....	98
Quadro 30 – Questão 2 G 3 Técnico.....	98
Quadro 31 – Questão 2 G 3 Atleta.....	99
Quadro 32 – Questão 3 G 3 Técnico.....	99
Quadro 33 – Questão 3 G 3 Atleta.....	100
Quadro 34 – Questão 4 G 3 Técnico.....	100
Quadro 35 – Questão 1 G 4 Atleta.....	101
Quadro 36 – Questão 2 G 4 Atleta.....	102
Quadro 37 – Questão 3 G 4 Atleta.....	103

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Desempenho consecutivo dos participantes informantes.....	74
Gráfico 2 – Idade de início da prática do judô e da participação na primeira competição	79
Gráfico 3 – Distribuição das faixas (nível) entre os participantes.....	80
Gráfico 4 – Circuito de retroalimentação: modelo de formação do técnico de judô....	121

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Grupos	54
Tabela 2 – Grupo 1 (1 e 2 conquistas de medalhas no Campeonato Paulista)	63
Tabela 3 - Grupo 2 (3 e 4 conquistas de medalhas no Campeonato Paulista)	64
Tabela 4 - Grupo 3 (5, 6 e 7 conquistas de medalhas no Campeonato Paulista)	65
Tabela 5 - Grupo 4 (8, 9 e 10 conquistas de medalhas no Campeonato Paulista)	66
Tabela 6 – Conquistas consecutivas na mesma classe n=23	68
Tabela 7 – Conquista consecutiva na mesma classe, melhora no desempenho n=17....	69
Tabela 8 - Conquista consecutiva na mesma classe, desempenho inalterado n=13.....	71
Tabela 9 - Conquista consecutiva na mesma classe, com queda no desempenho n=14	72
Tabela 10 – Queda no desempenho mesmo com conquistas consecutiva na mudança de classe n=8	73

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	14
1.1 Problema de estudo.....	14
1.2 Objetivos.....	15
1.3 Questões de estudo.....	15
1.4 Justificativas.....	16
2 REVISÃO DA LITERATURA.....	17
2.1 Formação do técnico: panorama geral da modalidade.....	19
2.2. Formação profissional e a legislação brasileira: reflexos no judô e nas lutas.....	23
2.2.1 Legislação, formação profissional e profissão	23
2.3 Modelo da federação paulista de judô.....	33
2.4 Artesanato e as escolas de ofícios	35
2.5 Especialização esportiva precoce.....	40
3 ETODOLOGIA.....	51
3.1 Método empregado.....	52
3.2 Fonte documental e caracterização da amostra.....	54
3.3 Seleção dos participantes informantes e procedimentos de contatos.....	55
3.4	
QUESTIONÁRIO.....	57
3.4.1 Estrutura aplicação do questionário.....	58
4 RESULTADOS	64
4.1 Apresentação dos resultados gerais	64
4.2 Apresentação dos questionários.....	75
4.2.1 Identificação pessoal	75
4.2.2 Dados quantitativos.....	85

4.2.2.1	Caracterização da população	85
4.2.2.2	Análise dos questionários do grupo 1.....	86
4.2.2.3	Análise dos questionários do grupo 2.....	91
4.2.2.4	Análise dos questionários do grupo 3.....	99
4.2.2.5	Análise dos questionários do grupo 4.....	102
4.2.2.6	Análise das respostas intergrupos	103
5.	DISCUSSÃO.....	111
6.	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	126
6.1	Implicações e apontamentos para a área de formação profissional.....	128
7.	CONCLUSÃO.....	129
	REFERÊNCIAS	132
	APÊNDICE A - Termo de consentimento livre e esclarecido	138
	APÊNDICE B– Carta de agradecimento aos Professores Doutores (a) pareceristas... 	140
	APÊNDICE C – Primeiro contato via e-mail	141
	APÊNDICE D – Primeira mensagem postada a caixa de mensagem do facebook, após aceito como membro do grupo.....	142

1. INTRODUÇÃO – Aproximação com a temática

A regulamentação profissional em educação física tem um histórico recente no país, contando que a Lei 9696/98 (BRASIL, 1998), tem pouco mais de 10 anos desde sua promulgação e formação dos conselhos. Devido a este fator, estudos sobre a formação de treinadores de judô demonstram que o direito à faixa preta, apenas pela vivência prática na modalidade, promove o aprendiz a técnico ou; na linguagem da modalidade, professor (DRIGO e CESANA 2003; DRIGO 2007 e 2009).

A aprendizagem, adquirida nos anos de treinamento é que permitem aos instrutores, técnicos e mestres em judô repassem seus conhecimentos. Por falta de uma sistematização Acadêmica específica ou cursos correlatos, como a educação física ou pedagógica que sustentem, dêem suporte aos títulos obtidos que o judô insere-se em um modelo artesanal de formação. Drigo (2009) define este modelo de formação como escola de ofício, considerando-a semelhante às existentes na Europa medieval.

Conforme experiência pessoal como praticante de judô, desde os 8 anos de idade, as competições e exames de faixa eram formas de testar a aprendizagem, conforme identificado nos estudos citados anteriormente pois refletem a valorização do saber fazer, componente considerado por Rugiu (1998) como característica do ensino artesanal. Tendo treinado em quatro cidades diferentes do interior de São Paulo até os 12 anos, percebi que as atividades pouco se diferenciavam tendo em comum a grande exigência no condicionamento físico, técnicas e combate cotidianamente, independente da idade ou peso dos atletas. Cabe ressaltar que em poucos momentos as atividades propostas tinham características recreativas ou lúdicas, sendo o enfoque nas competições. Esse ambiente competitivo gerava prestígio do praticante.

A formação artesanal também foi valorizada na minha vivência dentro do desporto, em 1986 fui promovido à faixa preta pela Federação Paulista de Judô (FPJ), em 1991 obtive o 2º grau, em 1996 o 3º grau e em 2010 o 4º grau de faixa preta de judô, totalizando 34 anos de prática e 18 anos enquanto técnico da modalidade. Mesmo tendo concluído o curso de Educação Física da Unesp de Rio Claro-S.P em 1991 e apresentar um estudo pioneiro no Brasil, através da Monografia de Conclusão de Curso - orientado pelo Prof. Dr. Eduardo Kokubun¹ relativo a lactato e judô – pude perceber, que durante minhas intervenções como técnico desportivo os conhecimentos artesanais

¹ CAVAZANI,R.N. Lactato antes e após sucessivos combates de judô. Monografia (Conclusão de Curso de Licenciatura Plena em Educação Física) – Instituto de Biociências, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, SP: UNESP/RC, 1991.

eram mais acessados que os conhecimentos Acadêmicos. Pereira (2004, p.119), refere-se ao momento em que o profissional recém-formado ingressa no campo de trabalho como período de “choque”, momento no qual o profissional não consegue durante a intervenção utilizar todo o conhecimento concebido pela Universidade.

Durante a vivência enquanto técnico, evidenciou-se os diferentes cenários que envolvem a sessão de treinamento que culmina constantemente na competição. Dentre esses cenários, acreditamos que o da competição de crianças até 12 anos, pode ser o primeiro processo de formação do futuro técnico desportivo de judô pois, o cenário competitivo infantil atual, é similar aos de 30 anos atrás, sendo uma das várias hipóteses possíveis, devido à concepção artesanal dos novos técnicos; mesmo em passadas décadas.

Entretanto, nessa fase em que minhas inquietações tornaram-se evidentes, e que a experiência acadêmica pouco interagiu com as necessidades da intervenção como técnico desportivo de judô, centrei minhas atenções em estudos na formação do técnico desportivo de judô.

Considerando-se o exposto relativo ao envolvimento pessoal com a modalidade e as características competitivas do desporto judô inseridas no cenário da sociedade, questiona-se o quanto o mesmo influencia a prática do judô e quanto a participação e o sucesso competitivo contribuem ou não para a formação do técnico de judô para a realidade atual da modalidade.

1.1 O Problema de estudo

Para um melhor entendimento do estudo do problema se faz necessário definir o que se entende sobre termo problema e Alves-Mazzotti & Gewandsznajder (1998, p.149) traz a seguinte definição:

[...] problema de pesquisa” é definido como uma indagação referente à relação entre duas ou mais variáveis. Essas variáveis podem ser diferentes aspectos da conduta de indivíduos, como, por exemplo, frustração e agressividade; dois eventos sociais, como, exclusão social e criminalidade, e assim por diante.

No caso desta pesquisa, pelo caráter qualitativo do estudo, os autores fornecem um detalhamento maior sobre o conceito de “problema de pesquisa”, informando que

neste caso pode “ser definido como uma questão relevante que nos intriga e sobre a qual as informações disponíveis são insuficientes” (ALVES-MAZZOTTI & GEWANDSZNAJDER, 1998, p. 150). Portanto, o problema que será apresentado traz informações que podem contribuir para o encaminhamento e sua solução.

Conseqüentemente, conforme o exposto, o problema de estudo é confrontar o significado da competição precoce no judô e as consequências relacionadas com o praticante e a modalidade, refletido no prestígio e/ou no abandono (da competição e da modalidade). Neste sentido, torna-se necessário investigar o quanto à participação precoce em competições e o sucesso competitivo contribuem para a formação ou escolha de atuar como técnico de judô, devido ao “status” adquirido perante os judocas.

1.2 Objetivos

Levando em conta que o judô é uma prática corporal que se tornou esporte ao longo de sua disseminação no ocidente, e que se identifica uma influência esportivista no âmago da prática de seus instrutores/ técnicos, apresentamos a proposta deste estudo que teve como objetivo analisar a relação dos resultados competitivos de crianças que iniciaram sua participação no Campeonato Paulista de judô com conquistas de medalhas na classe infantil (9 e 10 anos de idade), com a formação do técnico de judô. Desta forma, apresentamos como objetivos específicos:

- 1) A representatividade da competição desportiva em relação aos valores específicos da modalidade;
- 2) A relação entre iniciação competitiva precoce e a longevidade ou o abandono precoce da modalidade;
- 3) A relação dos resultados competitivos com a formação e/ ou prestígio do técnico de judô.

1.3 Questões de estudo

Diante desta problemática e definidos os objetivos, elaboramos algumas questões de estudo com o intuito de nortear as discussões e a delimitação teórica do estudo, como segue:

- a) Existe relação ou interferência entre os resultados competitivos e a formação de técnicos para a modalidade?
- b) Existe relação entre a derrota e a desistência na modalidade?
- c) O prestígio conquistado como competidor é transferido para o prestígio do técnico?
- d) O judô, apesar do apelo oriental como atividade educativa relaciona-se mais com o esporte pela valorização dos títulos em oposição aos aspectos tradicionais da modalidade?
- e) Valores conquistados no campo esportivo são mais importantes para formação do técnico de judô que a formação em Educação Física?
- f) O sucesso competitivo é uma forma de valorização da formação artesanal por estar intimamente ligado ao “saber fazer”?

Optamos por apresentar tais questões de estudo devido à dificuldade de elaboração de hipóteses pela natureza da pesquisa (Dissertação) e sua identificação em relação às particularidades do judô que, em nossa análise, não apresentam um aporte teórico suficiente para sustentar sua construção, pois como afirmam Alves-Mazzotti e Gewandsznajder (1998; p.70).

Uma Hipótese não deve apenas ser passível de teste. As Hipóteses devem também ser compatíveis com pelo menos uma parte dos conhecimentos científicos. Entre outros motivos, porque, como qualquer experiência científica pressupõe uma série de conhecimentos prévios, uma hipótese que não tenha qualquer relação com estes conhecimentos dificilmente poderá ser testada.

1.4 Justificativa

A regulamentação profissional da Educação Física, o trabalho com esportes é citado como uma de suas especialidades (BRASIL, 1998) porém, é comum praticantes ou ex-atletas prestarem serviços técnicos específicos das modalidades em que foram atletas. O reconhecimento pelo desempenho desses esportistas, muitas vezes campeões consagrados, conhecedor da modalidade podem transformar-se em técnico. É o caso de muitos atletas que devido a sua dedicação a uma modalidade específica obtiveram o credenciamento junto ao Órgão fiscalizador para atuar mesmo não tendo o título Acadêmico, sendo assim reconhecido como provisionado.

Aparentemente o fator que consolida o sucesso dessas personalidades é seu desempenho como atleta. Considerando-se que é pela competição que um dos elementos

do artesanato, conforme descrito por Rugiu (1998), é posto à prova ou se aparenta de forma a deixar clara sua competência, o “saber fazer” que expressa no domínio do conteúdo técnico de execução dos movimentos próprios da modalidade. Neste sentido, Drigo (2009) refere que para o judô existe o prestígio da conquista de medalhas em campeonatos importantes como “capital específico” determinante para ascensão no espaço social da modalidade. O autor ainda comenta a sobreposição dos aspectos esportivos com relação aos tradicionais, excluindo-se o discurso que permanece inalterado ou pelo menos parte dele.

De modo semelhante, a busca do prestígio, por meio de conquistas em campeonatos expressivos tem levado grande número de crianças à competição. Tanto para técnicos e mesmo para atletas pode-se perceber o quanto à competição é vista como a finalidade do treinamento no judô. Essa ênfase na competição pode fazer com que muitos atletas das classes iniciantes abandonem o esporte antes de alcançarem o alto desempenho para o judô que para Zakaharov (1992), é por volta dos 24 anos. Fica evidente que não só os técnicos mas também as famílias estimulam os praticantes valorizarem o competitivo, independentemente da idade. A própria vivência artesanal, a responsável por essa reprodução de valores que, de forma concreta, não coaduna com a literatura científica sobre treinamento desportivo.

Mesmo com a regulamentação profissional da Educação Física, trazendo em seu currículo diversos saberes, entre eles o científico, necessários à constituição da profissão, não foi o suficiente para suplantarem as exigências da formação artesanal do técnico desportivo na perspectiva da modalidade judô. Academia oferece poucas oportunidades para discussão quanto às dificuldades e situações problemáticas na área de lutas, para que sejam atendidas as necessidades impostas pelo mercado de trabalho ao técnico desportivo. Porém admite-se que as questões relacionadas ao conhecimento de ser humano e o interesse pela leitura e produção científica são formados nas Universidades, o que não acontece na formação artesanal (faixa-preta), conforme esperado pela característica da modalidade.

Há uma grande dificuldade para os cursos de Educação Física atenderem as necessidades que envolvam a formação do técnico desportivo, sendo que, as Academias deveriam estimular os estudantes para a procura da ressignificação dos conhecimentos contidos e adquiridos no modelo artesanal quanto aos da Universidade, aproximando-os da práxis e direcionando-os às necessidades da intervenção profissional.

Conforme o exposto cabe ainda ressaltar que a complexidade desse tema, a competitividade vai além desta proposta que limita-se a estudar a relação da competição esportiva precoce na formação do técnico de judô e/ou no abandono da modalidade.

2. REVISÃO DA LITERATURA

Para a organizar os elementos que relacionam a formação do técnico de judô com o sucesso competitivo iniciado precocemente, esta revisão foi pautada, em diferentes tópicos que emergem da proposta de estudo, dividindo-se este texto em:

- Formação do técnico de judô, que engloba os itens: a) panorama geral da modalidade; b) formação profissional e legislação brasileira; c) normas da formação pela federação e confederação.
- Competição e desporto, que discutirá a especialização precoce, segundo autores nacionais tendo como referencial Norbert Elias.

2.1 Formação do Técnico de Judô:panorama geral da modalidade.

A literatura nacional que trata da história do judô relacionada com sua implantação no Brasil, geralmente é abordada por ex-praticantes da modalidade, como é o caso de Virgílio (1986) que aparece como referência em vários estudos acadêmicos como os de Júnior (1999); Cazetto (2004) e Drigo (2007).

Sendo assim, consta que o judô surgiu no Japão em 1882, após a sistematização de um compilado de técnicas do antigo jiu-jitsu. Este novo método de luta criado pelo ex-praticante de jiu-jitsu Jigoro Kano, se diferencia das demais lutas da época por apresentar poucos segredos e características mais esportivas, facilitando sua disseminação (FPJ, 2011; VIRGÍLIO, 1986). Destacamos que, “este novo método apresentava novos princípios pedagógicos, científicos e morais” (VIRGÍLIO, 1986 p.20.), porém, não são esclarecidos quais e como eram aplicados e nem sua contribuição. Possivelmente por essa obra não ter considerado os referidos temas como objeto de estudo. A falta de clareza quanto aos seus princípios podem ter influenciado sua disseminação pelo mundo na forma artesanal e não Acadêmica.

No Brasil, a data de sua implantação está entre 1903 a 1924 (VIRGÍLIO, 1986, p.55) e não foi através de uma missão oficial do Japão ou por escolas específicas, pelos imigrantes japoneses, trabalhadores rurais praticantes que continuaram seus treinamentos no país, por isso a data ser tão imprecisa. Conseqüentemente, foram eles que fixaram as técnicas dessa luta e também a cultura relacionada com os agricultores

japoneses para as regras e critérios de formalidades (CALLEJA, 1979, p.55; GONÇALVES JR e DRIGO, 2001).

Entretanto, uma nova versão da história do judô no Brasil foi reescrita pelo amazonense Rildo Heros Barbosa de Medeiros, comprovando por meio de pesquisa que o judô foi apresentado pela primeira vez por Mitsuyo Maeda em Manaus- AM no ano de 1915 (BORTOLE, 1997).

Para melhor compreensão, o judô foi definido por Drigo e Cesana (2005), como uma atividade corporal de ataque e defesa que ao longo de sua história transformou-se em esporte, adaptando-se à realidade e necessidades da sociedade em cada período que esteve presente, adaptando os equipamentos, o conteúdo técnico e as regras para se tornar mais atrativo. Entretanto, suas características tradicionais ainda são muito presentes como o sistema hierárquico das faixas e seu simbolismo, a abordagem didática de ensino (mestre e aprendiz), os gestos, o sistema de treinamento, características peculiares da modalidade que, de modo majoritário, continua resistindo à modernidade (DRIGO, OLIVEIRA e CESANA 2002; DRIGO, 2006 e 2007).

Com relação a essas características que compõem a cultura da formação do judoca, tendo como referências os dados coletados pelo Nepef/Lutas e treinamento desportivo, destaca-se que em um grupo formado por 22 participantes, no qual 15 são graduados em Educação Física, 3 têm outra formação acadêmica e 4 não têm curso superior - (²DRIGO, 2011) valorizam os aspectos técnicos e artesanais da modalidade são primazia em relação com os aspectos do desenvolvimento pedagógico ou do conhecimento do treinamento desportivo na elaboração de sessões de treinamento para crianças, cujo caráter didático-pedagógico deveria ser explicitado. Não se percebeu diferenças entre os formados em Educação Física e outros grupos no que se refere ao processo de iniciação esportiva cuja precocidade é determinada pela valorização ou supremacia da técnica em relação com a pedagogia e ao desenvolvimento harmônico de crianças, discriminados pelas linhas de valorização e domínio teórico dos envolvidos no estudo.

Estas características são aprendidas no processo de formação dos atletas que serão os futuros técnicos desportivos, como aponta Drigo (2007); dado que o técnico de judô obrigatoriamente deve ser faixa preta. Conseqüentemente, por meio das sessões de treinamento e pelas instituições que administram o judô que essas particularidades

² DRIGO. A.J. Palestra ao Núcleo de Estudos e Pesquisas em Formação Profissional no Campo da Educação Física (NEPEF), Grupo de Estudos de Lutas e Treinamento Desportivo, dados não publicados.

resistem à modernidade. Somando-se à forma como o judô foi implantado no Brasil, pelas suas características artesanais, tem-se, também, um poder limitado das ações do Conselho Regional de Educação Física para realizar a fiscalização dos instrutores da área de lutas em alguns estados brasileiros, como é o caso do Estado de São Paulo (GONÇALVES JR e DRIGO, 2001).

Com relação às estratégias metodológicas aplicadas nas sessões de treinamento, elas apresentam-se de forma conservadora, independente da faixa etária, gerando consequências no processo para a formação da criança e como esta será o futuro técnico de judô, este ciclo se repetirá, pois, não é permitida a reflexão, uma vez que o sistema de ensino é pautado no saber fazer. Fato que corrobora a seguinte reflexão crítica:

Aquecimento rotineiro: seqüência fixa de exercícios calistênicos durante o aquecimento, independente do conteúdo específico que será desenvolvido posteriormente; Outra questão é a estrutura de poder existente nas organizações administrativas centralizadora e hierarquizada, transpondo este mesmo sistema organizacional para as aulas, através da hipervalorização da faixa no judô, desabilitando a reflexão ou questionamentos por parte dos alunos [...] (GONÇALVES JR, DRIGO, 2001, p 131).

Além desta questão, estão presentes na modalidade as características culturais que se envolvem com as características próprias do praticante brasileiro, gerando em alguns momentos, uma violência simbólica, refletida nos praticantes durante as sessões de treinamento (MESQUITA, 1994). Neste sentido a Educação Física fará a mediação das questões culturais e da dinâmica da sessão de treinamento, respeitando e garantindo o melhor aproveitamento das características culturais de cada grupo.

Deste modo, torna-se importante o papel da Educação Física na ressignificação da cultura agregada à modalidade durante o processo de formação do técnico desportivo. E oferece, durante esse processo, mecanismos e técnicas de ensino, bem como diferentes abordagens didáticas para que ele reelabore sua prática, não limitando seus praticantes a uma única e rotineira sessão de treinamento, tolhendo sua liberdade de expressão para assim, adquirir uma visão crítica das sessões de treinamento e da sociedade como um todo, assumindo também uma relação de não passividade com seu corpo e sua prática desportiva.

A fragilidade quanto à organização didática, como já observado por Mesquita (1994), que colabora para o autoritarismo ou o excesso do mesmo nas sessões de judô

para crianças, implica na limitação criativa e uso de um amplo repertório de conteúdos nas sessões de treinamento, fato esse que pode estar relacionado com o percurso histórico do judô e da Educação Física no Brasil e suas relações, incidindo na qualidade do processo de formação do técnico desportivo, perfazendo, assim, a necessidade do contínuo estudo da formação profissional.

Segundo Oliveira, Betti e Oliveira (1988) a Educação Física faz parte do currículo escolar desde 1837, e o judô foi introduzido em nosso país no período de 1903 a 1924 (VIRGÍLIO, 1986). No entanto, não há relato de uma aproximação entre ambos ou qualquer influência nos processos evolutivos, exceto quando convergem para o campo esportivo ou como disciplinas isoladas em currículos de cursos de Educação Física (GONÇALVES JR. e DRIGO, 2001), sendo que apenas em 2009, na proposta curricular paulista, o judô vai aparecer como uma modalidade esportiva no do currículo escolar no conteúdo das lutas (SECRETARIA DA EDUCAÇÃO – SP, 2009).

Cabe ressaltar que no Brasil o judô teve grande destaque como esporte a partir do período conhecido como método esportivo de 1969 a 1979. É nesse período que Oliveira et al (1988, p.100) descreve que “o esporte ascendeu no país em função de interesses do Estado, houve a expansão e sedimentação do sistema formador de recursos humanos para Educação Física e o Esporte”. Período em que devido a grande importância dada aos Jogos Olímpicos, o país preocupou-se com a formação de atletas e técnicos e com o desenvolvimento do esporte nacional, podendo-se encontrar dados para análise nos relatórios do Ministério da Educação e Cultura (1973 apud BETTI, 1991, p.49):

O campeão olímpico não aparece acidentalmente – ele é consequência de um trabalho longo, paciente, árduo e cuidadoso, que exige planejamento, recursos materiais e humanos, apoio governamental e motivação nacional (BETTI, 1991, p.49).

Desde então, quanto à participação em Jogos Olímpicos, o judô se resalta entre os demais esportes individuais brasileiros, conquistando sua primeira medalha (bronze) em Munique, no ano de 1972, obtendo até 2011 um total de 15 medalhas olímpicas, sendo 2 de ouro, 3 prata e 10 de bronze. (disponível em www.cbj.com.br), mesmo dando pouca importância aos critérios de formação profissional de seus técnicos.

Quanto a esses resultados em Olimpíadas, Drigo (2006) retrata a realidade do esporte de forma diferente daquela apresentada pela mídia que o trata como uma

categoria em constante evolução. Por meio de uma análise qualitativa, o autor revela que o melhor resultado no período em questão (medalhas de ouro conquistadas), ocorreu em Barcelona 1992, e em termos quantitativos, cita os jogos de Los Angeles 1984, evento boicotado pela então União Soviética, fato que pode ter favorecido os atletas brasileiros.

Drigo (2006, p.84), revela o verdadeiro interesse da mídia televisiva, referindo-se à cobertura dada ao campeonato mundial de judô em 2005, “Aparentemente não há preocupação efetiva com o esporte judô, mas sim com o evento no qual ele está inserido”, fato que interfere no contexto do esporte no senso comum, pelos depoimentos dos comentaristas, como o apresentado por Drigo (2006, p.85), “O primeiro fator observado era a constante evolução (?) do judô no contexto internacional, provocada pela sua administração”, fato não comprovado pelo autor. Podendo neste sentido, ser afirmado que o modelo de formação do técnico desportivo consegue o destaque internacional para nossos atletas, portanto, como sendo o mais adequado. O autor defende que “o conteúdo deste texto buscou uma reflexão em direção a novos entendimentos sobre a realidade, partindo da idéia de que, somente reconhecendo a realidade e as suas possíveis falhas é que podemos transformá-la”, e neste caso, para transformar essa realidade é necessário que sejam estudados os modelos de formação do técnico de judô.

Entretanto, após o entendimento do processo de implantação do judô no Brasil e do “estado da arte” em que se encontra, é importante conceituarmos profissão, a Educação Física como profissão e sua relação com o movimento humano e esportivo.

2.2 Formação profissional e legislação brasileira: reflexos no judô e nas lutas

2.2.1. Legislação, formação profissional e profissão

A terminologia profissão, do ponto de vista legal, acompanhando as regulamentações se apresentam de forma confusa no Brasil. O termo possui uma legislação própria que regula desde profissões com a devida formação Acadêmica determinando a formação e o formato dos conselhos de área. Porém, também regulamenta ocupações profissionais no intuito de garantir direitos dos trabalhadores. Neste sentido, verificamos no Código Brasileiro de Ocupações (MINISTÉRIO DO

TRABALHO E EMPREGO³) por exemplo, Guardador e Lavador de Veículos (Lei nº 6.242/75), Mototaxista e Motoboy (Lei nº.12.009/09) e Empregado Doméstico (Lei nº 5.859/72, Decreto nº 71.885/73 MP 1.986-1/00) estão no mesmo rol da Medicina (Lei nº3.268/57), Advocacia (Lei nº 8.906/94) e Educação Física (Lei nº 9696/98) que diferentes do primeiro grupo possuem regulação por um conselho de área ou entidade semelhante que garanta o controle e regulação do mercado específico e também da necessidade de diplomação para exercer a profissão. De forma semelhante o “senso comum” de nossa sociedade identifica profissão apenas por ter carteira de trabalho assinada e/ou nível salarial e/ou dedicação e zelo pela ocupação que presta serviços.

Devido a esses fatores consideramos confusa a área profissional dentro do país, principalmente no que tange as questões ontológicas. Neste sentido identificamos a necessidade de recorrer a autores que auxiliem na definição de profissão de forma diferenciada das citações acima que não contemplam o sentido e significado que o termo tem perante a área mercadológica e do trabalho. Optamos por Freidson (1998), Venuto (1999), Barros (1993), Souza Neto (2010) e Drigo (2011), pela clareza e critérios que possibilitam identificar a ideia de profissão atrelada às características que as diferenciam das ocupações normais do campo de trabalho, assim como delimitam a Educação Física no seu espaço profissional.

Entendemos profissão como aquela que detém conhecimento extremamente especializado, geralmente oriundo de um curso de formação superior ou equivalente, caráter associativo que no caso brasileiro é identificado pelos conselhos profissionais, e direito à ingerência e controle da área de atuação da profissão na sociedade brasileira dada por uma Lei ou regulamentação específica, quesitos estes que apresentam uma adaptação à realidade brasileira das propriedades apresentadas por Freidson (1998) e abordado em Drigo (2011) que debate as características que permitem diferenciar o artesanato da profissão.

Portanto, nos referimos à Educação Física enquanto profissão que abarca as características de Freidson (1998), uma formação em curso superior, um conselho específico (Conselho Federal de Educação Física e os regionais) e uma regulamentação que define a especificidade e atuação do profissional (Lei 9696/98). Dentro deste formato que contempla o esporte como área de atuação do profissional, entre outras, deveria também enquadrar o judô pelo mesmo motivo, haja vista não identificamos

³ <http://www.mtecbo.gov.br/cbosite/pages/home.jsf>, acessado em 22 de outubro de 2011.

atualmente esta prática desvinculada do quadro competitivo nacional ou internacional ou mesmo Olímpico.

A Educação Física no Brasil também apresentou um processo histórico que a transformou no que ela é hoje. Souza Neto et al. (2004) relata que surgiu no país devido às primeiras colônias de imigrantes que se fixaram em solo brasileiro, e Betti (1988, p.14) comenta que em 1837 ela já fazia parte do componente curricular em escolas brasileiras na forma de ginástica.

Assim, teve início o processo de construção e desenvolvimento da área até culminar como profissão. Betti (1991, p 131-132) retratou a Educação Física em quatro períodos distintos, sendo o período de 1930 a 1945 conhecido como “método Francês, com objetivos de melhorar as funções orgânicas, aperfeiçoamento físico e a formação das qualidades morais”; de 1946 a 1968 o método foi denominado como “Desportivo Generalizado, com os objetivos de melhoria fisiológica, psíquica, social e moral”; já no período de 1969 a 1979, ficou conhecido como o “método esportivo com objetivo de iniciação esportiva e aptidão física”; de 1980 a 1986 o objetivo foi o desenvolver o pensamento crítico, criatividade e conscientização”. Souza Neto et al (2004), referem-se ao desenvolvimento e construção da Educação Física como profissão, como resultado pela contribuição de áreas como médica, militar, científica e esportiva.

Todo esse percurso histórico resultou na criação, em 1934, do primeiro programa civil por meio do Curso de Educação Física do Estado de São Paulo (SOUZA NETO et al, 2004; BARROS, 2006, p. 249).

Desde então, os cursos de Educação Física buscam atender às necessidades da sociedade, sendo dessa forma que Barros (1995), ressalta um dos marcos ocorridos com a sua reestruturação no Brasil pela Resolução 03/87 do Conselho Federal de Educação que fixa os mínimos de conteúdo e duração a serem observados nos cursos de graduação em Educação Física, refletindo que o curso de Licenciatura não observava por completo as exigências para a prestação de serviços especializados necessários em alguns setores da sociedade. Criou-se então, o Curso de Bacharelado em Educação Física.

É indispensável analisar e compreender o processo de formação do profissional de Educação Física, em especial o técnico desportivo de judô, a partir dos conceitos de ocupação e profissão.

A tênue distinção que emerge da reflexão de alguns autores como Feidson (1998) e Barros (2006, p. 245) reportam à ocupação como: ações com intenções econômicas e sociais. Porém, algumas ocupações exigem habilidades e competências

diferenciadas com alto grau de especialização, adquirem prestígio social e as tarefas que passam a desenvolver são arraigadas por um complexo e sistematizado conhecimento especializado, tornando esse indivíduo diferenciado dos demais trabalhadores e reconhecido como profissional.

Distingue-se de outras ocupações pelas tarefas específicas que reivindicam e pelo caráter especial do conhecimento é decisiva para o profissionalismo, e é expressa e transmitida por uma diversidade de agentes e instituições: não depende exclusivamente das relações profissional /cliente ou das atividades oficiais de associações (FREIDSON, 1998 p.71).

Para Souza Neto, Benites e Silva (2010, p. 1034), não se distingue na visão do campo de trabalho quanto aos termos ofício e profissão são tratados como ocupações e “No geral pode-se colocar que a ocupação é o modo genérico de organizar o trabalho, sendo apenas “emprego” na sua forma menor organizada e profissão na sua forma mais organizada”.

Barros (1993) propõe o uso do termo ocupação “quando conectado ao emprego na qual o indivíduo se sustenta e a profissão, enfatiza ser uma atividade ocupacional especializada. Se for especializada, é uma atividade diferenciada de outras que não o são”.

De forma mais precisa Barros (2006), trata do termo profissão como:

[...] uma profissão surge para atender a alguma necessidade específica da sociedade. Quando a sociedade era simples, suas necessidades eram simples, e requeriam apenas algumas profissões. A sociedade atual demanda diferentes tipos de serviços, alguns dos quais com alto grau de especificidade (BARROS 2006, p. 245).

Todos os problemas e necessidades da sociedade que envolvem a cultura corporal e o movimento esperam soluções vindas de profissionais da área da Educação Física, tanto do Bacharel como do Licenciatura. Para Freidson (1988, p.50-51), o prestígio profissional de algumas ocupações estão ligados à forma de organização da sociedade e ao diploma de curso superior.

A importância em desvelar o processo de formação do técnico desportivo de judô é justamente para adequá-lo aos critérios vinculados à profissão, com o propósito de reverter uma realidade na qual essa ocupação restringe-se à de técnico desportivo basta a capacidade de realizar gestos técnicos e reproduzir rotineiramente o que aprendeu e incorporou na prática, sem nenhuma reflexão e conhecimento especializado

– além do prático - e de ser chamado profissional do judô, incompatível com a definição de profissão vista até agora.

Relacionando-se legislação e área técnica desportiva, a interação possível dessas áreas atualmente no Brasil seria de: um profissional de Educação Física que presta serviços na área de judô como técnico da modalidade. Tendo-se em vista que a única profissão que aborda a questão do técnico desportivo no país – exceto o futebol que tem legislações conflitantes⁴ – é a Lei 9.696/98 que ingere:

Art. 3º [...] trata das competências do profissional de Educação Física [...] todos nas áreas de atividades físicas e do desporto. [...] Técnico Desportivo, Treinador Esportivo, Preparador Físico [...] Técnico de Esportes; Treinador de Esportes...(BRASIL. 1998)

Com isto, o fato de não ter vínculo com a Educação Física ou a impossibilidade de fiscalizar as lutas no país ou em um estado, não transforma os trabalhadores e instrutores dessas modalidades em profissionais, continuando a prática como uma atividade não regulamentada. Dado o exposto, é apenas no âmbito do senso comum que encontramos uma possibilidade de identificá-las como profissão, ou melhor, um técnico que seja profissional, pois, apesar de podermos considerar o conhecimento do judô como especializado, apenas do viés artesanal e não por conceitos teóricos, os outros critérios não se adequam aos conceitos de regulamentação pelo Ministério do Trabalho, muito menos pelos conceitos da literatura exposta.

Continuando a exploração dos conceitos, Freidson (1998) identifica que o diferencial entre as ocupações é a especialização e a competência na aplicação dos conhecimentos necessários nas diversas tarefas e divisão de trabalho. Conseqüentemente, ao se refletir sobre o ambiente esportivo, é possível constatar a existência de diversas ocupações, distintas pela competência e conhecimento especializado necessárias para a execução de diferentes funções. Quanto à função de técnico, seria também necessária à especialização quanto à idade e gênero dos atletas ou ao menos divisões de ambientes e organização de treino que possibilite contemplar as necessidades de cada população envolvida. Neste sentido, Silva, Tavares Jr. e Drigo

⁴ **Atleta de Futebol** Norma Regulamentadora: Lei nº 6.354, de 2 de setembro de 1976 / **Atleta Profissional de Futebol** Lei nº 9.615, de 25 de março de 1998

(2008), identificaram que os técnicos, em sua maioria, atuam de maneira generalista, ou seja, treinam crianças, adolescentes e adultos de ambos os sexos, da iniciação ao treinamento competitivo.

Na pesquisa Silva, Tavares Jr. e Drigo (2008), também constatam que a minoria dos técnicos de judô entrevistados possuem graduação em Educação Física e a maioria dos não graduados encaram o trabalho como profissão.

Retomando Freidson (1998), destaca o prestígio existente em algumas ocupações específicas, referindo-se ao diploma e à forma de organizar-se na sociedade., “...os membros tiveram todos algum tipo de educação superior e são identificados mais por sua condição de educação do que por suas habilidades ocupacionais específicas” (FREIDSON, 1998, p., 50). Para tanto, as ocupações que possuem uma reserva de conhecimento sobre um conjunto de tarefas são muito requisitadas e, assim, adquirem grande importância e prestígio na sociedade, se distinguem das demais, são definidas como profissão (FREIDSON, 1998).

Por outro lado e ainda refletindo sobre o assunto ocupação e profissão Venuto (1999) refere-se a elas como uma conformação do conhecimento, tratando-se do processo de passagem da ocupação para o campo profissional. A autora, neste sentido, conduz nosso entendimento para o fato de que a racionalidade científica organiza determinada ocupação, produz um conhecimento específico que ampara e legitima decisões tomadas no campo profissional, transformando assim, o saber fazer em profissão.

Porém, ela destaca que, havendo uma certa distância entre o conhecimento científico e ocupação, esta passa a ser, marginalizada, sendo necessário para sua regulamentação e institucionalização entendermos a dinâmica social estabelecida nesse grupo social. A autora propõe que ao estudarmos a dinâmica social de uma ocupação, entenderemos a ação de seus agentes no sentido de abarcar determinados recursos inerentes a ela que se tornam imprescindíveis para exercê-la e ocupar um certo espaço dentro dela.

Percebemos que algumas ocupações deixam em segundo plano o conhecimento racional-científico, pois este não consegue, dentro de determinada ocupação, reestruturar o conhecimento existente nem transformá-lo em pensamento mais estruturado, necessário e legítimo no campo profissional.

Estruturar os conhecimentos Acadêmicos e utilizá-los na formação do técnico desportivo de judô é algo para as próximas gerações de técnicos, pois Silva, Tavares Jr. e

Drigo (2008), constataram que a maioria dos técnicos não formados em Educação Física deram maior importância aos aspectos relacionados aos valores específicos da modalidade e não dão grande importância aos conhecimentos produzidos pela Academia. Neste caso não é possível construir uma racionalidade científica apenas valorizando os conhecimentos oriundos da própria modalidade no sentido de fazer e praticar o judô. Por consequência, refletindo sobre o que foi apresentado, as ações do técnico desportivo de judô remetem-se à uma ocupação na qual, pessoas com anos de prática podem exercer o trabalho. Neste caso o prestígio e o reconhecimento das lutas podem ser alcançados quando a concepção do técnico desportivo for incorporada também pelo contexto da racionalidade Acadêmica.

Além dessa racionalidade, Tradif (2000), trata dos saberes profissionais dos professores (competência e habilidade), e os considera como saberes da ação, “o trabalho não é primeiro um objeto que se olha, mas uma atividade que se faz, e é realizando-a que os saberes são mobilizados e construídos”.

Os saberes profissionais são diferentes dos conhecimentos adquiridos formalmente na Academia. Com relação à formação de professores este autor ressalta que :

[...] a pesquisa universitária se apóie nos saberes dos professores a fim de compor um repertório de conhecimentos para a formação de professores. A legitimidade da contribuição das ciências da educação para a compreensão do ensino não poderá ser garantida enquanto os pesquisadores construírem discursos longe dos atores e dos fenômenos de campo que eles afirmam representar ou compreender.(TARDIF, 2000, p.8)

O autor sugere que haja o domínio do conhecimento prático, em sua observação de professores (escola). Cabe saber se essas observações são pertinentes, tratando-se de lutas e dos técnicos desportivos. Porém, ele refere-se ao saber experimental como importante para a construção do trabalho profissional, tomado o devido cuidado para com o universo de pesquisa deste autor.

Por isso, essa possibilidade de uma possível decisão de se utilizar o saber experimental para outras áreas deve primeiro passar por estudos que bem alicercem a utilização destes conceitos fora da área escolar. Consideramos importante registrar a existência de apontamentos que valorizam o saber construído pela relacionada com os

desafios do cotidiano do trabalho, abrindo caminho para estudos, mas o universo dos professores e dos técnicos desportivos ainda estão distantes.

Desta forma, por um lado, percebemos que a Educação Física trilha um caminho em busca da reserva de mercado tendo ao seu lado, paralelamente o técnico artesanal. O contraponto entre o conhecimento científico e o saber fazer dos praticantes, ambos com conhecimentos distintos, que necessitam harmonização, embora este estudo se restrinja ao conflito existente no tempo presente.

Nesse sentido, fica evidente a importância dada por este estudo às duas formas de conhecimentos, tanto mais adiante será visto o artesanato e o que foi visto sobre a profissão, facilitando o entendimento dos primeiros laços de ligação entre o processo de formação do técnico desportivo de judô e a regulamentação da Educação Física enquanto profissão.

É preciso, no entanto, discorrer sobre a regulamentação da profissão que envolve a promulgação de uma determinada Lei que potencializa e restringe a abrangência de ações. Com a Educação Física não foi diferente, tratando-se de profissão regulamentada na área da saúde. Barros (2006), explica que o ato Legal de Promulgação da Lei 9.696/98 (BRASIL, 1998) tanto a Profissão Educação Física como os seus Conselhos Federal e Regionais (CREF) foram criados para:

[...] atender a uma necessidade específica de grande relevância para a sociedade bem como, define as responsabilidades dos seus agentes e determina os pré-requisitos pessoais e técnicos para aquele que se dispõe a exercê-la. A profissão é, pois regulamentada e organizada. Pela legislação regulamentadora de uma profissão, toda intervenção profissional deve ser praticada, exclusivamente, por profissional adequadamente preparado.(BARROS 2006, p.246)

Quanto aos profissionais, o mesmo autor refere-se que “são peritos naquela ação e podem exercê-la autonomamente. Em contrapartida respondem ética, civil e criminalmente pelos seus atos se causarem prejuízos decorrentes de imperícia, imprudência ou negligência, configurando nos deveres para com a sociedade” .(BARROS 2006, p.246). Esta ação faz com que seja criado o Código de Ética que dá responsabilidade profissional que no caso da Educação Física é pautada na Resolução⁵ n° 056/2003 do Conselho Federal de Educação Física (CONFEF) que dispõe sobre o

⁵ (http://www.confef.org.br/extra/resolucoes/conteudo.asp?cd_resol=103 consultado 2 set 2011)

Código de Ética dos Profissionais de Educação Física registrados no sistema CONFEF/CREFs:

Este Código propõe normatizar a articulação das dimensões técnica e social com a dimensão ética, de forma a garantir, no desempenho do Profissional de Educação Física, a união de conhecimento científico e atitude, referendando a necessidade de um saber e de um saber fazer que venham a efetivar-se como um saber bem e um saber fazer bem. Assim, o ideal da profissão define-se pela prestação de um atendimento melhor e mais qualificado a um número cada vez maior de pessoas, tendo como referência um conjunto de princípios, normas e valores éticos livremente assumidos, individual e coletivamente, pelos Profissionais de Educação Física. (Resolução⁶ n° 056/2003, CONFEF/CREFs)

Seguindo a lógica da referida Resolução, quanto às responsabilidades e deveres do Profissional de Educação Física, e o que foi apresentado por Drigo (2005) e Silva et al (2008) tratando-se das rotinas das sessões de treinamento e da importância dada pelos práticos de judô, quando deixaram em segundo plano o conhecimento acadêmico pode-se dizer, que não houve grandes avanços nesse esporte quanto a uma possível fiscalização e ao processo de profissionalização dos práticos (técnicos sem formação).

CAPÍTULO III Das Responsabilidades e Deveres Art. 6º - São responsabilidades e deveres do Profissional de Educação Física: I - promover uma Educação Física no sentido de que a mesma se constitua em meio efetivo para a conquista de um estilo de vida ativo dos seus beneficiários, através de uma educação efetiva, para promoção da saúde e ocupação saudável do tempo de lazer; II - zelar pelo prestígio da Profissão, pela dignidade do Profissional e pelo aperfeiçoamento de suas instituições; III - assegurar a seus beneficiários um serviço profissional seguro, competente e atualizado, prestado com o máximo de seu conhecimento, habilidade e experiência; VIII - manter-se informado sobre pesquisas e descobertas técnicas, científicas e culturais com o objetivo de prestar melhores serviços e contribuir para o desenvolvimento da profissão; XII - manter-se atualizado quanto aos conhecimentos técnicos, científicos e culturais, no sentido de prestar o melhor serviço e contribuir para o desenvolvimento da profissão (CONFEF/CREFs, 2003).

⁶

(http://www.confef.org.br/extra/resolucoes/conteudo.asp?cd_resol=103 consultado 2 set 2011)

Para um melhor entendimento da atual situação da área de formação em Educação Física torna-se necessário entender que o Conselho Nacional de Educação⁷ (CNE) /CP n° 1/2002 institui Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação de Professores da Educação Básica, em nível superior, curso de licenciatura, de graduação plena. A resolução CNE/CP 2/02 institui a duração e a carga horária dos cursos de licenciatura, de graduação plena, de formação de professores da Educação Básica em nível superior, determinando que o licenciado em Educação Física, única formação até 1987, ficasse restrito à atividade escolar. No caso do Bacharelado, em substituição a resolução 03/87 que definia o currículo mínimo do curso de Educação Física há a publicação da resolução CNE/CES n° 7/2004 que introduziu as Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Física.

Em seu Art. 1, a presente Resolução institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para o curso de graduação em Educação Física, em nível superior de graduação plena (Bacharelado), assim como estabelece orientações específicas para a licenciatura plena em Educação Física nos termos definidos nas Diretrizes Curriculares Nacionais para a formação de Professores de Educação Básica.

De modo geral, atualmente, espera-se que a formação inicial do técnico desportivo ocorra por meio dos cursos de Bacharelado/graduação em Educação Física, e que os mesmos ofereçam a capacitação adequada para que o profissional possa atuar e intervir no mercado de trabalho e que o interesse do egresso determine seu aperfeiçoamento, ampliando ou aprofundando o conhecimento oferecido na graduação. Fica restrito aos conselhos o poder de fiscalizar os profissionais formados pelos cursos de graduação em Educação Física, em nível de graduação plena em Educação Física (Bacharelado) fazendo-os cumprir e respeitar os princípios exigidos pelo Código de Ética da referida categoria.

Tratando deste assunto, O Capítulo I da Resolução⁸ n° 056/2003 do Conselho Federal de Educação Física (CONFEF) dispõe sobre o Código de Ética dos Profissionais de EF registrados no sistema CONFEF/CREFs e nas disposições gerais em seu artigo 3° O Sistema CONFEF/CREFs reconhece como Profissional de Educação Física, aquele identificado conforme as características da atividade que desempenha, pelas seguintes denominações:

7

http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=12907:legislacoes&catid=70:legislacoes (CNE) /CP n°: 03/87; 1/2002; 02/2002; 07/2004.

⁸ (http://www.confef.org.br/extra/resolucoes/conteudo.asp?cd_resol=103 acesso 2 set 2011)

[...] Professor de Educação Física, Técnico Desportivo, Treinador Esportivo, Preparador Físico, Personal Trainer, Técnico de Esportes; Treinador de Esportes; Preparador Físico-corporal; Professor de Educação Corporal; Orientador de Exercícios Corporais; Monitor de Atividades Corporais; Motricista e Cinesiólogo. (CONFED/CREFs, 2003).

A Lei 9.696/98 (BRASIL, 1998) no seu artigo 3º trata das competências do profissional de Educação Física:

[...] Compete ao Profissional de Educação Física coordenar, planejar, programar, supervisionar, dinamizar, dirigir, organizar, avaliar e executar trabalhos, programas, planos e projetos, bem como prestar serviços de auditoria, consultoria e assessoria, realizar treinamentos especializados, participar de equipes multidisciplinares e interdisciplinares e elaborar informes técnicos, científicos e pedagógicos, todos nas áreas de atividades físicas e do esporte [...].

2.3 Modelo da Federação Paulista de judô

A evolução do judô no país foi independente do desenvolvimento da Educação Física como profissão (DRIGO, 2009). Neste sentido, a formação do técnico desportivo é feita por sistemas autônomos, pelos conhecimentos práticos sistematizados pelas Federações e adquiridos na prática das técnicas, pela vivência competitiva ou pelo sistema acadêmico formal de aprendizagem profissional.

Gonçalves Junior e Drigo (2001) sinalizam para o despreparo da Academia ao oferecer cursos que capacitem seus profissionais com os conhecimentos técnicos da modalidade para atuar no mercado de trabalho após a conclusão do curso de Bacharelado.

Drigo (2007 e 2009) estudou a estrutura de formação do técnico por meio da aquisição da faixa preta feita pela FPJ. Em uma breve explicação, a promoção de grau para Faixa-Preta de Judô é competência exclusiva da Confederação Brasileira de Judô que, por delegação específica, autoriza a Federação Paulista de Judô (FPJ) realizar

Exames de Graduação, até o 5º (quinto) *Dan*, aos candidatos registrados por entidades filiadas e vinculadas⁹.

No cenário apresentado, é possível entender que o sistema com critérios científicos empregado pela Academia, não é o único utilizado para a formação do técnico desportivo de judô. Drigo (2002) reporta-se às escolas de ofícios (artesanato) e as compara com o sistema utilizado pela Federação Paulista de Judô respaldada pela Lei 9.615/98 (BRASIL, 1998) que regulamenta e institui normas gerais sobre o desporto. Devido aos poderes legais a elas atribuídos em função da Lei 9.615/98, a instituição no caso a FPJ, pode conferir ao praticante o título de técnico responsável após a conquista da faixa preta (3º grau), tornando-se um representante da FPJ que poderá outorgar e oficializar promoções de faixas, como também ser responsável técnico por academias que não possuam um faixa preta com pelo menos 3º grau.

Nesse sentido, pode ocorrer um distanciamento do conhecimento científico ou a valorização do conhecimento prático no campo profissional das lutas. Esse foi motivo de debate apontado por Gonçalves Jr. e Drigo (2001), ao discutirem sobre a regulamentação da Educação Física e inclusão das artes marciais, nos cursos de graduação de Educação Física tanto, na licenciatura, como no bacharelado, afirmando que são raras disciplinas de lutas obrigatórias e ou optativas, podendo assim, causar um certo distanciamento do profissional de Educação Física do universo das artes marciais, dificultando a sua inserção ou legitimação perante o mercado de trabalho.

Tendo-se em vista a discussão anterior, entende-se que a formação de um faixa preta difere da formação profissional, devido ao já exposto e discutido. Embora não se possa desconsiderar que o faixa preta possui um conhecimento próprio, constante sistematizado. Atribui-se ao artesanato e à formação realizada em escolas de ofício com características e semelhanças encontradas nas instituições e no processo de formação do técnico desportivo de judô. Devido a esta constatação, relacionada com as características semelhantes entre as formações do ofício e do judô serão aprofundadas.

9

http://cbj.dominiotemporario.com/cbj/images/albums/_Noticias/x8Jfll88UXjR8UOmbcGWs/REGULAMENTO%20DE%20GRADUACAO%20-%20DIVULGADO%20EM%2009%20DE%20FEV%202011.
acessado em 2 de setembro de 2011.

2.4 O Artesanato e as Escolas de Ofício

Estudos que consideram a relação da formação artesanal com os esportes já estão presentes na literatura acadêmica. Drigo (2007, 2009) ressalta essa semelhança em lutas e aponta para o judô. Benites, Barbieri e Souza Neto, (2007) apontam essas questões relacionadas ao futebol. Silva, Souza Neto e Benites (2009) observam que a capoeira também apresenta as mesmas características, apoiados por Souza Neto, Benites e Silva (2010) e finalmente Ramos (2009) considera os estudos que relacionam as escolas de ofício com a profissão Educação Física em nossa sociedade.

Esses estudos permeiam a possibilidade de se entender o desenvolvimento da Educação Física da prática à profissão. No caso do judô, há características pedagógicas que podem ser relacionadas com a escola de ofício, conforme apresentado por Drigo (2009). Verifica-se isso tanto na forma de transmissão de conhecimentos de domínio técnico quanto no treinamento dos praticantes que é feita de forma progressiva da faixa branca até a preta, quando é considerado instrutor técnico ou “professor” da modalidade¹⁰. Neste aspecto, o mestre de ofício, é representado pela figura do Sensei, sendo aquele que detem o conhecimento do saber fazer e tem a incumbência de transmitir esses conhecimentos aos jovens aprendizes, possibilitando-os e instrumentalizando-os para o aprendizado das técnicas que poderão torná-los mestres artesões ou Senseis. Lembrando que para as escolas de ofícios ou artesanais, as atividades práticas são consideradas tão importantes quanto os estudos formais na construção dos valores da modalidade e como meio de formação de faixas pretas ou instrutores de judô (DRIGO 2009).

Um dos conteúdos referentes ao saber fazer do processo artesanal relacionado o judô pode ser descrito pela divisão dos níveis de aquisição de conhecimento ou sistema de graduação que permite aos praticantes o domínio de uma determinada quantidade de golpes para que possa ser qualificado para a mudança de faixa (DRIGO, 2007).

Conforme a superação de faixas e quantidades maiores de golpes for aprendido ele estará apto a realizar o exame para a faixa preta (instrutor) que é controlado e regulamentado pelos órgãos oficiais no caso a Federação Paulista de Judô e a Confederação Brasileira de judô. Porém, o candidato deve ser indicado pelo seu mestre

¹⁰ Apesar no judô considerar o prestador de serviço (técnico ou instrutor) como professor, optamos pela não utilização posterior do termo para evitar confusões com a área escolar, não vamos considerar professor de escola como sinônimo de técnico.

e pelo Delegado responsável da região à que pertence, cumprir todos os cursos de capacitação oferecidos pela FPJ, quando será examinado pelos mestres. Aprovado, poderá usar a faixa preta e tornar-se instrutor da modalidade, sem a necessidade da graduação em Educação Física. (DRIGO, 2009).

A valorização do conhecimento prático no judô também foi constatada no estudo apresentado por Silva, Tavares Jr. e Drigo (2008). A pesquisa teve como um dos objetivos identificar se o conhecimento produzido na área acadêmica estava sendo utilizado pelos profissionais do judô. Participaram dessa pesquisa dezessete técnicos de judô, na sua maioria sem formação em Educação Física. Os resultados apresentaram a diferença no grau de importância dados aos conhecimentos da modalidade com relação aos conhecimentos produzidos no meio acadêmico. Os técnicos observaram a importância dos aspectos relacionados com os valores específicos da modalidade como os conhecimentos de história, filosofia e ética no judô, mais que os conhecimentos produzidos pela Academia. A lacuna existente entre os conhecimentos da Academia com a intervenção possa ser preenchida pelo “contato dos alunos da graduação com profissionais experientes, além dos professores da Universidade” (PEREIRA, 2004, p.120).

O Artesanato representa um importante elo para o processo de formação do técnico desportivo de judô utilizado pela FPJ, pois o sistema de transmissão do conhecimento das técnicas e mistérios da modalidade ainda é feito pelo sistema de escola de ofícios; da relação entre mestres e aprendizes. Neste sentido, para os praticantes de judô (judocas), os cursos de graduação em Educação Física são ineficientes para o domínio integral dos conhecimentos operacionais dos golpes dessa modalidade, pois, “a base do conhecimento do trabalho artesanal é o saber da prática, ao contrário do conhecimento científico que alicerça a profissão” Drigo (2009, p.397).

Com relação à escola de ofício utilizamos o entendimento que segue:

[...] a formação artesanal que possui uma gradação no aprendizado pela observação e experiência. Valoriza mais a performance do que o conhecimento abstrato, priorizando-se a maestria de uma arte de ofício. Modelo onde a experiência sobressaia à teoria, tendo no aprendizado informal o seu ponto de partida [...], (SILVA, SOUZA NETO e BENITES, 2009, p. 872)

Para compreendermos as corporações de ofício Silva, Souza Neto e Benites (2009, p.876) propõem como: “locais que têm a arte como um dever a ser cumprido, e as

escolas de ofício são a maneira pela qual a arte é ensinada para que venha a se tornar um ofício”.

Drigo (2007), destaca a importância das universidades nesse processo:

[...] Faz-se necessário indicar, também, que este aspecto se torna evidente pela ausência de atuação das Universidades e Centros de Pesquisas que pouco se interessaram pelo entendimento sobre as lutas, porém, não se pode tirar a responsabilidade conjunta das Federações e Confederações que não estimulam a pesquisa na área (DRIGO 2007, p.78).

Temos também que a apresentação da realidade sobre os esportes de lutas, o meio científico, sua interação e o confronto das artes marciais e o judô com a profissão e Educação Física:

Os estudos especializados sobre esportes de lutas no Brasil são escassos e carecem de sistematização científica, conforme observado por estudos anteriores constituindo uma fronteira a ser ultrapassada (DRIGO 2007, p.77).

Continuando, o autor refere que as interações de aspectos sociais, culturais, esportivos, legais e educacionais presentes no judô demandam pesquisas e estudos como fenômeno sob múltiplos enfoques e quando verifica-se as semelhanças entre as corporações de ofício com as federações esportivas de lutas torna-se necessária uma análise mais detalhada:

O que pode ser observado pelo fato de serem as Federações que controlam as atividades dos desportos de lutas, desde a iniciação como praticante, até o aval para o reconhecimento das performances (controle das faixas) e a formação ou reconhecimento do professor/técnico, ou mestre da modalidade. (DRIGO, 2009 p. 398).

A contaminação esportiva pelo saber fazer pelo esforço ou resultados competitivos poderá causar mudanças nas intenções e objetivos, tanto por parte do técnico, quanto do atleta sob influência de um novo pensar. Conseqüentemente poderá deixar de dar importância aos pressupostos aplicados ao treinamento de suas habilidades e capacidades de acordo com a fase de desenvolvimento em que se encontra a criança e o jovem para a preocupação exacerbada com os resultados competitivos a curto prazo.

Na busca de uma melhor compreensão da hegemonia do artesanato que se sobrepõe à aplicação dos conhecimentos científicos no judô, surge uma possível discussão sobre a utilização estudos de Elias e Scotson (2000) que apresentam em sua obra os mecanismos existentes nas relações sociais entre grupos que querem se estabelecer, assim como os que ocupam posições de prestígio e poder.

Esta nova forma de observar as inter-relações que ocorrem no ambiente das lutas quanto ao artesanato a formação do atleta e do técnico desportivo abre a possibilidade de novos estudos, porém, sabemos que os universos são distintos. Cabe a este estudo registrar da intenção de uma nova frente de análise desse ambiente sendo por meio desses autores que serão desveladas as interpretações que ainda persistem incompletas. Eles apresentam o significado de establishment (estabelecidos) que será empregado no texto:

[...] As palavras establishment e established são utilizadas, em inglês, para designar grupos e indivíduos que ocupam posições de prestígio e poder. Identidade social: construída a partir de uma combinação singular de tradição, autoridade e influência. Established fundam seu poder no fato de serem um modelo moral para os outros. Os ingleses utilizam os termos establishment e established para designar a minoria dos melhores nos mundos sociais mais diversos, do bom gosto no campo das artes, da excelência científica, das boas maneiras cortesãs, dos distintos hábitos burgueses, a comunidade de membros de um clube social ou desportivo. Outsiders não membros da boa sociedade, pessoas unidas por laços sociais não tão intensos, não constituem propriamente um grupo social (ELIAS E SCOTSON 2000, p.7, p.33).

Podemos relacionar com este grupo o sistema de graduação e os resultados competitivos obtidos como atleta ou mesmo atuando como técnico desportivo da modalidade, como critérios para adquirir prestígio e poder dentro da modalidade, tornando-se assim, o grupo estabelecido.

O que, percebemos nas transmissões televisivas dos campeonatos de grande relevância como Copas do Mundo e Olimpíadas apresentarem-se como comentaristas técnicos desportivos, ex-atletas de grande prestígio competitivo, pertencentes ao grupo dos estabelecidos, pois detêm a tradição, autoridade e influência necessárias para ocupar essas posições. Pelo contrário, não é comum observarmos estudiosos, pedagogos e profissionais de Educação Física especializados nessa atividade.

Essa perspectiva faz com que os estabelecidos sejam modelos, transformando o ambiente. Nesse sentido, faz com que o saber competir sobreponha-se ao saber fazer alterando o cenário do treinamento para crianças em um ambiente propício para o que é conhecido como especialização precoce que segundo Paes (et al, 2008) consiste na exigência de execução de gestos técnicos com perfeição e eficiência, não respeitando, assim, as fases do processo de aprendizagem da criança.

O esporte neste caso passa a ter uma função utilitarista, apresentando uma face que contraria os critérios estabelecidos pela Lei 9696/98 e o Código de Ética da profissão Educação Física (BRASIL,1998) e segundo Elias e Scotson (2000):

Dê-se a um grupo uma reputação ruim e é provável que ele corresponda a essa expectativa. Eles gostavam de fazer exatamente as coisas que lhes eram censuradas, como um ato de vingança contra aqueles que os censuravam.(ELIAS e SCOTSON, 2000, p.30). Verifica-se que as crianças marginalizadas são mais propensas à agressividade e, em certos sentido, materializam os estereótipos que lhes são atribuídos, pelo menos até certo ponto. .(ELIAS e SCOTSON, 2000, p.32). Nesses casos, os outsiders não têm nenhuma função para os grupos estabelecidos: simplesmente estão em seu caminho e, com muita frequência, são exterminados ou postos de lado até perecerem. .(ELIAS e SCOTSON, 2000, p.33)

Analisando-se o acima citado, o sistema de graduação e os resultados competitivos criam a necessidade de pertencer aos outsiders, buscando um lugar no grupo dos estabelecidos, ou seja, ser faixa preta e tornar-se campeão. Os que não conseguem são postos de lado e considerados como grupo inferior.

Quando os outsiders representam a necessidade dos estabelecidos, as relações se tornam-se mais próximas:

Inversamente, quando os grupos outsiders são necessários de algum modo aos grupos estabelecidos, quando têm alguma função para estes, o vínculo duplo começa a funcionar mais abertamente e o faz de maneira crescente quando o equilíbrio de poder pende um pouco a favor dos outsiders.(ELIAS e SCOTSON, 2000, p.33)

Sabemos da distância existente entre o que foi citado acima e a realidade das lutas, porém é possível observar entre os atletas outsiders que alcançam determinado prestígio competitivo que sua permanência no grupo dos estabelecidos é retroalimentada conforme os resultados obtidos. Essa alternância de posição entre grupos de outsiders e estabelecidos é constante e muitas vezes imperceptível entre os atletas.

Também é possível verificarmos, nesse sentido, a existência dessa relação entre técnicos e atletas outsiders com os estabelecidos no meio competitivo, ou seja, os estabelecidos passam a ser modelos a serem replicados pelos outsiders na busca do sucesso, porém numa concepção artesanal, sem questionar os meios usados para a conquista. Nesta perspectiva, é comum no meio esportivo infantil a busca pela especialização precoce para manter-se entre os estabelecidos. Neste sistema, o que acontece com os atletas estabelecidos e outsiders?

2.5 Especialização esportiva precoce

Este estudo pretende abordar o processo de formação do técnico desportivo de judô a valorização dos resultados precoces em campeonatos, os modelos de sessões de treinamento de adultos aplicados para as crianças, a iniciação precoce em campeonatos e temas correlatos. Todos esses fatores perpassam por ambientes gerenciados pelo técnico de judô e que podem, dada sua formação profissional, retroalimentar este sistema, por meio das experiências vividas e passadas no processo artesanal em que mestres foram competidores mirins e valorizam a competição infantil como forma de acúmulo de prestígio - ou capital específico (BOURDIEU, 89). Para análise das conseqüências que discutiremos neste trecho usaremos como referencial textos de autores clássicos da literatura nacional que tratam da especialização esportiva precoce e os assuntos que o permeiam.

Buscamos também uma nova perspectiva sobre esse assunto que pode motivar e fomentar discussões sobre a especialização esportiva precoce sob o prisma da sociologia. Para maior clareza, será utilizado o texto de Elias (1995), ampliando a compreensão das causas e conseqüências para quem percorre esse caminho como atleta ou técnico.

A obra que utilizada é de (Elias; 1995), com o título: Mozart: a sociologia de um gênio, que trata da infância de Mozart ¹¹, adolescência e o fim de uma vida do artista, mostrando as conseqüências do despreparo de seus pais e mentores diante de sua prodigiosidade.

Na perspectiva da especialização esportiva e competitiva precoce, cabe lembrar que o universos e épocas são diferentes (música e esporte), sendo assim, deve haver o

¹¹ Nasceu em Viena (Áustria) em 1756 e faleceu em 1791 aos 35anos.

cuidado nesta discussão, mas não deixaremos de fazer apontamentos pertinentes ao estudo que possam abrir possibilidades para novos estudos, contribuindo assim, para o contínuo desenvolvimento do tema. Sabemos que a especialização precoce já foi e é muito discutida em nossa sociedade Acadêmica que aborda este tema em seus diversos aspectos como o fisiológico, psicológico e sociológico e emocional, porém, essa prática com crianças não está abolida em todos os meios esportivos atuais. Países como o Brasil consideram esta prática como natural embora, parte da literatura científica a condene. Neste quesito deve haver um direcionamento das análises para o entendimento do fenômeno e sua relação com o encontrado por Elias (1995).

Para tanto é necessária uma breve descrição da obra de Elias (1995) que foi um grande admirador da música e usou da sociologia para estudar a vida de um compositor considerado como gênio e vamos utilizar sua obra para descrever um pouco da vida deste gênio. Wolfgang Amadeus Mozart nasceu em 1756, dispunha de uma notória criatividade como compositor, o que pouco o ajudou a resolver os constantes conflitos que manteve com a sociedade da época, incapaz de compreender, conviver e até domar tal criatividade.

Em todas as suas obras, Norbert Elias preocupou-se com a didática de apresentação de seus conceitos para que houvesse ter uma compreensão mais abrangente de suas ideias, o mesmo ocorreu no caso Mozart, para nós entendermos as causas e as conseqüências dos conflitos vividos por esse gênio da música erudita e transpô-la para nossos estudos, é necessário, assimilado o conceito do sentido da vida definido pelo autor:

[...] Para se conhecer alguém é preciso conhecer os anseios primordiais que este deseja satisfazer, e a vida faz sentido ou não para as pessoas, dependendo da medida que essas pessoas conseguem realizar tais aspirações. Mas os anseios não estão definidos antes de todas as experiências (ELIAS; 1995 p.13).

Tanto no caso de Mozart, como na vida de muitos jovens, os talentos esportivos, as aspirações dos técnicos, dirigentes e familiares muitas vezes são prioritárias e não as mesmas que a dos atletas, sendo neutralizadas pela pouca experiência. Aspirações não são criadas antes das experiências, e dependendo da idade em que se encontram os atletas, sua única aspiração é o brincar, o que muitas vezes lhes é negada.

Seu pai, Leopold Mozart, foi seu grande mentor. Era serviçal do príncipe-bispo de Salzburgo tentou educar seu filho Mozart dentro dos preceitos da sociais da corte,

transmitindo todo seu conhecimento da música erudita, direcionando-o para a carreira de músico. Na sociedade da época e no do “interior de tal estrutura era comum o pai assumir o papel de mestre e educar o filho às artes do ofício, talvez até mesmo desejasse que o filho excedesse sua própria perícia”(ELIAS, 1995 p.26).

A estreita relação da escola de ofício - apresentada no capítulo que nos referimos sobre o artesanato - com os valores do mestre, no caso o pai do compositor, fica clara neste trecho citado por Elias (1995), que além de toda a preocupação com a educação musical, ele, tentou ensinar-lhe a arte da diplomacia de corte, para tornar-se homem do mundo, no que não obteve grande sucesso, ressaltando que:

Mozart jamais adquiriu a polidez especial do cortesão, nunca se tornou um homem do mundo, um cavalheiro”, não se adaptou ao *establishment* “embora fosse um subordinado, socialmente dependente dos aristocratas da corte (ELIAS; 1995 p. 23).

O texto retrata que desde muito cedo, na mais tenra idade, já era submetido a severos treinamentos para a música e antes dos cinco anos já executava diversas obras de compositores conhecidos do continente Europeu. Foi submetido a um rígido e tradicional treinamento para a música, e sempre foi capaz de aprender em pouco tempo a tocar complexas peças musicais e a compor. Sua primeira série de concertos aconteceu antes de completar seis anos e assim foi a vida de Mozart. Sem escolha e dedicado a um trabalho exaustivo sob a supervisão do pai dos 07 aos 21 anos de idade. Todo esse processo, da especialização artística prematura, o severo treinamento e o exaustivo trabalho profissional exigido desde a infância e na adolescência, acabaram por causar a ele muitas privações, impedindo-o de viver sua infância (ELIAS, 1995, p. 69-79).

O texto não relata momentos em que Mozart brincava com amigos. A dedicação exaustiva provocava seu isolamento e a falta de habilidades sociais de relacionamento, que fariam falta quando adulto para de lidar com a pressão das apresentações. Duas características marcantes que desenvolvidas muito cedo, com as quais não soube lidar ao longo de sua vida, pela eterna necessidade de agradar a todos a sua volta com o seu talento de menino prodígio, foram a necessidade de sempre sentir-se amado e a incapacidade de lidar com frustrações (ELIAS, 1995, p. 71).

A dedicação exclusiva, as apresentações e criações, as constantes viagens furtaram-lhe a infância e todos os benefícios do convívio com crianças de sua idade

poderiam tê-lo ajudado principalmente, em seu desenvolvimento social. Nos parágrafos abaixo Elias (1995) refere-se ao isolamento e a puberdade atrasada de Mozart:

[...] A limitação dos contatos humanos àqueles mediados pelo pai claramente contribuiu para certo isolamento, para uma crescente dependência de sua própria imaginação. Enfrenta o isolamento que esta vida constantemente protegida lhe provoca, recolhendo-se em sua fantasia musical, (ELIAS, 1995, p. 96- 97).

Diante desses aspectos desfavoráveis, o isolamento pode ter causado a Mozart o retardamento da puberdade, identificada nas cartas enviadas à prima Bäsle “

Escritas com 21 ou 22 anos é produto de uma puberdade atrasada. Sem dúvida, ele não bancava o palhaço apenas em suas cartas” (ELIAS, 1995, p.100). Por estar sempre sendo vigiado pelo pai que não deixava com que Mozart resolvesse alguns assuntos lhe causou dificuldades no relacionamento, “era jovem, cheio de sonhos e com pouco conhecimento do mundo”, (ELIAS, 1995, p.114).

Analisar essas poucas descrições da vida ceifada desse jovem talento, nos faz repensarmos o que já pode ser presenciado em eventos esportivos infantis. Quantos jovens não estão vivendo suas próprias vidas, por terem que realizar sonhos de outros?

Todos esses descuidos, se forem possível chamá-los assim, não ocorrem somente nos eventos esportivos, tais atitudes podem ser comuns, tanto no tratamento recebido em casa, como nas sessões de treinamento. Já para Mozart isso era uma constante:

[...] A suspeita de tal criança tinha sido produzida rápido demais e de que seu talento não duraria era difícil de evitar e não era infundada. Nos seu vinte anos de vida, Mozart foi submetido a um regime estimulante, mas extremamente severo. O fato de que uma aprendizagem assim especializada o tenha capacitado a realizar feitos extraordinários em seu campo específico talvez seja menos surpreendente do que o fato de ela não ter provocado maiores danos a seu desenvolvimento geral como ser humano A educação precoce dada por um pai com uma consciência extremamente exigente, e que corrigia todos os erros musicais do filho com severidade, fez nascer na criança, como muitas vezes acontece, uma consciência não menos rigorosa, mas também um caráter muito diferente. Deu origem a certas peculiaridades de sua personalidade que, muitas vezes, são vistas como excêntricas, (ELIAS, 1995, p.84-85,).

Depositar todas as esperanças em uma pessoa para obter a ascensão social, não é fato atual, pois, o pai de Mozart tinha como um dos objetivos “usar os talentos do filho

para encontrar uma posição apropriada para ele e um refúgio para a família” (ELIAS, 1995, p. 88).

Em outra passagem do texto, demonstra a preocupação do pai com a carreira do filho pela sua precocidade:

Sem nenhuma esperança de uma sorte melhor, esperar Wolfgang crescer, deixar que nos façam de tolos, a mim e a meus filhos, até que eu chegue a uma idade em que não possa mais viajar e ele chegue a uma idade de aparência física que não atraiam mais a admiração por seus méritos (ELIAS, 1995, p. 87).

De maneira ardilosa e sem nenhum escrúpulo, Leopold tentou a ascensão social por meio do filho:

[...] Há, portanto, boas razões para dizer que Leopold Mozart tentou realizar-se na vida através do filho. Não é o caso de perguntar se ele estava certo ao fazer isto. Quando a realização da vida está em jogo, as pessoas muitas vezes são sem escrúpulos. O pai de Mozart, também músico, ensinou-o a tocar piano provavelmente quando ele tinha três anos. Pode ser que, muito cedo, ele lhe tenha despertado a tênue esperança de alcançar a desejada ascensão social (ELIAS, 1995, p.72,).

No caso Mozart, sua mãe deixa claro as verdadeiras intenções, em uma carta enviada ao seu esposo e pai de Mozart, “Espero de verdade, que Wolfgang faça fortuna em Paris rapidamente, de modo que você e Nannerl possam logo vir nos encontrar”, (ELIAS, 1995, p.88).

Nas citações seguintes, Elias (1995), retrata as primeiras conseqüências na vida de Mozart dentro dos moldes da especialização precoce, no caso proporcionado pela música, como a dificuldade para lidar com a rejeição, necessidade de ser querido, necessidade de ser aceito e obter reconhecimento dos estabelecidos:

[...] Stablishment e o despreparo para o crescimento biológico, onde suas habilidades não seriam mais excepcionais para sua idade: Acontece, com muito mais freqüência do que se pode imaginar, de alguém se empenhar com fervor em ser aplaudido por seu círculo imediato de amigos e conhecidos, no reconhecimento em aclamação pela cidade onde vive, e que o sucesso em qualquer outro lugar do mundo não compense a falta de sucesso, ou mesmo a rejeição que experimente círculo mais restrito a que se esteja ligado (ELIAS, 1995 p. 36).

Dessa forma, é possível que todas as necessidades de Mozart apresentadas na obra de Elias (1995), como o à luta incessante pelo fulgor do aplauso entusiasmado que conheceu quando criança, a insaciável necessidade de ser amado tanto físico como emocional, o reconhecimento e aceitação do establishment local, sejam possivelmente conseqüências de sua precocidade e que apesar de todo o esforço “precisamente este sucesso foi, afinal, negado a Mozart” (ELIAS, 1995, p. 39). E toda beleza que a maturidade possa proporcionar, para Mozart o tempo foi cruel, pois “à medida que o prodígio ficava mais velho, sua fama ia se esvaindo” (ELIAS, 1995, p. 69).

Dentro desse contexto em que apenas nos restringimos a fazer apontamentos associados à obra de Elias (1995), mesmo tratando-se de fatos acima ocorridos no século XVIII, são bastante atuais e mesmo estando relacionados com o desenvolvimento de um talento musical, o fenômeno estudado é independente do tempo e do espaço, e está intimamente ligado aos eventos sociais e aos interesses de agentes, portanto, sendo possível ser transportado para o campo esportivo.

Toda essa preocupação e cuidado com a iniciação de crianças, nesse estudo específico, os desportos competitivos ocorreram bem antes de Mozart, em 367 a.C. Aristóteles em sua obra Política livro VIII escreve:

[...] os males causados pelos exercícios físicos excessivos na primeira infância são evidentes quando se analisa a relação dos campeões olímpicos; pouco mais de dois ou três deles ganharam prêmios nas competições infantis e, mais tarde nas competições adultas, o seu treinamento precoce e os exercícios físicos severos levaram-no a exaustão (ARISTÓTELES, 2001, p. 272).

Queremos evidenciar aqui, no entanto, que a competição deve fazer parte da formação da criança, não necessariamente, segundo o modelo das competições adultas. Quando não há esse cuidado, as conseqüências da exposição, podem causar constantes avaliações sociais, grande cobrança dos pais, técnicos e a dificuldade para lidar com o fracasso, causando impactos negativos a curto médio e longo prazo nas crianças, fato já estudado por Ré, Rose e Böhme, (2005).

Durante todo o crescimento da criança e do adolescente, quando envolvidos na prática desportiva deve-se ter o cuidado de respeitar todas as fases de seu desenvolvimento com o repertório motor oferecido a eles, é o que sugerem Arena e Böhme (2004). No intervalo existente entre a iniciação e o alto rendimento é necessário

que sejam oferecidas condições aos praticantes para que desenvolvam o seu potencial esportivo. A obtenção do alto rendimento é dependente do tempo de treinamento, das condições de treinamento e de sua metodologia. Todas essas condições são facilitadas se as crianças experimentarem atividades motoras generalizadas

As atividades motoras generalizadas não coadunam com o conceito de especialização precoce, como evidenciam as definições apresentadas pelos autores citados a seguir. Para Paes (2008):

consiste na prematura exigência feita às crianças de que, as mesmas realizem gestos técnicos da modalidade em questão com perfeição e eficiência, antecipando fases do processo de aprendizagem esportiva e, importando-se mais que a criança execute as tarefas do que levá-la a compreender o esporte e ter prazer em sua prática (PAES et al 2008, p.51).

Com algumas especificidades, Darido e Farinha definem como sendo:

Atividades realizadas por crianças com menos de 12 anos de idade, com periodicidade superior a 3 sessões semanais, carga horária superior a 2 horas por sessão, competições frequentes e principalmente metodologia voltada para melhoria sistemática de rendimento, serão as condições requeridas para nos referirmos à especialização precoce. como complemento definem o que não consideram como especialização esportiva que: Ao contrário, quando observa-se, até com uma certa frequência, aquelas crianças que praticam judô, ou mesmo natação, ballet 2 vezes por semana, não têm a mesma sobrecarga de treinamento, e por isso, não será considerado especialização precoce, apesar destas atividades serem realizadas por crianças com faixa etária igual ou inferior a 12 anos DARIDO E FARINHA, 1995, P.59).

Como vimos, a especialização precoce apresenta-se com características específicas que facilitam a identificação de atos que levem a sua realização. Drigo e Cesana (2006), foram além dos aspectos biológicos, apoiando-se no contexto sócio-cultural, ambiental e suas conseqüências na vida adulta, ressaltam que pouco foi explorado sobre os efeitos da relação de elementos de interação social com o desenvolvimento do próprio processo de cidadania brasileira, incluindo-se as artes marciais. O autor sugere novos estudos sobre tema e o processo vivido por crianças submetidas à submissão e ao autoritarismo existente nas artes marciais.

É evidente que a prática de sessão de treinamento que conduzem a especialização esportiva precoce, sendo envolvida pelo interesses de resultados rápidos

que supram as necessidades da ascensão ao *stablishment*. A fortuna e realizações pessoais projetadas em seus filhos e atletas para a solução dos seus próprios anseios (DARIDO e FARINHA, 1995) fato apresentado por Elias (1995) quando apresenta a carta que a mãe de Mozart envia ao seu pai.

Tanto Elias (1995), como Barbieri (2008, p. 216) esclarecem o predomínio de interesse pessoal entre outros quando que, o resultado passa a ser mais importante de quem está por trás de sua produção, e este é apenas visto como atleta ou músico, e assim, passa a existir a dicotomia entre a criança e o atleta, a criança e o músico, eximindo-se do desenvolvimento global em longo prazo.

Todo o aparato que envolve o talento precoce, é apenas para mantê-lo e fazer com que sua performance continue por um longo período e em muitos casos, independente de seus anseios pessoais e sofrimento, o talento passa a ser um objeto a ser explorado.

Quanto ao treinamento inadequado, analisando-se o descrito por Elias (1995) que faz rígidas cobranças e uma correção severa dos erros do pai que se contrapõe ao que Darido e Farinha (1995) se remetem ao encontrado por Marcelino a essa forma de treinamento, e defendem que a infância deva ser marcada pelo descompromisso e falta de obrigações.

Com toda a cobrança e dedicação a que é submetida, a criança acaba experimentando, nesses casos a sensação de tornar-se ídolo. No caso de Mozart, vimos todos os problemas causados pela grande exposição na infância sua necessidade de ser amado, a busca pelos aplausos, principalmente na juventude e idade adulta. Rebastini, Machado e Brandão (2008, p.76), tratam deste assunto quando nos alertam quanto às responsabilidades que carregam com essa imagem e nem sempre está preparado para lidar com as pressões de todos a sua volta.

A vida de uma criança cheia de compromissos, treinos exaustivos, competições e viagens, no caso de Mozart é transformar em uma seqüência de rotinas. A criança, no início pode não se dar conta da grande perda, mas perde o direito de ser criança, sem tempo para brincar em função dos treinos e escola (PAES et al, 2008).

Devido ao excesso de viagens, competições, treinamentos ou ensaios, como exposto por Elias (1995), por Oliveira et al (2007) e também Darido e Farinha (1995), esclarecem os aspectos desfavoráveis causados pelo isolamento, principalmente, o social.

Quanto a esses aspectos desfavoráveis causados pela especialização precoce, pode-se mencionar outro como o esse excesso de responsabilidade direcionado para um único objetivo que pode causar vários problemas, sendo o mais desastroso para a criança o abandono da modalidade ou mesmo da prática esportiva.

Oliveira (et al, 2007), remete-se a uma das causas do abandono devido às limitações motoras impostas a criança devido à especialização precoce, corroborando com Paes et al (2008, p.51), limitando seu repertório motor e suas ações nas próximas fases de seu desenvolvimento, produzindo um baixo rendimento esportivo que podem levá-la ao abandono da modalidade.

A falta destes conhecimentos por parte do pai de Mozart, fez com que sua vida começasse a desmoronar muito cedo, talvez por um planejamento errado, pois a grande dificuldade de Mozart para lidar com a falta de sucesso na vida adulta, a eterna busca pelo afeto inclusive de sua esposa, e por fim a pobreza fez com que ele não conseguisse aplicar nos novos desafios da vida o que ele fez tão bem com a música a sublimação.

Por meio de um estudo exploratório, buscando a quem atribuir a responsabilidade da iniciação esportiva Vidal, Souza Neto e Hunger (2004) concluíram que os perfis profissionais daquele que trabalha com o treinamento esportivo e do que trabalha com a iniciação são diferentes. Ficou constatado que o perfil pedagógico profissional do licenciado é o mais adequado para o trabalho com as crianças. Nessa pesquisa, os dirigentes reconheceram a importância da formação em Educação Física e que ao trabalhar com a iniciação esportiva não caberia a ênfase à especialização e, sim, despertar o gosto e o hábito pela prática esportiva e a cidadania, cabendo ao técnico a formação especializada.

Essa pesquisa de Vidal, Souza Neto e Hunger (2004) esclarece a importância e o cuidado na escolha daquele que vai iniciar e liderar no esporte os primeiros passos da criança, promovendo atividades adequadas à sua fase de desenvolvimento, tendo assim, tempo para ela decida sobre seus objetivos e anseios com respeito e orientações adequadas, evitando o imediatismo.

Elias (1998, p.5) afirma que “ao examinarmos os problemas relativos ao tempo, aprendemos sobre os homens e sobre nós mesmos, muitas coisas que antes não discerníamos com clareza”.

As conseqüências causadas pela falta de compreensão, e pelo desconhecimento de pais e técnicos quanto aos problemas relacionados com o tempo, envolvendo as diferenças do desenvolvimento individual (idade cronológica, maturacional e

emocional), são ignorados quando decidem pela busca e conquista de resultados imediatos. Ré et al (2005), constatou que:

Em todas as faixas etárias, os indivíduos em estágios maturacionais mais avançados, apresentam massa corporal e estatura significativamente superiores em comparação com os mais tardios. Um aspecto a ser considerado nesse sentido, é o fato de que jovens com maturação física precoce podem ter certa vantagem em modalidades esportivas que privilegiem um maior tamanho corporal (RÉ et al 2005, p.158).

Essa busca pelo resultado imediato potencializa a dicotomia entre a criança e o atleta, quando o único é dividido, sendo o que mais importa é o produto, e não o desenvolvimento geral e humano em longo prazo. Para Barbieri et al (2008, p.216), o foco da formação integral do atleta é perdido em detrimento do resultado, prejudicando sua vida pessoal e social.

A necessidade de manter-se no topo, agradando aos seus pais, técnicos e patrocinadores e continuar sendo admirado como prodígio, faz com que a criança entre em um círculo vicioso; Rebusini, Machado e Brandão (2008, p.76 - 77), tratam deste assunto quando nos apresentam o problema da criança que torna-se ídolo muito jovem, carregando a imagem de vencedor e suas responsabilidades, necessitando aprender a lidar com as pressões exercidas por todos a sua volta.

Quando pensamos em especialização precoce, Paes et al (2008) destacam que obtemos bons resultados em curto prazo, porém, não pensamos nas conseqüências em longo prazo. Bara Filho e Garcia (2008) estudaram os motivos de abandono precoce do esporte é devido à instabilidade física, psicológica e social. Neste estudo é possível encontrar as principais causas do abandono, destacando-se a falta de tempo para amigos, namoro e lazer.

As causas, entre muitas existentes podem estar na rotina dos treinamentos quando as crianças perdem o direito à infância e não têm tempo para brincar, vivendo em função dos treinos e da escola (PAES et al, 2008).

A formação integral pode ser afetada pelo isolamento causado pelo excesso de tempo gasto com o treinamento, viagens e competições, corroborado por Elias (1970, p.13), “meio ambiente” da criança, vemos que ele consiste primariamente noutros seres humanos, pai mãe, irmãos e irmãs”, e sobre esse assunto Darido e Farinha (1995), expõem de forma explícita os aspectos desfavoráveis da especialização precoce como o isolamento social, luxações e o despreparo dos técnicos.

As lacunas causadas por estes aspectos negativos atingem também o desenvolvimento motor da criança que é submetida a movimentos especializados da modalidade de forma específica, limitando o seu potencial de uma vasta gama de movimentos para criar soluções motoras em detrimento de suas estratégias de antecipação, ataque e defesa mantendo-se assim ativo nas competições, caso contrário, sua longevidade competitiva estará comprometida devido à limitação de seu repertório motor.

Todos esses equívocos podem ser evitados quando a criança encaminhada ao esporte, pelos pais ou por iniciativa própria, é confiada a um técnico, possua ampla formação acadêmica e capacitação constante, uma vez que acompanhará por horas, dias e até anos seres em formação. O mais correto seria uma equipe multidisciplinar cujas ações fossem direcionadas ao objetivo de atender as necessidades, e suprir suas deficiências desenvolvendo a criança como um todo.

Bara Filho e Garcia (2008) em sua pesquisa abordam estratégias e ações que devem ser utilizadas por técnicos para evitar o abandono precoce do esporte. Para os esportes coletivos sugerem o trabalho em grupo e para os esportes individuais ressaltam que se atente para a monotonia, a falta de motivação, o esgotamento e a dedicação excessiva.

O papel do técnico no desenvolvimento esportivo da criança é relevante, principalmente nos cuidados quanto à frustração ao do fracasso. As competições infantis devem apresentar características próprias, evitando a exposição da criança à avaliação social e a situações de stress. Deve-se também, evitar as cobranças excessivas de técnicos, pais, dirigentes e outros que causem conseqüências negativas a curto, médio e longo prazo, sugerem Ré et al (2004).

Quando o foco na formação humana da criança perde-se em detrimento de resultados, resgate da frustrações dos pais por meio das conquistas dos filhos, ascensão social, as conseqüências são imensuráveis no contexto sócio-cultural, afirmam Barbieri, Benites e Machado (2008), Darido e Farinha (1995) e Drigo (2005).

Sempre houve e haverá muitos motivos para que a especialização esportiva precoce ocorra na atualidade, seja por interesse financeiro, prestígio, falta de legislação clara que garanta os direitos da criança esportista ou pela má qualidade de formação dos técnicos e dirigentes esportivos.

3. METODOLOGIA

Este estudo pretende investigar a formação do técnico de judô a partir da participação precoce em competições, bem como, suas conseqüências e desdobramentos. Este estudo e seu instrumento investigativo foram submetidos e aprovados no Comitê de Ética e Pesquisa (CEP) da UNESP- Rio Claro, sendo autorizada sua continuidade sob o protocolo n°3684.

Em vista do judô possuir particularidades na formação de seus técnicos e atletas, cabe informar um pouco sobre a organização da Federação de judô do Estado de São Paulo em especial o Campeonato Paulista de judô, para que haja uma ampla compreensão da metodologia utilizada nesse estudo.

A Federação Paulista de Judô, é uma das entidades responsáveis pela organização do esporte no Estado e é regida por um presidente eleito pelos seus associados. Sua administração é dividida em 15 regiões conhecidas como Delegacias Regionais (FEDERAÇÃO, 2011¹²). Essas Delegacias Regionais são administradas por uma pessoa de confiança do Presidente da FPJ, o chamado Delegado Regional. As Delegacias são formadas por um determinado número de cidades que agregam suas respectivas academias e/ ou associações de judô.

O evento competitivo de combate de maior prestígio organizado pela FPJ é a final do Campeonato Paulista, que acontece uma vez ao ano e que seleciona entre todos os participantes, os quatro melhores em suas respectivas classes (faixa etária) e categorias de peso.

Atualmente a FPJ, com a intenção de tornar os campeonatos mais justos, criou duas divisões a Especial e Aspirante. A Divisão Especial abrange os atletas avançados, com idade mínima de 13 anos e para os menos experientes, (iniciantes até a faixa verde) independente da idade, foi criada a chamada Divisão Aspirante². Tanto a Divisão Especial, como a Aspirante possuem suas fases classificatória, regional, estadual do interior e a final do campeonato paulista com suas respectivas classes (idades) e categorias (pesos)³.

Para o atleta atingir a etapa final do campeonato paulista, deverá passar pela etapa regional, fase que ocorre na própria delegacia. Os quatro melhores classificados

¹² Este fato pode ser acompanhado pelo site oficial da Federação Paulista de Judô (<http://www.fpj.com.br/fpj-delegacias.php>)

² (http://www.fpj.com.br/fpj-secretaria_detalhes.php?cod_prod=874)

³ (<http://www.fpj.com.br/fpj-classes-e-pesos.php>)

em cada classe e categoria são classificados para a segunda etapa conhecida como Estadual do Interior. No Estadual do Interior, evento que reúne grupos de três ou mais delegacias, também serão classificados os quatro melhores de cada classe e categoria em disputa. Também participarão da fase final do campeonato paulista, quatro atletas classificados no campeonato paulistano até juvenil. Nas classes júnior e sênior serão seis atletas. O campeão da Copa São Paulo juvenil é classificado para a classe júnior, e o campeão da Copa São Paulo Júnior, está classificado para classe sênior.

Para todas as etapas, os atletas são separados por classes e categorias conforme tabela expedida pela FPJ.

Caso o campeonato seja da Divisão Especial, só participarão atletas das classes, pré-juvenil (13 e 14 anos) , juvenil (15 e 16 anos), júnior (17,18 e 19anos) e sênior (acima de 20 anos).

Quanto aos participantes com menos experiência competitiva, ou seja, crianças, jovens e adultos iniciantes participarão do campeonato da Divisão Aspirante. A diferença está na inclusão das classes mirim (7 e 8 anos), infantil (9 e 10 anos), infanto-juvenil (11 e 12 anos), e com a graduação máxima de até faixa verde.

O sistema de apuração em ambas as divisões, para chaves com mais de seis atletas é feita pelo sistema olímpico e quando o número de participantes for menor, o sistema é de um contra todos, e houver apenas dois judocas, a disputa será melhor de três combates, ou seja, será vencedor quem vencer dois dos três combates.

Nas fases que antecedem a final do campeonato paulista os quatro melhores classificados têm o direito de participar da fase seguinte. Na fase final do campeonato paulista, em todas as classes, é possível ocorrer o Golden Score, ou seja, quando o combate termina empatado, assim, os atletas realizam um novo combate, e o vencedor será aquele que fizer o primeiro ponto

3.1 Método empregado

O método escolhido para elucidar as questões elencadas no objetivo deste trabalho, foi à abordagem qualitativa por meio do estudo de caso, que segundo Molina (2004), nos estudos qualitativos “temos que considerar a existência de problemas que focalizam aspectos muito específicos de uma realidade maior” (MOLINA, 2004, p. 95) e o estudo de caso é pertinente quando o tema está envolvido por “acontecimentos

contemporâneos dos quais obtemos poucas informações sistematizadas” (MOLINA, 2004, p. 96).

Neste tipo de abordagem a comunicação do pesquisador com o campo e seus participantes tem um papel importante na produção de conhecimento (FLICK, 2004). O método qualitativo prescinde de análises estatísticas como único recurso de investigação, e traz consigo o pressuposto de que a análise dos fenômenos humanos está repleta de significados que podem ser analisados, interpretados e traduzidos em textos que permitem apresentar de forma inovadora os resultados da investigação (CHIZZOTTI, 2003).

A pesquisa qualitativa é composta de diferentes técnicas interpretativas para descrever e decodificar os componentes de um sistema complexo e carregado de significados. O pesquisador procura delimitar o estudo por meio de um corte temporal-espacial de um determinado fenômeno (NEVES, 1996).

A abordagem qualitativa como método de pesquisa oferece três possibilidades, segundo Godoy (1995), a pesquisa documental, estudo de caso e a etnografia. Para se entende melhor a dinâmica desse fenômeno conduziremos nossa pesquisa para a técnica de estudo de caso, cujo objeto é uma unidade que se analisa profundamente, busca o exame detalhado de um ambiente ou de uma situação particular (GODOY,1995). A autora reforça que o propósito do estudo de caso é analisar intensivamente uma dada unidade social e ou uma situação em particular que nesta pesquisa, aborda atletas, seus resultados competitivos e as conseqüências em sua trajetória atlética ou, conforme a prioridade deste estudo, a formação do técnico de judô.

O processo de formação do técnico de judô é um fenômeno complexo que na atualidade abarca diversas possibilidades, necessitando de um estudo aprofundado:

[...] responder as questões como e porquê, certos fenômenos ocorrem, quando há pouca possibilidade de controle sobre o eventos estudados e quando o foco de interesse é sobre fenômenos atuais, que só poderão ser analisados dentro de algum contexto de vida real. O pesquisador também deve preocupar-se em mostrar a multiplicidade de dimensões presentes numa determinada situação uma vez que a realidade é sempre complexa.(GODOY,1995, p.25).

Autores como Ludke e André (1986, p.17), definem o estudo de caso como “sendo estudo de um caso simples e específico, sempre bem delimitado, devendo ter seus contornos claramente definidos”. Para Molina (2004, p.95) estudo de caso “não é

uma eleição metodológica e sim a eleição de um objeto a estudar”; ele é pertinente, “se interessam por acontecimentos contemporâneos dos quais obtemos poucas informações sistematizadas” (MOLINA 2004, p.96).

Tendo-se em vista a realidade de investigarmos a trajetória de atletas que iniciaram precocemente sua vida competitiva corroboramos Molina (2004, p.99) quanto à vantagem desse método que “possibilita conectar-se rapidamente com a realidade, ou seja, possibilitar mais a interação teoria-prática e, afastar mais os riscos de simplificações”.

Neste sentido, o estudo de caso é a representação do conhecimento aprofundado da parte de um todo, para uma melhor compreensão Lüdke e André (1986, p. 18-20) expõe algumas características:

Os estudos de caso visam à descoberta, enfatizam a interpretação do contexto, retratam a realidade de forma completa e profunda, representam diferentes e às vezes conflitantes pontos de vista presentes numa situação social.

3.2 Fonte documental e caracterização da amostra

A fonte documental utilizada para iniciar esta pesquisa foi obtida através do banco de dados público, publicado no site da Federação Paulista de Judô (FPJ) (www.fpj.com.br). Esses dados representam um grupo de atletas que iniciaram sua participação no Campeonato Paulista de judô na classe infantil de todas as categorias nos anos de 1999, 2000 e 2001. A partir da primeira conquista no Campeonato Paulista de judô na classe infantil nos anos acima citado, seus resultados foram acompanhados por um período de dez anos.

Para que sejam mantidos os critérios éticos, os nomes dos participantes não serão divulgados nesta pesquisa, cada participante foi representado por um número, formando assim, uma seqüência numérica do número 1 ao 103. Essa seqüência foi estabelecida pela ordem alfabética crescente iniciada em cada grupo.

Tratando-se de análise documental, segundo Lüdke e André (1986, p.38) “pode se constituir numa técnica valiosa de abordagem de dados qualitativos, seja complementando informações obtidas por outras técnicas, seja desvelando aspectos novos de um tema ou problema”.

Como dito acima, o método utilizado nesta pesquisa qualitativa é do estudo de caso, porém os dados obtidos através no banco público dos resultados competitivos postados no site da Federação Paulista têm formato quantitativo. Esses dados ficarão restritos aos resultados obtidos pelos atletas da classe infantil que se classificaram entre os quatros melhores do campeonato paulista, nos anos de 1999, 2000 e 2001, nas suas respectivas categorias de peso que serão analisados por um período de 10 (dez) anos.

3.3 A seleção dos informantes e procedimentos de contato

A partir dos dados obtidos pela fonte documental, a seleção dos informantes participantes desta pesquisa, foi feita pelo critério da quantidade de medalhas obtidas na trajetória como atleta no período estabelecido para o estudo, sendo de 1999 até 2011, fixado no total de 103 participantes que encontramos nessa condição.

:

Tabela 1 – Grupos

Grupo	Número de medalhas conquistadas	Total de atletas	Número de participantes por grupo
1	1 e 2	67	5
2	3 e 4	23	5
3	5,6 e 7	07	3, 4 ou 5
4	8, 9 e 10	06	3, 4 ou 5

Como proposto no Exame Geral de Qualificação, os 103 atletas foram divididos em 4 grupos distintos de acordo com o a quantidade de medalhas conquistadas, como está demonstrado na tabela acima.

Cabe ressaltar que fizemos uma nova distribuição das medalhas conquistadas na classe Júnior (17,18 e 19 anos). Consideramos apenas uma medalha conquistada por ano, sendo que, alguns atletas conquistaram medalhas nas classes Júnior e Sênior (mais de 20 anos) no mesmo ano. Sendo assim, o Grupo 3 (três) ficou composto com o mínimo de 3 (três) atletas participantes devido a essa nova formatação e não com 4 (quatro) como apresentado anteriormente.

Devido essa pesquisa envolver um número grande de participantes e esses residirem em diferentes cidades do Estado de São Paulo, podendo ou não pertencer a

mesma academia de origem, e finalmente, por essa pesquisa estar lidando com informações de no mínimo de uma década de existência, optamos por localizar os participantes através da rede mundial de computadores, que como aponta Severino (2002 p. 133):

A Internet, rede mundial de computadores, tornou-se uma indispensável fonte de pesquisa para os diversos campos de conhecimento. Isso porque representa hoje um extraordinário acervo de dados que está colocado à disposição de todos os interessados, e que pode ser acessado com extrema facilidade por todos eles, graças à sofisticação dos atuais recursos informacionais e comunicacionais acessíveis no mundo inteiro

Agrupados os 103 (cento e três) participantes, realizou-se uma busca dos mesmos na Internet no site de relacionamento facebook¹³.

Após aceito como membro no perfil de cada participante, foi postada na área de mensagens uma carta de apresentação contendo informações dos pesquisadores o motivo do contato bem como da pesquisa. Após receber o parecer favorável da participação na pesquisa, solicitava o e-mail para formalizar o contato.

Esperávamos a princípio que encontraríamos todos os atletas do grupo estudado, e que todos aceitariam participar da pesquisa, e assim, faríamos o sorteio dos atletas para comporem os grupos pré-estabelecidos.

Entretanto, conseguimos estabelecer contato com 61 (sessenta e um) participantes, porém, apenas 18 (dezoito) responderam o primeiro questionário (*Informações Pessoais*), destes, dois participantes foram descartados pois não responderam os questionários específicos. Portanto, ao todo, são 16 (dezesesseis) participantes que correspondem como membros deste estudo, sendo os mesmos, distribuídos conforme o número de conquistas em seus respectivos grupos como apresentado na tabela 1, atendendo assim o mínimo previsto.

O esforço do pesquisador em fazer com que os atletas contatados participassem da pesquisa foi dentro dos princípios éticos apresentado no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), não sendo possível elencar aqui os motivos do desinteresse

¹³ Devido este estudo pesquisar um grupo de pessoas de uma década passada e de cidades e academias distintas, a escolha do facebook como ferramenta foi pela agilidade e a forma de obter dados pessoais mais atualizados. Outro mecanismo de busca facilitado por esse instrumento é o grupo de amigos. Pudemos encontrar outros participantes através dos grupos de amigos de cada atleta que nos aceitaram como membro do seu facebook.

em participar da pesquisa, apenas posteriormente na discussão, relacionar ao modelo artesanal ainda presente nessa modalidade.

No e-mail, constava uma carta explicativa, sobre a pesquisa, quantos contatos seriam necessários e a importância do TCLE. No anexo do e-mail, foi enviado o questionário de *Informações pessoais* e o TCLE, ficando estabelecido que o mesmo seria enviado posteriormente via correio ou para aqueles que assim preferissem, através de assinatura virtual, ou arquivo em pdf.

O questionário de *Identificação pessoal*, contendo 10 questões, foi elaborado para obter informações específicas dos participantes, assim como para averiguar nas suas respostas qual(is) o(s) questionário(s) subsequente(s) seria(m) encaminhado(s), se o de *Abandono da competição e ou prática da modalidade (ex-praticante)*, *Técnico e ou instrutor e Atleta*.

3.4 Questionário.

Foi vista, assim, a necessidade de criar-se uma forma de aproximação da realidade com a solução do problema apresentado na modalidade, optando-se pelo questionário como instrumento para coleta de informações.

Negrine (2004, p. 80) ressalta que em pesquisas de “corte qualitativo a estrutura do questionário pode conter perguntas abertas e fechadas, seguindo-se as mesmas estratégias utilizadas para organização de entrevistas”. Sendo assim, o questionário usado neste estudo é composto por questões estruturadas “na medida que o investigador segue a ordem estabelecida das perguntas e um conjunto específico de procedimentos” (NEGRINE, 2004, p. 74), e semi-estruturadas quando, segundo Negrine (2004, p.74) “o instrumento de coleta está pensado para obter informações de questões concretas, previamente definidas pelo pesquisador, ao mesmo tempo oferece liberdade ao entrevistado para dissertar sobre o tema”.

Os dados coletados são descritivos pois envolvem “pessoas, situações, acontecimentos obtidos através de transcrições de entrevista e depoimentos” (LÜDKE e ANDRÉ 1986, p.12) e neste estudo, é incluído o questionário. Quanto à análise utilizada pelo método qualitativo dos dados obtidos é centrada na descrição: “[...] análise e interpretação das informações recolhidas durante o processo investigatório, procurando entendê-los de forma contextualizada” (NEGRINE, 2004, P.61).

Com a intenção de destacar os principais dados encontrados após análise e interpretação das informações recolhidas por meio dos questionários, e na busca de organizar o material encontrado Lüdke e André (1986, p.48) sugerem que “o primeiro passo nessa análise é a construção de um conjunto de categorias descritivas (...) e o pesquisador utilize alguma forma de codificação, isto é, uma classificação dos dados de acordo com as categorias teóricas iniciais”.

3.4.1 Estrutura e aplicação do questionário.

O questionário foi estruturado após análise de cinco Professores (a) Doutores em duas etapas. A primeira, composta por uma ficha de identificação pessoal contendo dez questões, e a segunda, subdividida em três partes, sendo a primeira o questionário para aqueles que *Abandonaram a competição e ou prática da modalidade (ex-praticante), Técnico e ou Instrutor e Atleta*, contendo questões específicas para cada instrumento.

Com a intenção de apresentar evidências de validade do instrumento de coleta de dados, foram encaminhados a cinco Doutores da área de Educação Física, conexo ao campo de pesquisa formação profissional e judô, uma carta de apresentação com o resumo, introdução, objetivos, justificativas e o questionário para que fossem submetidos a avaliação por pares que de acordo Alves-Mazzotti & Gewandszajder (1998, p. 172-3) consiste em:

(...) solicitar a colegas não envolvidos na pesquisa, mas que trabalhem no mesmo paradigma e conheçam o tema pesquisado, que funcionem como “advogados do diabo”. A função do “advogado do diabo” é apontar falhas, pontos obscuros e vieses nas interpretações, bem como identificar evidências não exploradas e oferecer explicações ou interpretações alternativas àquelas elaboradas pelo pesquisador. Graças à sua relativa facilidade e também à sua eficácia, este é um procedimento bastante usado, constituindo quase uma rotina entre pesquisadores de uma mesma área.

Na sequência, apresentamos o modelo do questionário encaminhados para avaliação:

Quadro 1 - Questionário

Questionário	
Ficha de identificação Pessoal	
1- Nome (dado não divulgado na pesquisa)	_____
2 - Ano de nascimento:	_____ Idade:_____ anos Faixa:_____ Dan:_____

3 - Cidade onde mora: _____ Estado: _____

4 - e-mail para contato _____ 5 - Fone: _____

6 - Grau de escolaridade:

() 1º Grau Incompleto () 3º Grau Incompleto

() 1º Grau Completo () 3º Grau Completo

() 2º Grau Incompleto () Pós-graduação em nível de: _____

() 2º Grau Completo Área de: _____

7 - Outra (s) formação (ões) _____

8 - No caso de possuir o 3º grau ou estar cursando no momento, informar o curso (ou os cursos) e o ano de conclusão: _____

9 - Você trabalha com o judô? Sim () Não ()

10 – Caso seja afirmativa, em que você trabalha com o judô?

() atleta () dirigente

() técnico () assessoria, qual? _____

() outros _____

Questionário I – Técnicos / professor (provisório)

1- Quais classes você ministra treino?

() todas as classes (idades) () Apenas para crianças

() Apenas com adultos () Apenas com o feminino

() Apenas com o masculino () Com todos os gêneros (sexo)

2- Como você identifica sua ação enquanto treinador? _____

3- A que você atribui o seu desempenho enquanto técnico? _____

4 – Qual a contribuição dos resultados obtidos nos campeonatos de judô (principalmente os de grande expressão como o paulista) na sua carreira de técnico? _____

A devolutiva com sugestões para alterações nos questionários avaliados foram feitas por quatro Doutores e um deles não fez qualquer sugestão.

Organizamos em um quadro as sugestões e propostas encaminhadas, facilitando assim a visualização das mesmas, o que dinamizou o encaminhamento e implementação quando consentidas.

Segue o quadro com as sugestões e comentários dos quatro doutores/ avaliadores

QUADRO 2 – Avaliação dos Pareceristas

Questões	Avaliador 1	Avaliador 2	Avaliador 3	Avaliador 4
Considerações gerais	Sugeriu a criação de Categorias, ligados aos objetivos. Mudanças em algumas palavras.	Sugeriu “a criação de tópicos ligado aos objetivos”. Mudança e inclusão de algumas questões	Sugeriu questões que investiguem a vida profissional do participante.	Sugeriu a criação de uma questão com relacionada a vida financeira e o abandono da modalidade. Inserir mais questões semi-estruturadas para facilitar a tabulação.
Ficha de identificação 2	xxxxxxx	Sugeriu a retirada da palavra “idade” por ser redundante Criou mais uma questão “Há quanto tempo treina ou treinou o judô?”	xxxxxxx	xxxxxxx
6	xxxxxxx	Uso da nomenclatura atual com relação à escolaridade. Inserção mais detalhada de questões relacionadas com a Pós-graduação Alterando as questões 7 e 8. Inclusão de uma questão específica quanto a formação em judô.	Uso da nomenclatura atual com relação a escolaridade	xxxxxxx
9	xxxxxxx	Inserir: “ ou trabalhou”	xxxxxxx	xxxxxxx
10	Alterar: “Qual a sua função no âmbito do judô” Acrescentar : “ Instrutor”.	Inserir: “ por quanto tempo trabalhou? Para qual (is) instituição (ões).”	xxxxxxx	xxxxxxx
Questionário Técnicos 1	Alterar: “Para que público você ministra sessões de treinamento de judô”	Inserir: “ (idades ou categorias). Por quanto tempo e para qual (is) instituições. Masculino e Feminino	xxxxxxx	xxxxxxx
2	xxxxxxx	Questionou: “ O que você pretende? A questão não está clara e pode trazer problemas com respostas evasivas”	xxxxxxx	xxxxxxx

Após as análises das sugestões dos quatro doutores, reestruturamos o instrumento de coleta, buscando atender as sugestões apresentadas, porém, optamos por apenas reelaborar a estrutura de algumas questões,, não acatamos outras por acreditarmos que as questões abertas irão atender as sugestões dos avaliadores.

Os questionários dispostos abaixo foram elaborados conforme as sugestões:

Quadro 3 - Questionários Reestruturados

Questionário de identificação Pessoal

1) Nome (dado não divulgado na pesquisa) _____

2) Apelido: (dado não divulgado na pesquisa) _____

3) Grau de escolaridade:

Ensino Fundamental (1º grau): () Incompleto () Em curso () Completo

Ensino Médio (2º grau): () Incompleto () Em curso () Completo

Ensino Superior (3º grau): () Incompleto () Em curso () Completo

Em que área? _____ Ano de conclusão: _____

Pós-graduação:

() Especialização (360h) . Em qual(is) área(s)? _____

() Mestrado. Em que área? _____

() Doutorado. Em que área? _____

4) A escolha do curso superior ou pós-graduação foi influenciada pelo judô?

() não

() sim, justifique: _____

5) Com qual idade iniciou no judô? ___ anos

6) Com qual idade participou da primeira competição de judô? ___ anos

7) Há quanto tempo **treina ou treinou** judô? ___ anos Faixa: _____ Dan: _____

8) Você ainda pratica ou treina judô? Sim () / Não () Com qual idade parou? ___ anos.

Caso afirmativo:

() Participa regularmente de competições;

() Treina regularmente, frequência? __treinos por semana;

() Treina esporadicamente, frequência? ___treinos por mês;

9) Durante o período de prática do judô, você ficou afastado da modalidade por mais de 6 meses? Sim () Não (). Caso afirmativo, quanto tempo ficou afastado? ___anos e meses. Qual (is) o (s) motivo (s)? _____

10) Você trabalha com o judô? Sim () Não ().

Caso seja afirmativa, em que você trabalha com o judô?

() Atleta () Dirigente

() Técnico () Assessoria, qual? _____

() Outros: _____

Quadro 4 - Questionário para técnicos / instrutores

Questionário: **Técnicos / instrutor**

Responda as questões abaixo de forma mais ampla e completa possível, você pode ultrapassar os limites dos espaços de cada questão, obrigado.

Nome:

1- Quais classes você ministra ou auxilia os treinamentos?

() todas as classes (idades) () Apenas para crianças

() Apenas com adultos () Apenas com o feminino

() Apenas com o masculino () Com todos os gêneros (sexo)

2- Quais fatores você considera que o auxiliam na sua carreira de técnico? Justifique: _____

3- Qual a relação entre a competição de judô e os valores que a modalidade passa para os seus praticantes? Justifique:

4 – Qual a contribuição dos resultados obtidos nos campeonatos de judô (principalmente os de grande expressão como o paulista) na sua carreira de técnico? Justifique:

Quadro 5 – Questionário para Atleta

Questionário: **Atleta**

Responda as questões abaixo de forma mais ampla e completa possível, você pode ultrapassar os limites dos espaços de cada questão, obrigado.

Nome:

1- Quais fatores que você considera importante para a carreira de técnico de judô ? Justifique:

2- Qual a relação entre a competição de judô e os valores que a modalidade passa para os seus praticantes? Justifique:

3– Qual a contribuição dos resultados obtidos nos campeonatos de judô (principalmente os de grande expressão como o paulista) em relação à carreira de técnico? Justifique:

Quadro 6 - Questionário Abandono da competição e ou da prática da modalidade

Questionário: Abandono da competição e ou prática da modalidade (ex-praticante)

Responda as questões abaixo de forma mais ampla e completa possível, você pode ultrapassar os limites dos espaços de cada questão, obrigado.

Nome:

- 1- Ter praticado judô têm influência na sua vida atual? Justifique:
- 2- Em que momento e/ou quais os motivos que o levaram ao abandono da prática ou da competição de judô? Justifique:
- 3- Qual o significado das competições de judô que você participou (principalmente os campeonatos o campeonato paulista)? O que elas representaram para você:

4. RESULTADOS

4.1 Apresentação dos resultados gerais

De acordo com o exposto, passemos à visualização da amostra, podendo ser analisados os participantes em seus respectivos grupos, classes de início e da última conquista e classificação no campeonato, sendo cada grupo apresentado em uma tabela distinta:

Tabela 2 - Grupo 1 (1 e 2 medalhas conquistadas) N = 67

	Classes (divisão de idades) e classificação														
	Infantil 09 e 10			Infanto- Juvenil 11 e 12			Pré-juvenil 13 e 14			Juvenil 15 e 16			Júnior 17, 18 e 19		
	Classificação			Classificação			Classificação			Classificação			Classificaçã o		
Atletas	1°	2°	3°	1°	2°	3°	1°	2°	3°	1°	2°	3°	1°	2°	3°
1 até 7	7														
8 até 23		16													
24 até 51			28												
52	X (2000)		X (1999)												
53			X												
54	X					X									
55		X							X						
56			X			X									
57	X					X									
58			X			X									
59			X			X									
60			X			X									
61	X											X			
62	X											X			
63			X			X									
64	X			X											
65			X								X				
66	X						X								
67		X (2000 /2001)													
Totais de Medalhas	14	19	36	1	0	7	1	0	1		1	2	0	0	0
		69			8			2			3			0	

A Tabela 2 agrupa os atletas do grupo 1 que conquistaram uma ou duas medalhas durante sua participação no Campeonato Paulista. Esse grupo apresenta o maior número de participantes, 67 (sessenta e sete), distribuídos entre as classes do Infantil até o Juvenil. Pelo fato de apresentar resultados parecidos até o participante 51,

para melhor visualização, foram agrupados os resultados idênticos, sendo exposto o número de medalhas de cada classificação.

Cabe ressaltar que a maioria das participações desse grupo ocorreu na classe Infantil (09 e 10 anos), sendo ao todo foram 53 (cinquenta e três) atletas que conquistaram medalhas apenas nessa classe, interrompendo sua participação no Campeonato Paulista até 2011.

Por outro lado, os demais 14 (quatorze) atletas estiveram em mais um campeonato, cessando as participações em outras classes. Sendo que 8 (oito) deles interromperam sua frequência na classe Infanto-juvenil (11 e 12 anos), 3 (três) na classe Pré-juvenil (13 e 14 anos) e 3 (três) na classe Juvenil (15 e 16 anos).

Analisando o exposto, pode-se inferir que as conquistas ocorridas na infância não determinam longevidade no esporte em termos de resultados e participações competitivas. Cabe lembrar que esse estudo tentará desvelar os motivos pelo qual esse fenômeno ocorre. Porém, sugerimos estudos mais aprofundados relacionados com modelos de treinamento infantil e a forma de intervenções do técnico.

Passemos agora para apresentação dos dados do grupo 2:

Tabela 3 - Grupo 2 (3 e 4 medalhas conquistadas) n= 23

		Classes (divisão de idades) e classificação														
Classes	Infantil 09 e 10			Infanto-Juvenil 11 e 12			Pré-juvenil 13 e 14			Juvenil 15 e 16			Júnior 17, 18 e 19			
Atletas	Classificação			Classificação			Classificação			Classificação			Classificação			
	1°	2°	3°	1°	2°	3°	1°	2°	3°	1°	2°	3°	1°	2°	3°	
68	X			X					X							
69	X (2000)		X (1999)		X											
70			X		X (2002)	X (2001)										
71			X	X								X				
72		X		X						X						
73			X	X				X								
74			X	X (2001)	X (2000)											
75		X			X				X							
76		X				X		X								
77			X							X (2007)		X (2006)				
78			X		X				X							
79		X			X				X							
80			X			X						X				
81			X			X						X				
82			X		X (2001)	X (2002)	X									
83			X			X						X				

84	X				X (2001/2002)							X	
85		X			X				X				
86			X										X (2008 2009/ 2010)
87			X			X		X					X
88			X (1999/ 2000)	X (2002)		X (2001)							
89	X					X		X	X				
90	X					X		X				X	

A Tabela 3 apresenta os dados encontrados no Grupo 2. Atletas que conquistaram de 3 (três) até 4 (quatro) medalhas. O grupo é composto por 23 (vinte e três) atletas que distribuem suas conquistas até a classe Júnior (17, 18 e 19 anos).

Essa tabela relaciona os atletas que interromperam suas atividades no Campeonato Paulista, sendo 6 (seis) atletas da classe Infanto-juvenil (11 e 12 anos), 8 (oito) no Pré-juvenil (13 e 14 anos), 6 (seis) no Juvenil (15 e 16 anos) e 3 (três) no Júnior (17, 18 e 19 anos).

Desta forma, analisando esses dois grupos é possível perceber a maior quantidade de interrupção das participações nos Campeonatos nas classes Infantil (9 e 10 anos) e Infanto-juvenil (11 e 12 anos), ou seja, 67 (sessenta e sete) atletas interromperam a participação no Campeonato Paulista antes da puberdade Legal, representando aproximadamente 65% dos 103 atletas.

Tabela 4 - Grupo 3 (5, 6 e 7 medalhas conquistadas) n= 7

97	X			X			X				X (05)	X (07/ 08)	X (06)		
Classes	Infantil 09 e 10			Infanto- Juvenil 11 e 12			Pré-juvenil 13 e 14			Juvenil 15 e 16			Júnior 17, 18 e 19		
Atletas	Classificação			Classificação			Classificação			Classificação			Classificação		
	1°	2°	3°	1°	2°	3°	1°	2°	3°	1°	2°	3°	1°	2°	3°
91	X						X			X					X (09/ 10 11)
92			X			X				X (08)		X (07)			X (09/ 10)
93	X								X	X (05)		X (04)		X (08)	X (06)
94		X								X (04/ 05)			X (07/ 08)		X (06)
95	X										X		X (09)	X (10)	X (11)
96 *	X					X		X (04)	X (05)			X	X (09)		X (Se 08)

Legenda: 99(ano 1999), 00 (ano 2000), 01 (ano 2001), 02(ano 2002), 03(ano 2003), 04(ano 2004), 05(ano 2005), 06(ano 2006), 07(ano 2007), 08(ano 2008), 09(ano 2009), 10(ano 2010), 11(ano 2011). Se. Classe sênior.

A Tabela – 4 apresenta a distribuição dos dados do Grupo 3 que abrange 7 (sete) atletas com 5 (cinco), 6 (seis) e 7 (sete) conquistas. Ela apresenta uma configuração diferenciada das anteriores, sendo que todos os participantes, em algum momento de sua trajetória, apresentam resultados consecutivos na mesma classe (faixa etária) e a prevalência dessa forma de participação acentua-se a partir da classe Juvenil (13 e 14 anos). É interessante notar que neste grupo houve a participação com conquista de medalha do atleta 96 (noventa e sete) na classe adulta Sênior (vinte anos ou mais), apesar de o mesmo pertencer à classe Júnior (17, 18 e 19 anos), na qual não medalhou na ocasião.

Tabela 5 - Grupo 4 (8,9 e 10 medalhas conquistadas) n= 6

Classes (divisão de idades) e classificação															
Infantil 09 e 10			Infanto-Juvenil 11 e 12			Pré-juvenil 13 e 14			Juvenil 15 e 16			Júnior 17, 18 e 19			
Classificação			Classificação			Classificação			Classificação			Classificação			
1°	2°	3°	1°	2°	3°	1°	2°	3°	1°	2°	3°	1°	2°	3°	
	X		X			X (05/ 06)			X (07/ 08)			X (09 10)			
X			X (01/ 02)		X		X (03)		X (04/ 05)			X (07)		X (06)	
		X		X		X (03/ 04)			X (06)		X (05)	X (07)	X (09)		
		X			X (01 02)			X		X (05)	X (04)	X (08)		X (07)	
X			X (00 01)			X (03)		X (02)	X (04)	X (05)				X (07 08)	
X (00)		X (99)	X (02)		X (01)	X (04)	X (03)		X (05 06)				X (07)	X (08)	

Legenda: 99(ano 1999), 00 (ano 2000), 01 (ano 2001), 02(ano 2002), 03(ano 2003), 04(ano 2004), 05(ano 2005), 06(ano 2006), 07(ano 2007), 08(ano 2008), 09(ano 2009), 10(ano 2010), 11(ano 2011).

A Tabela 5 apresenta a distribuição dos dados do grupo 4 (quatro), composto por atletas que conquistaram 8 (oito), 9 (nove) e 10 (dez) medalhas no Campeonato Paulista. A disposição dos resultados obtidos por esses atletas permite visualizarmos as

conquistas consecutivas na mesma faixa etária, sendo que se inicia na classe Infanto-juvenil (11 e 12 anos), na qual 3 (três) atletas conquistaram consecutivamente medalhas na mesma classe.

É importante notarmos nos grupos 3 e 4 (tabelas 4 e 5) que a quantidade de conquistas ocorridas após a classe Infanto-juvenil (11 e 12 anos) é maior do que nas classes anteriores, sendo que todos os participantes de ambas classes participaram e conquistaram medalhas na classe Júnior (17, 18 e 19 anos), apresentando, assim uma maior longevidade de seus resultados competitivos.

Outro destaque, refere-se aos atletas sinalizados com asterisco (*), sendo que estes continuaram a participar do Campeonato Paulista na classe Sênior (mais de 20 anos), porém, não vamos computá-los por estarem fora do período de 10 (dez) anos estipulado pela pesquisa.

Após a organização dos resultados das conquistas dos participantes em seus respectivos grupos, notamos que 23 (vinte e três) de 103 (cento e três), distinguem-se dos demais em suas trajetórias, sendo que durante a sua participação no Campeonato Paulista esses atletas obtiveram vitórias consecutivas na mesma classe, como veremos na tabela seguinte.

Tabela 6 - Análise de desempenho do Grupo de atletas com conquistas consecutivas na mesma classe n = 23

Classes (divisão de idades) e classificação					
Classes	Infantil	Infanto-Juvenil	Pré-juvenil	Juvenil	Júnior
Idade					
Atletas	09 e 10	11 e 12	13 e 14	15 e 16	17, 18 e 19
52	3º(1999) 1º(2000)				
67	2º(2000-01)				
69	3º (1999) 1º (2000)				
70		3º (2001) 2º (2002)			
74		2º (2000) 1º (2001)			
77				3º (2006) 1º (2007)	
82		2º (2001) 3º (2002)			
84		2º (2001-02)			
86					3º (2008 09- 10)
88	3º (1999 2000)	3º (2001) 1º (2002)			
91					3º (2009/ 10- 11)
92				3º (2007) 1º (2008)	2º (2009) 3º (2010)
93				3º (2004) 1º (2005)	3º (2006) 2º (2008)
94				1º (2004) 1º (2005)	3º (2006) 1º (07-08)
95					3º (2009) 2º (10) 3º (11)
96*			2º (2004) 3º (2005)		3º (2008 SENIOR) 1º (09)
97					2º (2006) 1º (07-08)
98			1º (2005-06)	1º (2007-08)	1º (2009-10)
99*		3º (2001) 1º (2002)		1º (2004-05)	3º (2006) 1º (2007)
100*			1º (2003-04)	3º (2005) 1º (2006)	1º (2007) 2º (2009)
101*		3º (2000-01)		3º (2004) 2º (2005)	3º (2007) 1º (2008)
102*		1º (2000-01)	3º (2002) 1º (2003)	1º (2004) 2º (2005)	3º (2007 2008)
103*	3º (1999)/ 1º (2000)	3º (2001) 1º (2002)	2º (2003) 1º (2004)	1º (2005-06)	2º (2007) 3º (2008)

No processo de análise dos dados das conquistas consecutivas na mesma classe (faixa etária) foi possível, por meio da distribuição dos dados da tabela anterior, inferir

quanto à qualidade do desempenho dos participantes ao longo dos anos. Neste sentido, faremos referência ao desempenho por meio de três valências, ou seja, melhora no desempenho, desempenho inalterado e piora no desempenho.

Apresentamos na seqüência a distribuição dos desempenhos em tabelas separadas para uma melhor visualização dos dados, obedecendo à seqüência de: *melhora no desempenho, desempenho inalterado e piora no desempenho*. Iniciaremos, então, pelos atletas que demonstraram melhora no desempenho, como segue:

Tabela 7 - Grupo de atletas que medalharam consecutivamente na mesma classe melhora no desempenho n = 17

Classes (divisão de idades) e classificação					
Classes	Infantil	Infanto-Juvenil	Pré-juvenil	Juvenil	Júnior
Idade					
Atletas	09 e 10	11 e 12	13 e 14	15 e 16	17, 18 e 19
52	3º(1999) 1º(2000)				
69	3º (1999) 1º (2000)				
70		3º (2001) 2º (2002)			
74		2º (2000) 1º (2001)			
77				3º (2006) 1º (2007)	
88		3º (2001) 1º (2002)			
92				3º (2007) 1º(2008)	
93				3º (2004) 1º (2005)	3º (2006) 2º (2008)
94					3º (2006) 1º (07-08)
95					3º (2009) 2º (10) 3º (11)
96*					3º (2008 sênior) 1º (09)
97					2º (2006) 1º (2007)
99*		3º (2001)/1º (2002)			3º (2006) 1º (2007)
100*				3º (2005) /1º (2006)	1º (2007) 2º (2009)
101*				3º (2004)/2º (2005)	3º (2007) 1º (2008)
102*			3º (2002) 1º (2003)		
103*	3º (1999) 1º (2000)	3º (2001) 1º (2002)	2º (2003) 1º (2004)		

É possível observarmos que 2 (dois) atletas (52 e 69) apresentaram melhora de desempenho na classe infantil, e da mesma forma 3 (três) na classe infanto-juvenil (70, 74 e 88), sendo que os mesmos não subiram mais ao pódio posteriormente, ou seja, não houve continuidade de conquistas no Campeonato Paulista e/ ou na trajetória como atleta, sendo que mesmo as conquistas consecutivas cessaram no início da adolescência, por volta dos 12 (doze) anos.

Sobre os atletas com conquistas consecutivas é interessante notar que o atleta 77 e 92, apesar de prolongarem a trajetória até a classe juvenil, interromperam a participação no quadro de medalhas após medalhas consecutivas na mesma classe no Campeonato Paulista com aproximadamente 15 (quinze) ou 16 (dezesesseis) anos, ao contrário dos demais (93, 94, 95, 96, 99, 100, 101) que chegaram até a classe juvenil.

Com a apresentação desses resultados é possível observarmos o momento da trajetória do atleta em que acontece alteração de desempenho na mesma classe. Podemos observar no atleta 93 uma oscilação, mesmo apresentando bons resultados, porém, voltando a melhorar seu desempenho na mesma classe (Júnior), mas não havendo continuidade na classe Sênior.

A tabela a seguir, apresenta os dados das conquistas consecutivas com desempenho Inalterado.

Tabela 8 – Grupo de atletas que medalharam consecutivamente na mesma classe com desempenho inalterado n=13

Classes (divisão de idades) e classificação					
Classes	Infantil	Infanto-Juvenil	Pré-juvenil	Juvenil	Júnior
Idade	09 e 10	11 e 12	13 e 14	15 e 16	17, 18 e 19
Atletas					
67	2º(2000-01)				
84		2º (2001-02)			
86					3º (2008/ 09- 10)
88	3º (1999-2000)				
91					3º (2009/ 10- 11)
94				1º (2004-05)	1º (2007-2008)
97					1º (2007-2008)
98			1º (2005-06)	1º (2007-08)	1º (2009-10)
99*				1º (2004-05)	
100*			1º (2003-04)		
101*		3º (2000-01)			
102*		1º (2000-01)		1º (2005-06)	
103*				1º (2005-06)	

Por meio da análise dos dados da tabela de resultados consecutivos inalterados cabe ressaltar que o atleta 67, pertence ao grupo 1, ou seja, obteve até duas conquistas na sua trajetória como atleta, notando-se que mesmo com bons resultados no início da sua participação no Campeonato Paulista não houve continuidade. Por outro lado, os atletas 84 e 88, pertencentes ao grupo 2 (3 a 4 conquistas) também apresentaram bons resultados, porém, cessaram sua participação na classe Infanto-juvenil. O atleta 86 apresentou um desempenho tardio, obtendo medalhas consecutivas na classe Júnior, após um longo período sem conquistas neste campeonato.

Outro dado que merece destaque refere-se às conquistas consecutivas inalteradas dos atletas 94, 97, 98, 99, 100, 102 e 103. Eles não melhoraram seus desempenhos, pois obtiveram conquistas consecutivas como campeões, principalmente o atleta 98, que desde a classe pré-juvenil (13 e 14 anos) até a Júnior (16, 17 e 18 anos) conquista títulos de campeão na mesma classe.

A organização dos dados em uma tabela de piora no desempenho teve como objetivo, a priori, verificar as oscilações na trajetória dos atletas com conquistas consecutivas no Campeonato Paulista.

Tabela 9 – Grupo de Atletas que medalharam consecutivamente na mesma classe com Piora no desempenho n=14

Classes (divisão de idades) e classificação					
Classes	Infantil	Infanto-Juvenil	Pré-juvenil	Juvenil	Júnior
Idade	09 e 10	11 e 12	13 e 14	15 e 16	17, 18 e 19
Atletas					
82		2° (2001) 3° (2002)			
92					2° (2009)/3° (2010)
93					
94					
95					2° (2010)/3° (2011)
96			2° (2004)/3° (2005)		
99*			1° (2002)/2° (2003)		
100*					1° (2007)/2° (2009)
101					
102*				1° (2004)/2° (2005)	
103*					2° (2007)/3° (2008)

Quando comparamos as valências de melhora de desempenho com sua piora, a quantidade de atletas que melhorou em algum momento da trajetória a priori é maior e não a posteriori, pois não foi investigado.

Entretanto, quando observamos os dados da Tabela 9, observamos que havia uma maior incidência de queda no desempenho no momento em que os atletas com conquistas consecutivas mudavam de classe, sendo isso que nos motivou a criar a Tabela 10 para demonstrar esse fato com maior clareza.

Cabe lembrar que apesar de estarmos analisando atletas com conquistas consecutivas na mesma classe, seus resultados tornam-se interessantes devido à piora no rendimento quando da mudança de classe comparada com o resultado anterior, sendo que um maior número de atletas apresentou essa queda de desempenho quando passou da classe Juvenil (15 e 16 anos) para a classe Júnior (17, 18 e 19 anos). Frente a isso, pode-se inferir sobre a dificuldade encontrada por um atleta de 16anos (17 anos incompletos) anos ao combater com um oponente de 19 anos.

Cabe ressaltar o fato de que as classes são divididas de acordo com ano de nascimento e não pela idade completa do atleta.

Tabela 10 – Grupo de atletas com piora no rendimento em conquistas consecutivas na mudança de classe n=8

Classes (divisão de idades) e classificação					
Classes	Infantil	Infanto-Juvenil	Pré-juvenil	Juvenil	Júnior
Idade	09 e 10	11 e 12	13 e 14	15 e 16	17, 18 e 19
Atletas					
92				1° (2008)	2° (2009)
93				1° (2005)	3° (2006)
94				1° (2005)	3° (2006)
99*				1° (2005)	3° (2006)
100*			1° (2004)	3° (2005)	
101				2° (2005)	3° (2007)
102*		1° (2001)	3° (2002)	2° (2005)	3° (2007)
103*	1° (2000)	3° (2001) 1°(2002)	2° (2003)	1° (2006)	2° (2007)

A tabela 10 demonstra as oscilações de piora no rendimento de 08 dos 23 atletas que obtiveram conquistas consecutivas em sua trajetória que são evidenciadas, principalmente, quando ocorre a mudança de classe, ou seja, quando o atleta atinge o limite máximo de idade para determinada classe e passa a fazer parte da primeira faixa etária da seguinte.

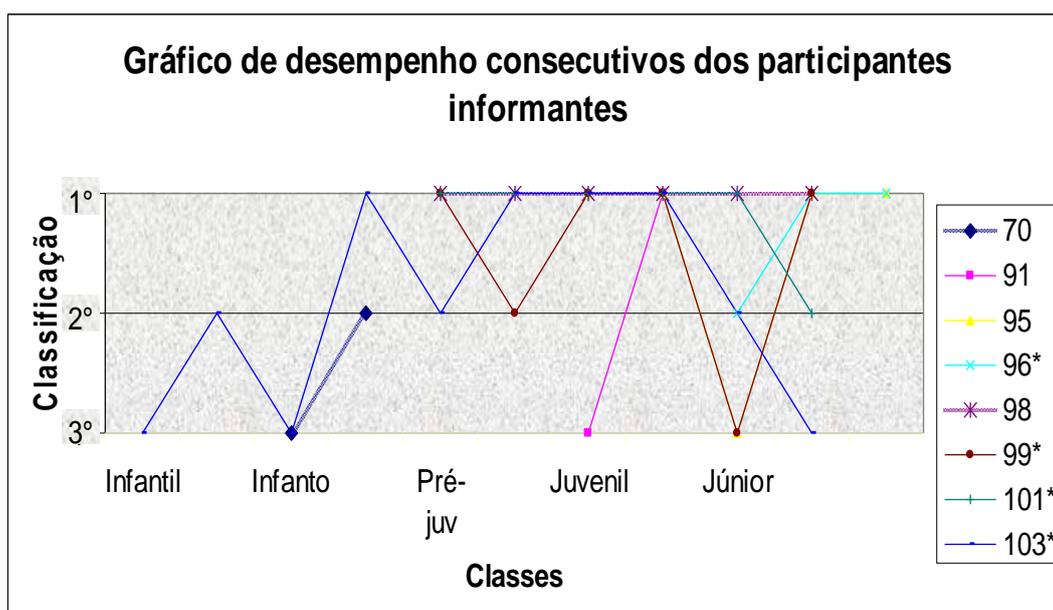
Os atletas 92, 93, 94, 99, 101, 102 e 103, no ano da mudança da classe do Juvenil para o Júnior apresentaram piora de rendimento quando competiram na nova classe. Já o atleta 100 encontra-se a priori na mesma situação, ao passar do pré-juvenil para o juvenil.

Dois atletas que merecem destaque são os participantes 102 e 103 que durante sua trajetória competitiva apresentam oscilações em todas as mudanças de classes. Se observarmos na trajetória do atleta 103 que no ano de 2000 é campeão na classe Infantil. No ano de 2001, na classe infanto-juvenil no Campeonato Paulista obtém o terceiro lugar, e na mesma classe, em 2002, conquista o título de campeão, porém, na mudança para a classe pré-juvenil encerra sua participação como segundo colocado e assim, como já apresentado anteriormente, ocorre uma oscilação da classe juvenil para o júnior.

Neste sentido, podemos supor, apesar de não haver o controle de outros parâmetros além das medalhas que a melhora no desempenho possa ter ocorrido devido ao processo de maturação biológica do atleta, como também por meio do aperfeiçoamento técnico e tático. Em contrapartida, os dados sugerem que na mudança

de classe o resultado de baixo desempenho para o atleta pode estar relacionado com esse mesmo fato. Porém, cabe ressaltar a importância de mais pesquisas sobre esse tema para que se possa desvelar essas ocorrências. Desta forma, isto apenas sugere que a idade do atleta pode interferir no resultado obtido.

Gráfico 1 - Desempenho consecutivo dos participantes informantes



Esse gráfico apresenta a trajetória dos resultados dos participantes informantes deste estudo que obtiveram conquistas consecutivas no Campeonato Paulista de judô. Torna-se possível acompanhar o desempenho deles com essa distinta característica.

4.2 Apresentação dos questionários.

4.2.1 identificação pessoal.

O primeiro questionário enviado aos participantes foi o de *Identificação Pessoal*, com a intenção de obter informações gerais do informante participante como a identificação pessoal, apelido, grau de escolaridade, sobre a influência da prática do judô na escolha do curso superior, a idade de sua iniciação na prática do judô, a idade que participou da primeira competição, o tempo de prática e a cor da faixa, e verificar se

ainda é praticante, compete ou abandonou a competição e/ ou a modalidade, identificar se na sua trajetória como atleta, houve alguma interrupção por lesão e o tempo do afastamento e finalmente se trabalha com o judô, e em qual ocupação.

Além de obter informações gerais do participante, esse primeiro questionário teve também a função de relacionar o participante com o questionário complementar, *Abandono da competição e /ou prática, Atleta ou Técnico*.

Com relação à identificação pessoal, a questão três investigou o grau de escolaridade, descrito no Quadro 1, sendo que os dados encontrados apontam que dos 18 (dezoito) participantes, todos concluíram o ensino médio, 15 (quinze) estão cursando o ensino superior, sendo 2 na área de Exatas (Engenharia da Computação e Exatas), 4 em Humanas (Economia, Administração de empresas, Direito e Relações Internacionais) e 9 na área da Saúde (Educação Física, Enfermagem e Fisioterapia), sendo que, um dos participantes já havia concluído o curso superior em Administração de Empresas.

Quadro 7 - Questões três e quatro

G	Part.	(Questão 3) Grau de escolaridade			(Questão 4) A escolha do curso superior ou de pós-graduação foi influenciada pelo judô?		
		Cursos	Em curso	Curso completo	não	sim	Respostas
1	4	Economia	X		X		
1	5	Eng. Computação	X		X		
1	50	Adm. Empresas		X	X		
1	53	Educação Física	X			X	<i>Porque no Judô eu conheci o esporte e meu Professor foi minha expiração</i>
1	65	Exatas	X		X		
2	68	Saúde	X		X		
2	70	Administração	X		X		
2	75	Educação Física	X			X	<i>Trabalho com Judô escolar infantil</i>
2	85	Rel. Inter.	X		X		
2	86	Educação Física	X			X	<i>Para adquirir conhecimentos sobre a máquina humana e assim poder descobrir como eu posso melhorar meu desempenho em treinos e competições além de aprender maneiras para poder trabalhar quando acabar a minha carreira</i>
3	91	Educação Física	X			X	<i>Pelo tempo de prática do esporte, e com objetivo de abrir uma academia de judô</i>
3	95	Fisioterapia	X			X	<i>Por ter sempre convivido com fisioterapeutas, dentro e fora do tatame, acabei simpatizando com a profissão</i>
3	96	Educação Física	X			X	<i>Pelo motivo de ter praticado o judô desde</i>

							<i>criança , despertou uma curiosidade em estudar na teoria os movimento de tal pratica esportiva .</i>
4	98	Ensino Médio		X		X	
4	101	Educação Física	X			X	<i>Pois escolhi ed. Física por ser atleta para que eu possa continuar no esporte depois que minha carreira acabar</i>
4	103	Direito				X	<i>[...] cursei 2 anos de Educação Física pois minha vida inteira sempre foi relacionada aos esportes, principalmente o judô [...] Além do mais, tanto no curso de Educação Física quanto no de Direito, sou bolsista, por meio do Judô, por ser atleta.[...] Portanto entendo que o Judô me influencia SIM, nessas tomadas de decisão, primeiramente influenciando na escolha do curso, e posteriormente me dando o suporte necessário para cursar outro curso.</i>

Dado o exposto, pode-se notar que a área da saúde concentra uma maior tendência na opção profissional, justificada no Quadro 8 que apresenta o quanto à prática da modalidade influenciou a escolha do curso.

Entre os 16 (dezesesseis) participantes , 7 (sete) não sofreram influência da modalidade praticada na escolha do curso superior, 2 (dois) não informaram e 9 (nove) foram influenciadas pelo judô na escolha do curso superior. A Educação Física destacou-se por ser o curso que mais despertou interesse entre os participantes estudantes 6 (seis), na sequência, a Fisioterapia 1 (um) e o Direito 1 (um).

Quanto à análise das respostas dos participantes que foram influenciados pelo judô na escolha do curso superior, por ser uma questão aberta, acatamos para uma melhor análise, a sugestão do Doutor avaliador 1 (um) e criamos categorias para uma melhor visualização e análise das respostas.

Para essa questão as categorias são:

- a) **Atlética:** está vinculada à continuidade do curso escolhido pela condição de atleta e à melhora no desempenho;
- b) **Técnico:** está vinculado à formação profissional e continuidade na modalidade como técnico;
- c) **Sociais:** está vinculada aos aspectos das experiências pessoais.

Quadro 8 - Categorização da questão 4.

Categorias	Participantes e Respostas
Atlética	Participante 86 “Para adquirir conhecimentos sobre a máquina humana e assim poder descobrir como eu posso melhorar meu desempenho em treinos e competições”. Participante 101 “Pois escolhi ed. Física por ser atleta”. Participante 103 “Além do mais, tanto no curso de Educação Física quanto no de Direito, sou bolsista, por meio do Judô”
Técnico	Participante 75 “Trabalho com Judô escolar infantil”. Participante 86 “aprender maneiras para poder trabalhar quando acabar a minha carreira”. Participante 91 “Pelo tempo de prática do esporte, e com objetivo de abrir uma academia de judô”. Participante 101 “para que eu possa continuar no esporte depois que minha carreira acabar”
Sociais	Participante 53 “Porque no Judô eu conheci o esporte e meu Professor foi minha expiração”. Participante 95 “Por ter sempre convivido com fisioterapeutas, dentro e fora do tatame, acabei simpatizando com a profissão.” Participante 96 “Pelo motivo de ter praticado o judô desde criança , despertou uma curiosidade em estudar na teoria os movimento de tal pratica esportiva”.

A escolha do curso superior, independente do grupo, pode ser aglutinada por meio da categorização das respostas. A categoria Atlética reuniu 3 três participantes, dois deles optaram pelo curso de Educação Física por interesse em aprimoramento de seus resultados pessoais no âmbito competitivo, já o participante 103, utiliza suas habilidades atléticas para obter o patrocínio (bolsista) para financiar o curso escolhido.

Foram identificados pela categorização Técnico, 3 (três) participantes que escolheram o curso de Educação Física, pelo interesse na continuidade de atuação na modalidade como técnico desportivo de judô.

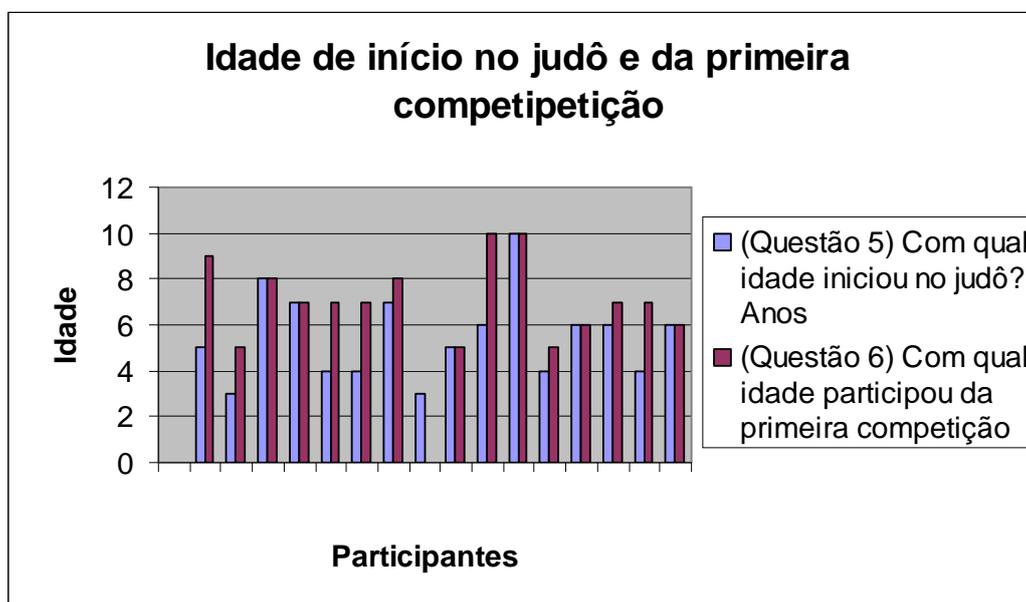
Quanto à categorização Social, 3 (três) participantes optaram pelo curso escolhido pela influência social de profissionais da área tanto da Fisioterapia como da modalidade praticada.

Quadro 9 - Questões 5 (cinco), 6 (seis) e 7 (sete)

G	Par	(Questão 5) Com qual idade iniciou no judô? Anos	(Questão 6) Com qual idade participou da primeira competição	(Questão 7) Há quanto tempo treina ou treinou judô? Anos	
				Faixa	Dan
1	4	5	9	15	Preta 1°
1	5	3	5	11	Roxa
1	50	8	8	4	Amarela
1	53	7	7	14	Marrom
1	65	4	7	18	Preta 3°
2	68	4	7	15	Marrom
2	70	7	8	15	Preta 1°
2	75	3		18	Marrom
2	85	5	5	15	Marrom
2	86	6	10	14	Preta 1°
3	91	10	10	10	Preta 1°
3	95	4	5	15	Preta 1°
3	96	6	6	11	Preta 1°
4	98	6	7	13	Marrom
4	101	4	7	18	Preta 1°
4	103	6	6	15	Preta 1°

As respostas às questões cinco e seis serão representadas por meio de gráficos, para melhor visualização dos dados encontrados, bem como a questão sete, relacionada com o tempo de prática da modalidade e a hierarquia das faixas dos participantes informantes dessa pesquisa. Neste sentido, podemos informar que sua média aritmética com relação ao tempo de prática foi de 14 (quatorze) anos, sendo a menor 4 (quatro) e a maior até o presente momento de 18 (dezoito) anos.

Gráfico 2 - Idade de início da prática do judô e da participação da primeira competição



Quanto à média de idade para o início da prática do judô, entre os participantes de 5 (cinco) anos, sendo a menor 3 (três) e a maior 10 (dez) anos. A média referente à idade em que participou da primeira competição foi de 7 (sete) anos, sendo a menor 5 e a maior 10 anos.

Independente do grupo ao qual pertencem, calculamos a média da idade de início da prática para os participantes informantes que não praticam mais a modalidade é 5,3, entre os participantes que praticam esporadicamente mas não competem é 5,75, e para os participantes competidores é 5,4 anos. Neste sentido podemos inferir que a idade de início não apresentou nenhuma influência para os resultados de continuidade ou de abandono. O mesmo ocorre com a idade média da primeira competição com os respectivos resultados (7,3; 7,75; e 7,25). Sendo assim, a idade da primeira competição também pouco interferiu para o abandono e ou continuidade da prática ou mesmo como competidor.

Gráfico 3 - da distribuição dos participantes e suas faixas

A ordem crescente das faixas, ou seja, do iniciante até o veterano adotado pela FPJ segue a seguinte ordem: faixa branca, faixa azul (6º kyu), faixa amarela (5º kyu), faixa laranja (4º kyu), faixa verde (3º kyu), faixa roxa (2º kyu) e faixa marrom (1ºkyu). Quando a promoção atinge a faixa preta, ou seja, instrutor (YU Danshas), se inicia pela faixa preta 1º Dan, 2º Dan e assim até o 5º Dan, acima desse grau, o praticante é conhecido como Mestre ou seja, Ko-Danshas.

O grau das faixas atingido pelos participantes são 1 (um) amarela, 1(um) roxa , 5(cinco) marrons e 8(oito) pretas 1º grau (dan) e 1(um) preta 3º grau (dan).

As faixas representam o nível de conhecimento técnico adquirido conforme o tempo de prática e dedicação ao aperfeiçoamento técnico, podendo assim, galgar o primeiro do mais alto nível na hierarquia das faixas deste esporte, a faixa preta.

Os participantes 5, 50 e 85 não são mais competidores nem praticantes da modalidade, como veremos na Tabela 11 da questão 8. Esses participantes apresentaram uma variação nos níveis da hierarquia das faixas, sendo que o participante 5 atingiu a faixa roxa, o 50 a amarela e o 85 a faixa marrom. Após análise dos questionários não encontramos nenhuma relação com o abandono da modalidade e o nível na hierarquia das faixas.

Os praticantes não competidores apresentam-se em número maior de faixas pretas com relação ao grupo de participantes que abandonaram a modalidade. O participante 65 é o mais elevado na hierarquia, alcançando o 3º dan, já os participantes 4 e 70 são faixas pretas 1º dan, e o 53 é marrom. A média semanal de frequência nos treinamentos atualmente é de 1,3.

Com relação aos participantes competidores 09 ao todo, três são faixas marrons e seis pretas primeiro dan. A frequência média de treinamento semanal foi de 8,3, maior que a dos participantes praticantes. Entretanto, o maior número de faixas pretas incidem nos grupos com maior número de conquistas grupo 3 e 4 e com maior frequência semanal de treino, apesar deste fato merecer mais estudos.

Quadro 10 - Questões 8 (oito)

G r u p o	Part.	(Questão 8) você ainda pratica ou treina judô?					
		Não	Com qual idade parou?	Sim	Participa regularmente de competições?	Treina regularmente. Qual a frequência, treinos por semana?	Treina esporadicamente. Qual a Frequência de treinos no mês?
1	4			X			4
1	5	X	14				
1	50	X	12				
1	53			X		2	
1	65			X		2	
2	68			X	X	5	
2	70			X			2
2	75			X	X	5	
2	85	X	20				
2	86			X	X	5	
3	91			X	X	10	
3	95			X	X	9	
3	96			X	X	8	
4	98			X	X	11	
4	101			X	X	11	
4	103			X	X	11	

A questão 8 possibilita a análise ampla das frequências dos treinamentos semanais, dos participantes competidores. Podemos observar que a média da frequência é de 8,3 treinos semanais, sendo a menor de 5 e a maior de 11 treinos semanais. Outra observação relevante é que apenas três participantes informantes abandonaram a

modalidade e que quatro são praticantes mas não competidores e um participante não informou.

Quadro 11 – Questão 9 (nove)

G	Part.	(Questão 9) Durante o período de prática do judô, você ficou afastado da modalidade por mais de 06 meses? Caso afirmativo, quanto tempo ficou afastado? Anos e meses. Qual (is) o(s) motivo(s)?			
		Não	Sim	Tempo	Motivos
1	4		X	3-0	<i>Lesões, vestibulares e outros interesses</i>
1	5		X		<i>Prática de outro esporte, natação</i>
1	50	X			
1	53		X	2-0	<i>Estudando e tinha perdido o interesse</i>
1	65	X			
2	68		X	1-2	<i>Em um treino comum torci o tornozelo e teve consequências por causa disso, tais como, rompimento total dos ligamentos do tornozelo, derrame a articulação, tumor ósseo (benigno), e fratura do tornozelo. A recuperação foi demorada, pois fiquei andando de cadeira de rodas durante um mês e de muletas por aproximadamente três meses, porque tive que fazer enxerto para injetar no local lesionado, o enxerto foi retirado na região da bacia dos dois lados.</i>
2	70		X	0-8	<i>Cheguei na idade de começar a querer sair com os amigos aí comecei a faltar em alguns treinos até parar por um tempo.</i>
2	75	X			
2	85		X	1-5	<i>Devido a uma lesão de ligamento no ombro esquerdo, além de uma ruptura na cápsula articular do joelho direito.</i>
2	86		X	0-7	<i>Lesão no platô tibial necessitando de operação, afastado para recuperação e fisioterapia.</i>
3	91	X			
3	95	X			
3	96	X			
4	98	X			
4	101		X	0-6	<i>Fiz duas cirurgias no joelho e me afastei 6 meses do judô, nas duas cirurgias, uma em 2001 e uma em 2010.</i>
4	103	X			

O Quadro 12, apresenta os resultados da questão nove do questionário de Informações gerais. Essa questão investiga entre os participantes se em algum momento da sua trajetória como atleta se afastou da prática da modalidade e qual o motivo.

Entre os 16 participantes, os resultados apresentados foram idênticos quanto ao afastamento ou não da prática por algum motivo, totalizando 08 (oito) para cada.

Entretanto, encontramos dois participantes informantes que abandonaram a modalidade, 5 e o 85, sendo distintos os motivos de abandono da modalidade. O participante 5 optou por outra prática esportiva, já o participante 85 foi devido à lesão, afastando-o um ano e cinco meses da prática e posteriormente, levando-o ao abandono da modalidade.

Quando analisamos os dados expostos na tabela referente aos participantes competidores (68,86 e 101) observamos que a média de afastamento por lesão é de nove meses, sendo o maior de um ano e dois meses e o menor de seis meses. Para os participantes informantes não competidores, é necessário destacar que apenas o participante 4 afastou-se por lesão e outros motivos, não informando com exatidão o tempo de afastamento. Os participantes 53 e 60 afastaram-se por outros interesses apresentados na tabela. Entretanto, são necessários mais estudos com mais participantes para inferirmos a respeito da influência da lesão sobre o abandono da modalidade.

Quadro 12 - Questões 10 (dez) :

(Questão 10) Você trabalha com o judô?							
G	Part.	Não	Sim				
			Atleta	Técnico	Dirigente	Assessoria	Outros
1	4	X					
1	5	X					
1	50	X					
1	53	X					
1	65	X					
2	68		X	X			
2	70		X				
2	75		X	X			
2	85	X					
2	86		X				
3	91		X				
3	95		X				
3	96		X	X			Professor
4	98		X				
4	101		X				
4	103		X				

Por meio da questão dez, identificamos o tipo de envolvimento dos participantes com a modalidade se atleta, técnico, dirigente ou assessor. Como mostra o Quadro 13 referente a questão dez, dos dezesseis participantes, seis não trabalham com o judô e dez têm algum vínculo com a modalidade. Destes dez de alguma forma são vinculados ao judô, sete são atletas e três são técnicos e atletas de maneira simultânea.

4.2.2 Dados qualitativos

4.2.2.1 Caracterização da população

Após o retorno dos questionários de informações pessoais pelos participantes, foi possível identificar os grupos aos quais pertenceriam os participantes informantes, podendo-se enviar, na seqüência, o questionário correspondente, ou seja, abandono da competição e/ ou da prática da modalidade (ex-praticante), técnico e/ ou instrutor e por fim, atleta.

Com a devolutiva dos dezesseis atletas ordenamos, no primeiro momento, os questionários, cada qual em seu grupo correspondente, independente do modelo de questionário.

Nessa etapa da pesquisa, em que os dados apresentam características particulares e não mais de domínio público, fez-se necessária uma remodelagem na apresentação dos dados qualitativos obtidos por intermédio dos questionários respondidos pelos participantes informantes. Estes foram renomeados em seus grupos, sendo assim, não serão mais representados por algarismos e sim por letras do alfabeto. Desta forma, a ordem de cada participante no grupo foi alterada de forma aleatória para que os mesmos não fossem identificados, cumprindo-se as normas de sigilo estabelecido no TCLE, sendo que optamos por apresentar os participantes da seguinte forma:

Quadro 13 – Nova configuração dos participantes nos grupos

Grupo	Identificação
G1	A, B, C, D, E
G2	F, G, H, I, J
G3	K, L, M
G4	N, O, P

Desta forma, como havíamos separado os participantes por grupo (G1, G2, G3 e G4), foi necessária a reorganização deles em seus respectivos grupos, ou seja, organizamos, também, de acordo com o modelo de questionário *Abandono da competição e ou da prática da modalidade (ex-praticante), Técnico e/ ou Instrutor, e*

por fim, Atleta, obtendo assim, uma melhor apresentação das respostas para a análise mais detalhada dos conteúdos de cada questão e de cada participante.

Além desta característica, os dados obtidos por meio dos questionários recolhidos dizem respeito às percepções pessoais dos participantes, sendo elaborado para sua análise e interpretação um conjunto de categorias descritivas, possibilitando a codificação e classificação das respostas pelo consenso, ou seja, informações repetidas nas respostas apresentadas.

4.2.2.2 - Análise dos questionários do Grupo 1

Como dito anteriormente, as categorias remetem-se à particularidade de cada questão, bem como das respostas encontradas. Ao analisarmos os dados referentes à questão 1 deste questionário, notamos a generalidade das respostas, porém, havendo o consenso quanto ao fator Educativo (EDU). Neste sentido, identificamos por meio das respostas alguns componentes com características distintas, permeando e se interligando com a categoria EDU como o valor do esporte individual, sabedoria de vida ou valores do judô tradição e a busca da profissão e profissionalização.

Esses componentes, de maneira geral, apresentam-se quando os participantes referem-se a momentos de transposição dos valores para vida em que o esporte individual, o judô e a busca pela profissão adquirem um caráter educativo.

Com relação aos valores do esporte individual, as respostas apresentam destaque para as características e benefícios que o mesmo possa trazer para o seu aprendizado para vida.

A sabedoria de vida, entre suas características e consenso nas respostas encontradas é mais específica aos ensinamentos educativos do judô tanto de forma esportiva como para vida, sendo que a busca da profissão e profissionalização referente à prática do judô contribuiu para com essas particularidades.

Apresentaremos nos quadros seguintes as respostas transcritas dos questionários e quando necessário, apenas um recorte das mesmas. Nesses quadros as respostas serão apresentadas com um grifo, representando que naquele período existe uma categoria.

Quadro 14 – Questão 1 - Questionário Abandono da competição e ou prática da modalidade (ex-praticante)

Questão 1 – Ter praticado judô têm influência na sua vida atual? Justifique.			
G	Part.	Categ	Respostas
1	A	EDU	<i>Sim, uma influência enorme. <u>O fato de o judô ser um esporte individual me ajuda em muitas coisas hoje em dia, pois sei que muitas vezes o que eu quero só depende de mim, exatamente como no judô. Sei também que nem tudo depende só de mim, que nada se alcança sozinho, e que por mais individual que o judô seja, eu dependo dos meus parceiros de treino e dos meus técnicos para obter sucesso/. Tento replicar isso na minha vida, onde sei que por mais que o passo final dependa de mim, eu não chegaria a lugar nenhum sem as pessoas em volta de mim me apoiando/. Além disso, o judô me ensinou a respeitar o próximo, a estar sempre disposto a ajudar, o que me fez colher muitos frutos na minha vida.</u></i>
1	B	EDU	<i>Eu acho que sim, /o judô me forneceu um autocontrole e maior disciplina para enfrentar certos problemas da vida, /além de ter deixado um gosto pela prática de esportes.</i>
1	C	EDU	<i>Sem dúvidas. Como iniciei no judô na minha infância, <u>o respeito e a postura/ que eu tive sorte de receber da minha academia (ARJU) , /se fundiram com a educação dada pelos meus pais, fortalecendo ainda mais na minha formação e educação/. No judô, /mais que a luta, a disciplina, educação e o respeito caminham juntos/. E com certeza, quando eu tiver um filho ele praticará o Judô.</u></i>
1	D	EDU	<i>Sim, e muito o <u>judô abriu portas para eu conhecesse o esporte/ e também a Educação Física./ que hoje eu estou me formando/para ser um bom profissional da área.</u></i>
1	E	EDU	<i>Sim, pois, como pratico judô desde criança, <u>aprendi muito da disciplina, do respeito e da hierarquia do judô, me ajudando na faculdade, no trabalho ou em qualquer outro lugar que eu esteja.</u></i>

Com relação ao questionário de “Abandono da competição e/ ou prática da modalidade”, este foi respondido por 5 (cinco) participantes informantes do grupo 1, sendo que destes, 2 (dois) abandonaram a modalidade e 3 (três) a competição.

Os participantes B e C descrevem os benefícios adquiridos com a prática do judô, sendo que está presentes na categoria **EDU**, bem como seus componentes: a sabedoria de vida e o valor do esporte. Os benefícios descritos pelos mesmos referem-se ao autocontrole, disciplina, educação e respeito. As participações desses atletas em competições ocorreram no período da infância e seus relatos feitos na fase adulta que os possibilitam uma melhor articulação entre o que foi vivido e a experiência de vida adquirida pelo amadurecimento, sendo interessantes os aspectos apresentados por eles, dando créditos ao judô, mesmo tendo abandonado a modalidade e/ ou a competição.

Entre os participantes que abandonaram a competição A, D e E, foi possível identificarmos em suas respostas a categoria **EDU**, bem como, os componentes que apresentam características distintas, tornando possível a melhor compreensão de suas respostas. Entretanto presentes também, componentes como as qualidades do esporte individual, sabedoria de vida que o judô proporciona por meio de suas máximas, como o benefício mútuo, a formação, educação, disciplina, respeito e a hierarquia fizeram

parte de suas respostas. Todos, sem exceção, relataram a forte influência educativa que a prática do judô proporciona e de maneira mais específica, nas entrelinhas, seus componentes. Esse forte significado Educativo implícito na modalidade contribuiu com todos desse grupo, porém, há contradição, pois apesar dos participantes informantes apontarem os benefícios da prática da modalidade, bem como as participações em competições não justificam o porquê do abandono da prática e da competição.

Na questão 2 do questionário do “Abandono da competição e/ ou da prática da modalidade”, identificamos da mesma maneira que na questão anterior uma categoria abrangente que foi chamada de **Impeditiva (IMP)**. Inserida nesta categoria, apontamos os motivos que de alguma maneira impediram aos participantes de praticar ou de competir.

A categoria Impeditiva compõe-se de elementos e características específicos como é o caso da *lesão* (les) e que motivou a interrupção parcial e a definitiva do envolvimento do participante informante com a prática e/ ou a competição. Temos também o componente *frustração* (fru) motivado pela derrota e com as particularidades do esporte e a *Opção de vida* (opv) pela qual o participante, em algum momento, em sua trajetória opta por outro caminho eleito como mais importante.

Quadro 15 – Questão 2 - Questionário Abandono da competição e ou prática da modalidade (ex-praticante)

Questão 2 – Em que momento e/ ou quais os motivos que o levaram ao abandono da prática ou da competição de judô? Justifique.			
G.	Part.	Cat.	Respostas
1	A	IMP (OPV LES)	<i>Eu treino judô esporadicamente. O que me fez abandonar a prática diária deste esporte é que chegam horas na vida em que precisa-se/ tomar uma decisão sobre o caminho que você quer seguir, e como tive a oportunidade de seguir um caminho que eu sempre sonhei (me formar em economia) eu tive que abrir mão do judô para poder me dedicar à essa profissão. Além disso, tive /muitas contusões na minha vida, e é muito difícil voltar a treinar no mesmo nível de antes./</i>
1	B	IMP (OPV)	<i>Foi em um/ momento onde minhas responsabilidades começaram a aumentar, período da adolescências onde comecei a estudar no período da manhã fazer SENAI a tarde./ Nessa fase o judô se tornou um pouco cansativo ter que treinar e praticamente todo fim de semana ter q ir para competições, /não havia tempo para conciliar os estudos de forma satisfatória e a pratica do esporte/ por esse motivo abandonei a pratica do judô.</i>
1	C	IMP (FRU)	<i>Na seletiva para o brasileiro foi onde tudo começou a desandar. / Perdi a final, por um koka ,e como somente o primeiro colocado se classificaria , acabei perdendo minha vaga. Depois desse episodio, o judô começou a perder a graça , eu enjoei./ Comecei a praticar futebol de campo, e abandonei literalmente o judô. Mas confesso que se fosse nos dias de hoje, mais experiente e maduro, eu não teria cortado esse vinculo com o judô.</i>
1	D	IMP (OPV FRU)	<i>O judô esteve na minha vida até hoje, mais os motivos foram cobranças excessivas de professor, família e amigos então eu perdi a vontade de praticar o esporte por um tempo.</i>
1	E	IMP (OPV)	<i>Eu ainda sou praticamente de judô, mas não compito a nível Paulista há um bom tempo, devido aos estudos. Hoje, participo mais de competições de Kata</i>

Os participantes B e C que abandonaram a modalidade apresentaram motivos distintos, sendo que B alegou ter feito opção de vida pelos estudos considerados mais importantes devido à exigência de dedicação voltada para os mesmos. O participante C apresentou como justificativa sua frustração quanto aos resultados esperados em competições. Nos cabe lembrar que estes participantes (B e C) pertencem ao grupo 1, os mesmos participaram apenas uma vez do Campeonato Paulista, ou seja, interromperam suas participações aos 9 ou 10 anos, ainda na classe infantil. Este fato mostra-se curioso pela ênfase dada pelos participantes aos aspectos positivos dessa competição para suas vidas, quando obtiveram medalhas uma única vez durante a infância, e nesse fato identificamos a forte influência que o esporte representa para a vida.

O participante D representa um caso que merece destaque, demonstrando que as cobranças recebidas pelo seu meio social, podem ser associadas à frustração e à opção de vida que o motivaram, de alguma forma, a deixar a modalidade em um dado período.

Com relação ao componente Opção de vida que aparece em todos os relatos, com exceção ao participante C, porém, com maior importância dada a este componente pelos participantes A e E.

Com relação ao componente *lesão*, apenas o participante informante A refere-se ao mesmo como motivo para o abandono da competição, além de outros e também dificuldades encontradas para manter o nível de intensidade nos treinamentos e conciliá-lo com a reabilitação contínua devido à *lesão* apresentada.

Quando analisamos a questão 3 do questionário do “Abandono da competição e ou da prática da modalidade”, identificamos pelas especificidades três categorias distintas devido aos significados contido nas respostas relacionadas aos sentimentos vividos em campeonatos, especificamente o Campeonato Paulista, como sendo de a Melancolia, Motivação e a Exaltação.

Para melhor entendimento quanto à caracterização das categorias faremos uma descrição das mesmas:

- **Melancólica** (MEL) uma saudade com tristeza dos momentos vividos e que poderiam ter sido mais bem aproveitado.]
- **Motivacional** (MOT) de superação dos desafios do esporte e das competições.
- **Exaltante** (EXA) com certa ufania, mas no sentido de mostrar orgulho do que foi vivido não só por eles mas também da competição, ou seja, de ter participado do Campeonato Paulista.

Cabe lembrar que no grupo 1 (uma ou duas conquistas) a maioria de seus participantes interrompeu a participação no Campeonato Paulista, antes de completar 12 anos e apenas três participaram na classe Juvenil (15 e 16 anos).

Quadro 16 - Questão 3 - Questionário Abandono da competição e ou prática da modalidade (ex-praticante)

Questão 3 – Qual o significado das competições de judô que você participou (principalmente o Campeonato Paulista)? O que elas representaram para você? Justifique.			
G	Part.	Categ	Respostas
1	A	MEL EXA MOT	<i><u>Eu tenho muito orgulho de tudo que eu fiz no judô/. Gosto muito de lembrar destas competições, pois me lembram a superação e todo o esforço que eu fazia para dar o meu melhor./ Estas competições/me lembram todos os amigos que eu fiz no judô./ pois ficávamos muito próximos quando as competições iam chegando, já que sofríamos juntos. /Essas competições representam muito para mim, pois como eu treinava muito para elas eu dava (e ainda dou) muito valor para elas.</u></i>
1	B	MOT MEL EXA	<i><u>As competições de judô fizeram sempre parte da minha pratica do judô, dos 5 as 15 eu participei de competições. Competições são importantes para /motivar o atleta a sempre continuar evoluindo na pratica do esporte/ Além claro da /motivação por ganhar medalhas é claro as competições/ foram importantes para mim pelo fato que pude conhecer lugares diferentes, conhecer pessoas, fazer amizades , evoluir tanto como atleta com pessoa. /A sensação de entrar num tatame com um titulo paulista em jogo é indescritível todas as pessoas voltadas para sua luta, entes queridos torcendo por você, é muito legal/.</u></i>
1	C	MOT MEL EXA	<i><u>Em todas competições , competidas, foram experiências diferentes , cada qual em cidades diferentes, adversários , nervosismo/... Ganhando ou perdendo mas sempre aprendendo./ Isso , definitivamente, me tornou uma pessoa muito competitiva. Me vejo um bom ganhador e um bom perdedor. Mas em tudo que faço, almejo ser o melhor./ O campeonato paulista foi uma emoção a parte. Me lembro do nervosismo e da pressão, esses sim foram meus piores adversários./ Contudo,/ depois de ter ganho as lutas e ter conquistado a medalha de ouro/ , foi uma/ super motivação para continuar lutando e treinando , e consequentemente conquistando outros campeonatos de renome.</u></i>
1	D	MEL EXA MOT	<i><u>Os campeonatos representavam muito porque era uma forma de mostrar a todos o seu empenho nos treinos, e o paulista era tudo pois é um campeonato diferente que precisa de sorte e competência.</u></i>
1	E	MOT MEL EXA	<i><u>As competições, no meu ponto de vista/ ajudam as pessoas a aprender enfrentar os seus desafios, independente do grau de dificuldade./ Pra mim, o Paulista foi muito importante,/ pois sempre quis classificar em algum grande campeonato./ mas era muito difícil, pois treinava em uma academia de menor porte, aonde a competição nunca foi o foco principal.</u></i>

Esta questão ofereceu aos participantes a reminiscência da infância e adolescência, trazendo à tona sentimentos vividos nas competições. Nota-se no Quadro 17 da questão 3 que todas as categorias, em algum momento das respostas, são contempladas, independentes da relação do participante com o judô, ou seja, ter abandonado a modalidade e/ ou a competição. Neste sentido, mesmo aqueles que abandonaram a competição, sem exceção, apontaram aspectos positivos para suas vidas.

Entretanto, notamos que ao relacionarmos as respostas encontradas na questão 3 com as questões anteriores, identificamos algumas contradições. O destaque nesse

ponto emergiu quando relacionamos as respostas da questão 2 (motivo do abandono) com as respostas da questão 3 (significados da competição). É possível notar sentimentos de exaltação e a motivação quando os participantes reportaram-se às competições, na questão 3. Porém, os mesmos apontam como motivo para abandono da prática e/ ou da competição a opção de vida e ou a frustração em quase todos os resultados.

Seguindo esse raciocínio, evidenciaremos os resultados das respostas dos participantes C e D que abandonaram a prática da modalidade, embora o participante D tenha retornado à prática após readaptar-se aos obstáculos da sua realidade. Analisamos as respostas destes e identificamos o componente frustração como motivo para abandono da modalidade, porém, é possível encontrarmos contradições nas respostas dos mesmos, tanto na questão 1, como na 3 quando destacamos a categoria Educativa, Motivacional e Exaltante, respectivamente, dados que serão analisados posteriormente na discussão.

4.2.2.3 Análise dos questionários do Grupo 2

Esse grupo corresponde aos participantes que conquistaram de três a quatro medalhas no Campeonato Paulista, identificados por meio do questionário de informações gerais. Como já mencionamos anteriormente, foram elaborados três tipos de questionários distribuídos da seguinte forma: aos participantes F e H os questionários de Técnico / instrutor, aos participantes G e I, o questionário de Abandono e ao J, o questionário de Atleta. Para uma melhor visualização da distribuição dos respectivos questionários, apresentamos o quadro abaixo:

Quadro 17 – Distribuição dos questionários no Grupo 2

Grupo	Part.	Questionários		
		Abandono	Atleta	Técnico
2	F			X
2	G	X		
2	H			X
2	I	X		
2	J		X	

Iniciaremos a apresentação dos dados obtidos pelos dois participantes do grupo 2 que responderam o questionário de “Abandono da competição e ou da prática da modalidade”. No caso das respostas para as questões sobre o abandono do grupo 2 utilizamos as mesmas categorias e seus respectivos componentes descritos no grupo anterior, devido à pertinência das respostas apresentadas pelos participantes.

Quadro 18 - Questão 1 Grupo 2 - Questionário Abandono da competição e ou prática da modalidade (ex-praticante)

Questão 1 – Ter praticado judô têm influência na sua vida atual? Justifique.			
G	Part.	Categ	Respostas
2	G	EDU	<i>Com certeza a pratica do judô no passado tem influencia na minha vida atual, nas amizades que conquistei com o esporte, na vida profissional pois me trouxe muita disciplina e dedicação, na forma de pensar, levando em conta eu estar bem comigo mesmo.</i>
2	I	EDU	<i>Sim, totalmente. Pois o respeito que aprendi no judô é algo que será levado por toda minha vida, tanto pessoal quanto profissional. Essa filosofia de respeitar seus superiores, mas também seus inferiores se aplicar diariamente na vida profissional de cada pessoa. Além disso, a dedicação que aplicava nos treinos me mostrou que precisamos ser dedicados em cada área de nossa vida, se quisermos atingir o sucesso. Nada vem sem esforço, e acho que esse era um dos objetivos de Jigoro Kano, demonstrar isso. Se você não se dedica 100% em um golpe, não irá aperfeiçoá-lo, assim como acontece fora dos tatames. Em outras palavras, nos ajuda no equilíbrio físico e principalmente mental.</i>

Percebe-se por meio de suas respostas a este questionário que a prática gerou nestes participantes significados semelhantes quanto à conduta pessoal, mesmo frequentando academias diferentes. É possível notarmos o consenso entre ambos quanto à categoria **Educativa**, mas com uma distinção quanto aos seus componentes. Nota-se que o participante G, em sua resposta apresenta os valores do esporte como componente determinante no que se refere às amizades, entretanto, o participante I apresenta em sua resposta a componente sabedoria de vida (tradição) nos trechos em que cita o fundador da modalidade e a questão da hierarquia existente. Entretanto, mesmo não tendo apresentado nenhuma questão a respeito da profissão, ambos conseguem transportar os aprendizados obtidos na da prática do judô para a vida pessoal e profissional, portanto com tantos benefícios o abandono parece contraditório.

Quadro 19 – Questão 2 Grupo 2 - Questionário Abandono da competição e ou prática da modalidade (ex-praticante)

Questão 2 – Em que momento e/ ou quais os motivos que o levaram ao abandono da prática ou da competição de judô? Justifique.			
G	Part.	Categ	Respostas
2	G	IMP	<i>O Abandono na pratica do judô foi basicamente por motivos simples que seriam: precisar estudar e trabalhar pois sobreviver do esporte aqui no Brasil não é uma coisa fácil, não ter mais tempo para se dedicar ao esporte devido ao trabalho e estudos.</i>
2	I	IMP	<i>Quando fui cortado do Brasileiro Júnior de 2009 por uma lesão no joelho, sendo necessária uma cirurgia. E cinco meses depois, outra. Isso me fez repensar minhas pretensões no esporte, e como já via de longe uma oportunidade profissional, resolvi me dedicar à área acadêmica. Para apontar o maior motivo, creio ter sido o motivo acadêmico o culminante, de fato. Isso quanto ao lado das competições. Pelo lado da prática do esporte, eu tive que me mudar de cidade e estado. E onde me encontro agora – Pelotas, RS -, não possui uma academia convincente para a prática. Ao todo, foram quase 15 anos nesse esporte. A hora de parar é complicada, pois é uma vida toda de dedicação, mas uma hora isso precisa ser feito.</i>

Com relação às respostas à na questão dois desse questionário aplicado no grupo 2, identificamos novamente a categoria **Impeditiva** e seus componentes como *lesão* e *opção de vida*. As respostas demonstraram uma continuidade no pensamento de os que abandonaram a prática e/ ou a competição, permitindo afirmar que há um padrão de respostas mesmo pertencentes a grupos diferentes.

O participante G, justifica seu impedimento para a prática pelo componente *opção de vida*, apresentando no trecho “estudar e trabalhar para sobreviver”, bem como o difícil acesso ao apoio governamental e/ ou privado para dedicar-se exclusivamente ao esporte, restando apenas um futuro incerto para quem faz esta opção.

A categoria Impeditiva identificada nas respostas do participante I referem-se ao componente *lesão*, limitando sua participação no esporte competitivo, apresentada no trecho “*uma lesão no joelho*” e também o componente opção de vida quando esse trecho aparece “*resolvi me dedicar à área acadêmica. Para apontar o maior motivo, creio ter sido o motivo acadêmico*” . Quanto à lesão, estudos mais específicos referentes a suas causas tornam-se relevantes, para que haja uma adequação ao plano de treino e as necessidades pessoais do atleta. Na categoria Impeditiva o sua componente opção de vida abarca razões de foro íntimo.

Quadro 20 - Questão 3 Grupo 2 - Questionário Abandono da competição e ou prática da modalidade (ex-praticante)

Questão 3 – Qual o significado das competições de judô que você participou (principalmente o Campeonato Paulista)? O que elas representaram para você? Justifique.			
G	Part.	Categ	Respostas
2	G	MOT	<i>O significado das competições pra mim se resume em uma palavra “vitória”, pois era com as competições que nós atletas podíamos nos avaliar não só fisicamente e tecnicamente, mas psicologicamente, pois para conseguir resultados bons em campeonatos como o paulista, por exemplo, era preciso estar tudo devidamente equilibrado, o corpo, a mente e o espírito, né. As competições pra mim representam uma grande felicidade em conquistar aquilo que vinha trabalhando intensivamente para poder alcançar.</i>
2	I	MOT EXA	<i>Para mim, eram as melhores competições de se disputar. As que mais me despertavam maior vontade e gana pra vencer. A emoção de ouvir seu nome sendo chamado para a final num Campeonato Paulista é indescritível. Vencer um Paulista é saber que você atingiu seus objetivos, que todo o treinamento e sacrifício valeram à pena. E essa idéia de valor de uma competição você aprende desde cedo, como no caso de minha primeira conquista. Aos 10 anos de idade eu já tinha idéia do que era uma conquista como essas. Mostra que todo esforço e dedicação são válidos.</i>

Da mesma forma que no grupo anterior, esta questão proporcionou uma oportunidade de reminiscência da infância e adolescência de cada participante. Neste sentido, encontramos em suas respostas as mesmas categorias, **Motivacional** e **Exaltante**, e assim observamos um padrão nas respostas no que diz respeito às categorias e ao significado das competições, destacando-se a importância de participar do Campeonato Paulista na mais tenra idade, mesmo estes pertencendo a um grupo diferente.

Em ambas respostas, encontramos a categoria Motivacional como o significado das competições e consenso entre os mesmos. O participante G no trecho grifado destaca essa observação. Com relação ao participante I, além da categoria Motivacional encontramos também a categoria Exaltante, notando-se no trecho com grifo, a referência que este faz a sua infância bem como os sacrifícios dos treinamentos que foram recompensados com conquistas pessoais no esporte. Em ambos grupos (1 e 2), foi possível notarmos momentos de destaque dados à vivência no esporte, entretanto, cabe ressaltar que houve o abandono da prática e/ ou da competição por esses participantes, emergindo em alguns momentos contradição nas respostas.

Antes de passarmos para a análise das próximas questões do grupo, cabe ressaltar que no período da elaboração das questões para este estudo foi observado o cuidado em preparar questionários distintos (Técnico/ instrutor e de Atleta) porém, com

a mesma intenção (essência) em suas perguntas. Houve esta preocupação pelo fato de nossos participantes possuírem pouca idade para o papel de Técnico (com formação Acadêmica), Instrutor (faixa preta) ou Atleta.

Sendo assim, analisamos de modo concomitante questionários aparentemente distintos, porém contendo a mesma essência, permitindo o aprofundamento da análise e percepção das nuances de intenções e interesses, buscando encontrar um padrão de normalidade, ou seja, um consenso entre as respostas dos participantes que exercem diferentes papéis. Desta forma, os questionários de Técnico/ instrutor e de Atleta passam a ser os mesmos, porém, adequados à realidade de cada participante. Neste sentido, para facilitar a análise dos dados, organizamos as questões semelhantes e suas respectivas respostas em quadros, a seguir.

Após esta explicação sobre a disposição das questões, passamos à análise das respostas da pergunta um do questionário de Atleta e da questão dois de Técnico/ instrutor do grupo dois.

Quadro 21 - Questão 1 Grupo 2 – Atleta

Questão 1 - Quais fatores que você considera importante para a carreira de técnico de judô? Justifique:			
G	Part	Categ	Respostas
2	J	ESP/ ASS	<i>Para Ser um bom técnico é necessário estudo não só do Judô mais também de outra área que possa cooperar nos ensinamentos dos atletas como educação física, psicologia, nutrição, fisioterapia, entre outras.</i>

Quadro 22 - Questão 2 Grupo 2 – Técnico / instrutor

Questão 2 – Quais os fatores que você considera que o auxiliam na sua carreira de técnico? Justifique			
G	Part.	Categ	Respostas
2	F	ESP	<i>Ter uma boa experiência como competidor, estar sempre atualizado, acompanhando as diversas competições e atletas. Isto para acompanhar as tendências e a evolução da modalidade dentro de cada categoria. Além disso, profundo conhecimento teórico das técnicas e treinamento específico.</i>
2	H	VOC	<i>Por gostar de trabalhar com crianças, e principalmente por gostar de judô.</i>

Analisando as respostas dos participantes, surgem novas categorias devido ao consenso nas respostas como a **Esportivista**, composta pelos componentes *práticos* (caracteriza-se pelo conhecimento concebido pela vivência na modalidade como o técnico e tático, ou seja, basta ser faixa preta), *associativo* (caracteriza-se por associar

diversas disciplinas para obtenção de bons resultados) e *competitivo* (relaciona-se com a vitória e derrota). Outra categoria que encontramos foi a **Vocacional** (que apresenta uma característica de afinidade com o tipo de atividade exercida, assim como com determinado tipo de público).

De forma geral, as respostas fornecidas pelos participantes convergem para a formação e trajetória de técnico, sendo que a categoria Esportivista com seus componentes *associativos* e *prático* destaca-se tanto para o atleta como para o técnico, fornecendo indícios sobre o que é valorizado na carreira de técnico.

Para o participante H, permanece na abrangência educacional que envolve o judô e por apresentar características e opções pessoais quando exerce sua ocupação como instrutor, porém rementendo-se ao fato de gostar de trabalhar com crianças por vocação. Em sua resposta, ele apresenta critérios importantes a serem considerados na escolha da classe (idade) para ministrar treinos.

Quadro 23 - Questão 2, Grupo 2, questionário de Atleta

Questão 2 - Qual a relação entre a competição de judô e os valores que a modalidade passa para os seus praticantes? Justifique			
G	Part	Categ	Respostas
2	J	EDU MOT	<i>A competição nos ensina a ter garra, coragem e nunca desistir além de mostrar que nossos adversários não são inimigos nossos e que temos que tratá-los com respeito, ou seja, Jita Kioei, o princípio que objetiva a amizade e a prática para o benefício mútuo.</i>

Quadro 24 - Questão 3, Grupo 2, questionário de Técnico / instrutor

Questão 3 – Qual a relação entre a competição de judô e os valores que a modalidade passa para os seus praticantes? Justifique			
G	Part.	Categ	Respostas
2	F	EDU MOT	<i>A principal relação entre as competições de judô e os valores da modalidade, seria o de reconhecer a derrota, saber perder, para erguer a cabeça e recomeçar novamente sem nunca desistir. “perder é um estado temporário, desistir pode se torna permanente”</i>
2	H	EDU MOT	<i>Em aprender a cair levantar, perder e ganhar, disciplina, respeito mutuo.</i>

Quando tratamos da relação da competição com os valores da modalidade, foi com a intenção de fazer com que os participantes dessem pistas de suas percepções sobre a competição.

Podemos perceber o consenso quanto às categorias Educativa e Motivacional entre todos, porém, destacamos a ênfase dada à derrota pelos Técnicos e Atletas, ou seja, não apresentaram outras características relevantes da competição apenas o fardo da derrota, e como eles a reverterem em superação.

Quadro 25 - Questão 3, Grupo 2, questionário de Atleta

Questão 3 - Qual a contribuição dos resultados obtidos nos campeonatos de judô (principalmente os de grande expressão como o paulista) em relação à carreira de técnico? Justifique			
G	Part	Categ	Respostas
2	J	ESP	<i>Contribui para a realização do nome do técnico, pois ele tem como aluno um dos melhores do estado de São Paulo, o que no estado é a maior competição de judô que acontece no ano.</i>

Quadro 26 - Questão 4, questionário de Técnico / instrutor

Questão 4 – Qual a contribuição dos resultados obtidos nos campeonatos de judô (principalmente os de grande expressão como o paulista) na sua carreira de técnico? Justifique			
G	Part	Categ	Respostas
2	F	ESP	<i>Os resultados servem de confirmação, pois o trabalho que você está desenvolvendo com o atleta estão sendo concretizados. Isso faz com que você nunca desista, pois é um ótimo técnico, porque obteve a confirmação desse trabalho</i>
2	H	IRREL	<i>Sempre trabalhei com o Judô infantil escolar, pois só o levei em festivais de judô, mas sempre foi muito gratificante.</i>

Para a questão 3, as respostas dos participantes J (Atleta) e F (Técnico/ instrutor) apresentam consenso quanto à categoria Esportivista e ao seu componente *competitivo*, sendo que nesse momento o judô deixa o campo Educacional e passa para o esportivo, ou seja, contrapondo-se ao aspecto tradicional do judô.

A competitividade, mais especificamente a vitória e a derrota são avaliativas da condição da competência técnica, ou seja, o técnico ganha status de acordo com os números de conquistas na trajetória e não mais com a questão educativa, dando a impressão que no discurso o judô é apenas educativo, envolto pela cultura e tradição existentes na modalidade, mas que na prática é esporte.

Embora, em termos gerais, os participantes do grupo 2 tenham dado ênfase ao aspecto competitivo, o participante H apresentou-se como uma exceção, sendo criada a categoria **Irrelevante** (não se atribui importância para o elemento questionado) para analisar sua resposta. Desta forma, o sentido dado à competição é de que esta não interfere em seu trabalho de técnico, pois o mesmo não foca seus objetivos na competição, mas, sim, nos valores encontrados nos festivais (cooperação, a participação por prazer independente do resultado), ou seja, não exerce sua função pelos resultados. Aparentemente, não dá importância a suas conquistas e não reproduz o que vivenciou.

Quadro 27 - Questão 1 Grupo 2 – Técnico e ou instrutor.

Questão - 1- Quais classes você ministra ou auxilia nos treinamentos?		
Alternativas	Participantes	
	F	H
Todas as classes (idades)	X	
Apenas para crianças		X
Apenas com adultos		
Apenas com o feminino		
Apenas com o masculino		
Com todos os gêneros (sexo)		X

Quadro 28 – Questão 1 Grupo 3 – Técnico e ou Instrutor

Questão - 1- Quais classes você ministra ou auxilia nos treinamentos?	
Alternativas	Participantes
	M
Todas as classes (idades)	X
Apenas para crianças	
Apenas com adultos	
Apenas com o feminino	
Apenas com o masculino	
Com todos os gêneros (sexo)	

Observando o quadro 28 e 29, notamos em quais classes e gêneros os participantes identificados no papel de técnico aplicam sessões de treinamento. O participante H é coerente com as respostas e com a categoria vocacional, já os demais F e M, ministram treinos em todas as classes.

4.2.2.4 Análise dos questionários do Grupo 3

Este grupo (3) é composto por três participantes que conquistaram em sua trajetória como atleta de cinco a sete medalhas no Campeonato Paulista é composto por dois Atletas e um Técnico/ instrutor, e assim como no grupo anterior, apresentaremos os resultados aglutinados dos questionários, como segue:

Quadro 29 - Questão 1 Grupo, 3, questionário de Atleta

Questão 1 - Quais fatores que você considera importante para a carreira de técnico de judô? Justifique:			
G	Part	Categ	Respostas
3	K	EDU ESP/ Assoc	<i>Primeiramente para ser técnico de judô, precisa-se de conhecimento técnico-prático com embasamento em preparação física, tática e filosofia.</i>
3	L	ESP/ Assoc	<i>Um bom técnico não é aquele que obteve vários títulos durante a carreira de atleta, e sim o que obteve mais conhecimento. O Judô não é somente lutar, você tem que fazer um treinamento técnico e tático também. Por isso uma boa formação acadêmica também ajuda.</i>

Quadro 30 - Questão 2, Grupo 3, questionário de Técnico /

Questão 2 – Quais os fatores que você considera que o auxiliam na sua carreira de técnico? Justifique			
G	Part.	Categ	Respostas
3	M	ESP	<i>Devido às experiências adquiridas com o tempo de judô, e por aprender com vários professores diferentes outras formas de aprendizagem e técnicas. Além de ainda atuar na área da competição consegue-se enxergar vários pontos de vistas que pode influenciar nas competições</i>

Identificamos como consenso nas respostas a categoria Esportivista nas suas particularidades referentes aos componentes associativos e práticos. Neste sentido, destacamos o componente associativo que se remete à associação de conhecimentos necessários para a atuação do técnico, sendo que o participante L, em seu relato, afirma que o técnico deve ter vivenciado o judô como atleta, sem ter a responsabilidade de grandes títulos. Já para o participante M que respondeu o questionário destinado aos técnicos, identificamos em sua resposta o componente prático, fato que pode ser destacado quando se refere às experiências adquiridas e atuação em competições.

Além do exposto, temos o participante K que apresentou também a categoria Educativa, no que diz respeito ao componente valor do esporte e tradição, quando traz o que ele identifica como “filosofia”. Apresentamos na seqüência a respostas das demais questões referente ao grupo 3.

Quadro 31 - Questão 2, Grupo 3, questionário de Atleta

Questão 2 - Qual a relação entre a competição de judô e os valores que a modalidade passa para os seus praticantes? Justifique			
G	Part	Categ	Respostas
3	K	ESP/ comp	<i>A relação entre competição e valores, é preparar - se para o alto-rendimento na competição e buscar o melhor resultado no pódio</i>
3	L	EDU	<i>Acima de tudo, respeito, disciplina e organização. Uma competição de Judô só é realizada com a colaboração de todos. Aprendemos a respeitar os árbitros e mesários que estão ali para que a competição aconteça, muitas vezes trabalhando sem nenhuma remuneração. Devemos ser disciplinados e aceitar as suas decisões, mesmo achando que estão errados e isso tudo só acontece com muita organização dos dirigentes e administradores.</i>

Quadro 32 - Questão 3, Grupo 3, questionário de Técnico / instrutor

Questão 3 – Qual a relação entre a competição de judô e os valores que a modalidade passa para os seus praticantes? Justifique			
G	Part.	Categ	Respostas
3	M	EDU	<i>Desde o primeiro instante que se entra em um tatame se cumprimenta seu adversário em forma de respeito na qual a criança ou praticante aprende a respeitar, na forma de hierarquia na qual os mais velhos merecem o respeito onde você respeita seus adversários em competições.</i>

Durante a análise destas questões foi possível encontrar o consenso entre os participantes L e M por meio da categoria **Educativa**, com seu componente pautado no valor do esporte e tradição, sendo que para o participante K a categoria atribuída foi a **Esportivista** e seu componente foi o competitivo pela valorização dada à competição.

Isto coaduna com as respostas do grupo 2, no sentido de atribuir às competições de judô um caráter educativo, principalmente no que diz respeito às regras da modalidade.

Quadro 33 - Questão 3 Grupo 3 - Atleta

Questão 3 - Qual a contribuição dos resultados obtidos nos campeonatos de judô (principalmente os de grande expressão como o paulista) em relação à carreira de técnico? Justifique			
G	Part	Categ	Respostas
3	K	ESP	<i>Todos os resultados obtidos são de suma importância para o currículo do atleta sendo que futuramente o mesmo será usado para transição de conhecimento e motivação para seus alunos.</i>
3	L	ESP	<i>Apesar de um bom técnico não ser formado de títulos, eles ajudam muito, pois seus alunos o terão como exemplo e tentarão ao máximo ser igual ou melhor do que você. E também você conseguirá passar a experiência que é lutar um campeonato de nível, no qual você não usa somente a força, mas acima de tudo a inteligência.</i>

Quadro 34 - Questão 4, Grupo 3, questionário de Técnico / instrutor

Questão 4 – Qual a contribuição dos resultados obtidos nos campeonatos de judô (principalmente os de grande expressão como o paulista) na sua carreira de técnico? Justifique			
G	Part	Categ	Respostas
3	M	ESP	<i>Na minha opinião isso influencia em incentivos para os alunos na qual se espelham em seus professores alcançarem a perfeição e conquistas na qual seu professor já conquistou.</i>

Como no grupo anterior, as experiências e resultados competitivos conquistado pelo técnico em sua trajetória como atleta são considerados importantes e valorizados pelo meio. Os participantes por meio de suas respostas demonstraram crer que o caminho do atleta para chegar a técnico é natural e que sua legitimação é concretizada pelo currículo de atleta.

Os dados obtidos pelas respostas às questões acima apresentam um consenso quanto à categoria Esportivista, legitimando o técnico por meio da quantidade de títulos e/ ou vitórias perante o público e ou atletas.

O próximo grupo é composto por três participantes que responderam os questionários dirigidos aos Atletas e que em sua trajetória conquistaram de oito a dez medalhas no Campeonato Paulista.

4.2.2.5 – Análise dos questionários do Grupo 4

Quadro 35 - Questão 1, Grupo 4, questionário de Atleta

Questão 1 - Quais fatores que você considera importante para a carreira de técnico de judô? Justifique:			
G	Part	Categ	Respostas
4	N	ESP	<i>Experiência de atleta, Ser atencioso com os detalhes técnicos, acompanhar a vida do atleta e conduta ética.</i>
4	O	ESP/ assoc	<i>Acho importante ele ter conhecimento prático do judô, mesmo que não tenha sido um atleta de seleção, mas ter vivido o esporte.(...)Pensando em parte somente técnica, uma faculdade de ed. Física não teria tanta importância, mas como hoje um técnico de judô da muito treino físico, a faculdade se torna importantíssima!(...) Também acredito que o técnico moderno deve saber trabalhar em grupo(...) não dar treinos tendo por base treinos que ele fez quando era atleta .(...) Acredito que seja isso, uma mente aberta, formação profissional ou um trabalho em equipe, e um bom conhecimento das técnicas do judô</i>
4	P	ESP	<i>Primeiramente gostar muito de judô, (...) deve ter como principal foco o desenvolvimento e evolução dos seus atletas. Deve ter grande conhecimento técnico (...) para transmitir confiança aos seus atletas (dominar aquilo que ensina), (...) deve saber lidar com as pessoas, com o ser humano, pois o atleta recebe cobrança, pressão, a todo momento, e lidar com isso é muito difícil, lidar com o seu estado de desgaste físico e mental</i>

Após análise dos dados da questão 1 do questionário de Atleta, notamos o consenso quanto à categoria Esportivista e um diferencial quanto aos componentes associativo e prático. O participante N apresenta a categoria mencionada com o componente prático, pois considera importante a experiência de atleta bem como atenção aos detalhes técnicos. O participante O, apresenta a mesma resposta apresentada anteriormente e mais o associativo quando se refere ao trabalho em equipe. Para o atleta P, encontramos consenso na categoria Esportivista e o componente associativo.

Como nos grupos anteriores, as respostas novamente convergem para a valorização da formação do técnico por meio das conquistas quando atleta, sendo que identificamos a categoria Esportivista para todos e a grande ênfase dada pelos participantes aos conhecimentos técnicos e práticos.

Quadro 36 - Questão 2, Grupo 4, questionário Atleta

Questão 2 - Qual a relação entre a competição de judô e os valores que a modalidade passa para os seus praticantes? Justifique			
G	Part	Categ	Respostas
4	N	EDU	<i>Os valores praticados no judô são exercidos na sua competição. Toda a conduta de atleta e cidadão que é demonstrada nas aulas dessa modalidade é transmitida tanto para sua competição quanto para a vida do atleta. A Competição serve para o atleta exercer as técnicas e a conduta que ele aprendeu nas aulas da modalidade</i>
4	O	EDU	<i>O judô é famoso por disciplinar, passar valores morais, enfim por ajudar crianças a se tornarem adultos íntegros, pessoas melhores e de caráter. Acredito que isso seja visível em uma competição de judô. Poucos esportes acontecem o que acontece no judô, como por exemplo o atleta que foi derrotado faz questão de cumprimentar o atleta vencedor, ou o atleta respeitar as decisões dos árbitros, ou ainda o atleta que venceu ajuda o atleta derrotado a se levantar, enfim, pequenos gestos mostram que os valores do judô estão presentes também nas competições. (...) Os valores passados na base do treinamento, são mantidos no mundo competitivo!</i>
4	P	EDU Mot	<i>É fato que o judô prega antes de tudo a disciplina, o respeito para com seu companheiro. Por mais que o atleta seja competidor, queira vencer, dê o seu máximo pelo objetivo, deve respeitar o seu "adversário. (...) Além de um desenvolvimento mental, para compreender a derrota (a qual é inevitável) e evoluir com a mesma,...) estar com a cabeça erguida na derrota, pronto para outras batalhas, tendo a consciência de que tem muito o que aprender. Tem uma frase que eu aprendi com o meu Sensei "Campeão não é quem nunca caiu, mas quem soube levantar e prosseguir". Valores como esses que aprendemos com o Judô, servem para a vida inteira, não só para competições!</i>

Assim como nos grupos anteriores, no que se refere a esta questão, o consenso ocorreu com a categoria Educativa, destacando-se as inferências feitas pelos participantes quanto às condutas aprendidas na modalidade, principalmente no que diz respeito aos valores do esporte e tradição. O participante P destacou em seus resultados a superação frente à derrota e às dificuldades encontradas, emergindo assim a categoria Motivacional.

Quadro 37 - Questão 3, Grupo 4, questionário Atleta

Questão 3 - Qual a contribuição dos resultados obtidos nos campeonatos de judô (principalmente os de grande expressão como o paulista) em relação à carreira de técnico? Justifique			
G	Part	Categ	Respostas
4	N	MOT ESP	<i>Os resultados obtidos pelo atleta serve de motivação para a carreira de técnico, assim como serve de experiência, pois o atleta que obteve resultados de grande expressão entende muito melhor a relação que se deve ter entre técnico e atleta para um melhor desempenho deste na modalidade</i>
4	O	ESP/ (legiti mação)	<i>(...) Quando esse atleta obteve resultados de expressões nacionais e ate internacionais, essa carreira já começa sendo mais reconhecida. É comum um grande atleta se tornar técnico de um grande clube ou fazer parte de um grande projeto. Enfim, os títulos trazem um maior reconhecimento para a pessoa. Porém acho que temos ter cuidado, já que não é porque a pessoa foi um atleta com muitos títulos, que ela será um bom técnico! Muitas vezes, a pessoa foi um atleta excepcional mas acaba não se tornando um bom técnico</i>
4	P	EDU	<i>Para obter esses resultados é necessário grande dedicação, é necessário viver para o judô, e quem está disposto a isso quer mais do que tudo a evolução do Judô, quer que cada vez mais tenhamos atletas que possam ser considerados judocas (entendo que judoca não é aquele que apenas pratica o judô, mas sim o que leva todos os valores do Judô e os ensinamentos para a sua vida, e os transmite através de sua personalidade). Portanto, é comum que Judocas, continuarão no meio depois de deixar a fase competitiva, tomando-se Sensei, e transmitindo seus conhecimentos para as próximas gerações.</i>

Neste grupo, assim como nos demais que abordam esta mesma questão, o consenso está na valorização dos resultados competitivos para a legitimação da formação do técnico. Apenas o participante P atribuiu uma característica Educativa a esta pergunta, cabendo ressaltar que esse participante apresenta mais vitórias no Campeonato Paulista entre os demais participantes. Para os participantes N e O a categoria comum é a Esportivista, porém, o participante N apresenta também a categoria Motivacional.

Em nossa análise, observamos que quando questionado aos participantes sobre os valores transmitidos pelo judô durante sua prática, foram-nos apresentados apenas aspectos positivos, porém, ao se perguntar sobre os aspectos do desenvolvimento dos técnicos, o que se torna mais importante é a performance, ficando claro que este é considerado bom técnico porque os alunos serão motivados pelo exemplo a serem bons atletas, tendo como modelo o passado do seu técnico (circuito de retroalimentação).

4.2.2.6 Análise das respostas intergrupos

Após a apresentação dos resultados de cada grupo pesquisado, cabe-nos agora proceder à análise mais aprofundada das respostas, observando a coerência das mesmas entre os grupos, ou seja, verificaremos as convergências de opiniões entre os participantes.

Neste intento, agrupamos as respostas por questionários aplicados, fazendo distinção apenas para que se refere ao “Abandono da prática e/ ou competição”, sendo que os questionários de “Atleta” e “Técnico/ instrutor” foram analisados em conjunto, lembrando que esta divisão foi feita com base nas respostas dos próprios participantes ao questionário de informações gerais, detalhado na metodologia.

Começamos, então, pelo questionário de Abandono com a resposta dada a cada questão, e posteriormente passaremos a apresentar os questionários de Atleta e Técnico:

Abandono 1 -Ter praticado judô tem influência na sua vida atual? Justifique

O questionário de Abandono foi respondido pela totalidade do grupo 1, e por dois participantes do grupo 2, sendo que sobre as respostas apresentadas pelos participantes informantes referentes à influência da prática do judô na sua vida atual.

Destes, quatro participantes (grupo 1 participantes: B, C e E - grupo 2 o participante: I) apresentaram em suas respostas um teor disciplinador, arraigado à idéia conservadora de educação que reflete uma pedagogia autoritária, conforme apresentado pelos participantes:

*No judô, mais que a luta, a disciplina, educação e o respeito caminham juntos. E com certeza, quando eu tiver um filho ele praticará o judô(Participante C grupo 1)
 (...) Essa filosofia de respeitar seus superiores, mas também seus inferiores
 (...) (Participante I grupo 2)*

Para os outros três participantes a mesma questão suscita o sentido de educação aparentemente diferente do anterior, que levam a entender que eles percebem educação como autocrescimento, de relacionamento com a sociedade e consigo, sendo que um desses participantes relaciona-se com a descoberta da profissão, no caso a Educação Física, conforme os trechos relatados pelos participantes:

*(...)sei que muitas vezes o que eu quero só depende de mim (...) (Participante A grupo 1);
 (...) o judô abriu portas para que eu conhecesse o esporte e também a Educação Física (...)(.Participante D)*

(...) levando em conta eu estar bem comigo mesmo. (Participante G grupo 20)

Abandono 2 - *Em que momento e/ ou quais os motivos que o levaram ao abandono da prática ou da competição de judô? Justifique*

Quando tratamos da questão 2 do questionário de Abandono, identificamos 4 (quatro) participantes que deixaram de treinar por perderem o interesse pela modalidade decorrente de motivos distintos como: lesão, trabalho e pressão por resultados. Para os participantes que responderam ao questionário de abandono no grupo 2 os resultados permanecem na mesma configuração, sendo que os motivos do abandono relacionam-se às lesões e ao desencantamento com o esporte brasileiro, como podemos evidenciar nos trechos a seguir:

(...) Além disso tive muitas contusões em minha vida (...) (Participante A grupo 1)

(...) Nessa fase o judô se tornou um pouco cansativo (...) (Participante B grupo 1);

(...) O judô começou a perder a graça (...) (Participante C grupo 1)

(...) mais o motivos foram cobranças excessivas de professor, família e amigos então eu perdi a vontade de praticar o esporte por um tempo. (Participante D grupo 1);

(...) pois sobreviver do esporte aqui no Brasil não é coisa fácil. (Participante G grupo 2)

(...) por uma lesão no joelho, sendo necessária uma cirurgia e cinco meses depois outra. (Participante I grupo 2)

Convém ressaltar que apenas um participante do grupo 1 (E) destoou dessas opiniões devido ao fato de não ter abandonado totalmente a prática do judô, treinando esporadicamente, considerado ter abandonado o esporte pelo fato de não participar de campeonatos, salvo os de demonstrações técnicas (katas).

Abandono 3 – *Qual o significado das competições de judô que você participou (principalmente o Campeonato Paulista)? O que elas representaram para você? Justifique*

Observa-se na terceira questão característica predominante de exaltação para quatro participantes do grupo 1 e ambos do grupo 2, principalmente no que se refere à vitória, conforme os trechos destacados:

(...) esforço que eu fazia para dar o meu melhor (participante A grupo 1)
(...) Além claro da motivação por ganhar medalhas é claro as competições (Participante B grupo 1);
(...) Mas em tudo que faço, almejo ser o melhor(...) (Participante C grupo 1);
(...) e o paulista era tudo pois é um campeonato diferente (...) (Participante D grupo 1);
(...) O significado das competições pra mim se resume em uma palavra “vitória” (Participante G grupo 2);
(...) Vencer um Paulista é saber que você atingiu seus objetivos, (Participante I grupo 2);

Convém observar que essa exaltação se refere à conquistas obtidas em uma fase de desenvolvimento que se encontra distribuída principalmente na segunda infância (09 e 10 anos) com 3 (três) participantes, na pré-adolescência (11 e 12 anos) para 2 (dois) participantes e na adolescência (acima de 12 anos) para 2 (dois) participantes, sendo que apenas 1 chegou à fase adulta (Participante I, 17, 18 e 19 anos) tendo parado devido a lesão.

Ainda referindo-se à questão 3, merecem destaque os depoimentos de 3 (três) participantes que referem-se a necessidade de exposição como fator motivacional, ou seja, o destaque alcançado pela vitória é o que os motiva à continuidade no esporte, sendo que observamos nas respostas à questão 2 que a escassez de vitórias levou a desistência desses participantes. Podemos observar dois relatos de sofrimento (Participante A com 10 anos de idade na última conquista) e sacrifício (Participante I com 10 anos idade na última conquista) como fatores que podem colaborar para a desistência do esporte, conforme os seguintes trechos das respostas:

(...) que todo o treinamento e sacrifício valerem à pena (Participante I grupo 2);
(...) quando as competições iam chegando, já que sofríamos juntos. (Participante A, grupo 1);
(...) é indescritível todas as pessoas voltadas para sua luta, entes queridos torcendo por você (Participante B grupo 1);
(...) era uma forma de mostrar a todos o seu empenho nos treinos (Participante D grupo 1).

Apesar da impressão inicial da competição apresentar-se de forma positiva pelos participantes, existe certo conflito na relação com os motivos da desistência apresentado

na questão 2 e a relação com o nível de desenvolvimento que o grupo apresenta no período em que competia.

Apenas uma das respostas deste grupo foi considerada mais ponderada em relação com a vitória e continuidade na modalidade, devido ao fato do participante indicar a sua vitória como um momento de grande conquista, porém reflete que seu treinamento estava mais relacionado com outros aspectos que não apenas o competitivo. Neste sentido é o único participante deste grupo que não abandonou a prática do judô, sendo que apenas não compete mais (o que menos teve pressão continuou praticando e competindo de outra forma).

Em contrapartida, dos participantes que abandonaram a modalidade (A, B, C, D, E, G e I), e que conquistaram até 3 medalhas, estão os demais participantes que se identificaram como atletas ou técnicos, sendo que o número maior de vitórias pareceu influenciar a relação dos participantes com o próprio judô. Desta forma, apontamos o número de medalhas que estes possuem: 3 medalhas (F e H); 4 medalhas (J); 5 medalhas (K); 6 medalhas (L e M); 8 medalhas (N e O); e 10 medalhas (P). Para estes participantes as respostas foram dimensionadas de forma conjunta por ser o mesmo teor da pergunta.

Passemos às respostas dos questionários de “Técnico/ instrutor” e “Atleta”:

Atleta Questão 1 - *Quais fatores que você considera importante para a carreira de técnico de judô? Justifique*

Técnico Questão 2 – *Quais os fatores que você considera que o auxiliam na sua carreira de técnico? Justifique*

No que diz respeito à primeira pergunta, foi observada a ênfase dos participantes em relação com o conhecimento prático e esportivista, que conforme Drigo (2007) são característicos da fundamentação artesanal dessa modalidade, pois tanto a competência do “saber fazer” que é atrelado à vitória quanto a competência técnica abordada são elementos da dimensão prática. Nesse sentido, 8 (oito) participantes consideraram o domínio técnico e competitivo como parte fundamental para a formação do técnico, porém, 3 (três) apresentam associação desses conhecimentos com a formação Acadêmica, a exemplo dos trechos que seguem:

(...) como educação física, psicologia, nutrição, fisioterapia, entre outras (Participante J grupo 2);

(...) Por isso uma boa formação acadêmica (Participante L grupo 3);

(...) faculdade de ed. Física não teria tanta importância, mas como hoje um técnico de judô da muito treino físico, a faculdade se torna importantíssima!

Outra opinião em relacionada com pergunta refere-se à categoria vocacional, cujo participante apresenta *o gostar*, no caso, de crianças e de judô, como fator importante para a formação do técnico.

Sempre trabalhei com o Judô infantil escolar, pois só o levei em festivais de judô, mas sempre foi muito gratificante (Participante H grupo 2)

Atleta Questão 2 - *Qual a relação entre a competição de judô e os valores que a modalidade passa para os seus praticantes? Justifique*

Técnico Questão 3 – *Qual a relação entre a competição de judô e os valores que a modalidade passa para os seus praticantes? Justifique*

Nessa questão é possível observar que todos os participantes apresentaram valores esportivos referentes à contribuição do judô, não havendo discordância ou particularidade entre eles.

A justificativa apresentada que seria um diferencial do judô pode ser considerada o princípio da base ética do esporte, o “espírito desportivo” ou “fair-play”, que se expressa na valorização do empenho para vitória, reconhecimento da derrota, respeito às regras e conduta amistosa. Neste sentido, não foram abordados valores referentes à modalidade judô, mas relativas ao esporte como um todo.

(...) A competição nos ensina a ter garra, coragem e nunca desistir (Participante J, grupo 2);

(...) seria o de reconhecer a derrota, saber perder, para erguer a cabeça e recomeçar novamente (Participante F grupo 2);

(...) Em aprender a cair levantar, perder e ganhar, disciplina, respeito mutuo. (Participante H grupo 2)

(...) é preparar - se para o alto-rendimento na competição e buscar o melhor resultado no pódio (Participante K grupo 3);

Acho importante ele ter conhecimento prático do judô, mesmo que não tenha sido um atleta de seleção (Participante O grupo 4).

Atleta Questão 3 - *Qual a contribuição dos resultados obtidos nos campeonatos de judô (principalmente os de grande expressão como o paulista) em relação à carreira de técnico? Justifique*

Técnico Questão 4 – *Qual a contribuição dos resultados obtidos nos campeonatos de judô (principalmente os de grande expressão como o paulista) na sua carreira de técnico? Justifique*

Em relação à questão 3 (três) sobre técnicos e para atletas, um participante (H) não se identificou com a pergunta, pois ponderou o fato de seu trabalho, no caso com crianças, ser direcionado a questões de desenvolvimento global e não esportivo, colocando as competições como irrelevantes para seu trabalho.

Já os demais participantes consideraram de forma unânime que competições de judô de alto-nível, como o Campeonato Paulista, agregam valores relacionados com prestígio do técnico de judô. Nesse sentido o caráter esportivista novamente se torna importante no que se refere aos valores anexos ao judô (se eu não quiser ser competitivo não vou ter prestígio).

5. DISCUSSÃO

Após elencar os resultados por meio das categorias de análise optamos por percorrer dois caminhos distintos na discussão, porém, relacionados com nosso estudo: o primeiro levou em conta os pressupostos da teoria de Norbert Elias - definido como referencial teórico do trabalho -; nesse sentido será abordada a questão da iniciação desportiva precoce permeando a obra de Elias (1995) em sua abordagem sobre vida de Mozart; da mesma forma referendamos a formação de técnicos desportivos de judô baseado nas relações de Estabelecidos e Outsiders em Elias e Scotson (2000). Ambas as análises levam em conta uma leitura exploratória e pontual, relacionando com fragmentos de uma análise incorporada ao tempo presente.

Observamos que em se tratando de Norbert Elias existe a limitação de nossa análise no que se refere a não exploração de um processo contínuo de desenvolvimento do que o autor define em outras obras como “processo civilizatório”. Entendemos que desta forma teríamos uma análise em maiores dimensões que o tratamento pontual a que nos propusemos, porém, consideramos que os estudos de Norbert Elias podem auxiliar como uma nova forma de olhar o esporte e a formação profissional, a exemplo da análise de Hunger, Rossi e Souza Neto (2011) relacionadas com a formação do professor.

Outro caminho que trilhado relaciona-se com as questões de estudos iniciais apresentadas na introdução (tópico 1.2), que nos permitiram delimitar a construção de argumentos e debates gerados pelos resultados, nos permitindo também o direcionamento para resolver as dúvidas advindas do problema do estudo, em alguns momentos concomitante com a discussão do referencial teórico.

5.1 – Discutindo com o referencial teórico

A primeira abordagem que inserimos em nossa discussão busca relacionar o referencial teórico da obra de Elias (1995) com a especialização precoce no judô, em particular no que diz respeito aos dados quantitativos – numéricos sobre o Campeonato Paulista – e qualitativos – questionários referentes aos grupos - encontrados em nosso estudo.

Desta forma, ao analisarmos o grupo estudado percebemos o grande número de crianças que obtiveram um número de conquistas restrito, ou seja, medalharam de uma

a duas vezes no Campeonato Paulista, sendo que a amostra dos 103 atletas que compõem o período determinado para o estudo, o grupo 1 (1 e 2 conquistas) é composto por 67 (sessenta e sete) meninos correspondendo aproximadamente a 65% do total desta amostra. Neste mesmo grupo, 51 (cinquenta e um) medalharam apenas uma vez, ou seja, ganharam uma vez o Campeonato Paulista de judô quando tinham 9 ou 10 anos, não refletindo em um adulto competitivo no esporte.

Na literatura, Massa, Uezu e Böhme (2010), apresentam fatores relacionados ao apoio da família, ao prazer pela prática e a determinação dos judocas como fatores determinantes e de grande relevância para o desenvolvimento do talento, assim como as “situações negativas oriundas do processo de desenvolvimento do talento podem contribuir para uma mudança de comportamento (...) capazes de gerar índices elevados de desistência no judô” (MASSA, UEZU E BÖHME 2010, p. 479). Acompanhamos no estudo a relação da divisão causada pela competição precoce, porém pouco se sabe, enquanto dados numéricos, da desistência da modalidade ou da falta de conquista posterior. O que percebemos, de fato, é que a vitória em tenra idade (9 anos) não garante a sua continuidade, a não ser pelas exceções.

Estendendo esta observação para o grupo de aprofundamento desta pesquisa (n=16), encontramos nos resultados competitivos dos informantes o ponto que para nós corresponde ao fator delimitador entre a continuidade ou não como competidor frente aos grupos estudados, sendo que os dados apontam para a marca de três conquistas como o ponto de limite entre continuar ou não na prática da modalidade, ou seja, os participantes do grupo 1 (n=5) abandonaram a prática de judô, sendo que no grupo 2 (3 ou 4 conquistas) os participantes dividiram-se entre o abandono (2 participantes com 3 conquistas) e a continuidade como técnico ou atleta (2 participantes com 3 conquistas e um com 4 conquistas). Este dado permite observar como o fato de prosseguir ganhando constituiu um fator motivacional para a continuidade da prática, já que a distribuição entre praticantes e abandono acabou tornando-se pontual apesar da aleatoriedade dos informantes (participantes) e da amostra (grupos).

De fato, para estabelecermos um paralelo com o referencial de Norbert Elias, atentaremos para a similaridade das exigências das competições infantis de judô com a precocidade que ocorreu na vida de Mozart (ELIAS; 1995), que esteve relacionada ao estudo da música, bem como da apresentação em público em *tourneés* antes dos sete anos, cabendo lembrar que Mozart tocava piano já aos três anos de idade. Em nosso estudo atentamos para a iniciação (treinamento) esportiva e a participação em

competições de nivelamento alto (com fases eliminatórias regionais) precocemente pelos nossos participantes, estabelecendo um recorte em relação com a iniciação competitiva na classe infantil que abarca as idades de 9 e 10 anos no Campeonato Paulista. Quanto à idade para o início da prática do judô da amostra total (103 atletas), não foi questionada, podendo constituir um apontamento para estudos posteriores.

A evidência desta relação se faz quando encontramos entre os nossos participantes (16 que responderam aos questionários) uma iniciação precoce tanto na modalidade, como na participação em competições, sendo que a média de idade em que os participantes iniciaram a prática foi de 5 (cinco) anos sendo a menor 3 (três) e a maior 10 (dez) anos. A média referente à idade em que participaram da primeira competição foi de 7 (sete) anos, sendo a menor 5 (cinco) e a maior 10 (dez) anos. Também foi possível evidenciar em seus relatos a exclusividade que o judô teve em suas infâncias, favorecendo algumas conseqüências para suas trajetórias como atletas. E com o intuito de uma melhor compreensão desse contexto, criamos as categorias de análise a partir da similaridade das respostas dos participantes, apresentando a predominância das questões Educativa, Impeditiva, Exaltante, Motivacional e Melancólica que serviram como *links* de relação com o referencial adotado.

A partir disto pudemos perceber algumas questões preponderantes que se coadunam com as apresentadas por Norbert Elias, sendo que uma das questões diz respeito às percepções dos participantes relacionadas à sua própria vivência com o judô, e como seu aprendizado e a inserção competitiva influenciaram sua vida adulta.

Tais percepções se encontram, ora ligadas aos aspectos positivos da influência do judô para a vida dessas pessoas, e ora com relação às dificuldades da vida como atleta e ao abandono da modalidade, não ficando evidente se os mesmos percebem estas últimas como aspectos negativos. Desta forma, o fato do caráter educativo do judô surgir como um aspecto recorrente dos relatos dos participantes, sugere que a percepção dos mesmos remete ao judô como algo maior do que apenas uma luta, trazendo subjacente a ele valores de respeito à hierarquia e respeito aos mais velhos –aspectos ligados à obediência -, além do seu caráter disciplinador como determinante para o desenvolvimento do autocontrole. Contudo, para os participantes que abandonaram a modalidade, todo o aprendizado proporcionado pela prática do judô não excluiu as intempéries características do esporte competitivo, como a pressão por resultados (tanto de técnicos como de familiares e amigos), o cansaço e o desinteresse pela prática, sugerindo que embora o judô possa contribuir para a formação física e moral de seus

praticantes, não há garantias de que isto ocorra de forma adequada, principalmente em se tratando da formação de crianças.

Nesse sentido, os relatos dos participantes se coadunam com o referencial do caso Mozart (ELIAS, 1995) em que o autor aponta para uma percepção mais aprofundada sobre a fragilidade da infância relativa aos interesses alheios de todos que a rodeiam, ou seja, existe uma vulnerabilidade evidente na criança sobre a qual os adultos que fazem parte do seu convívio (pais e técnicos) sobrepõe os seus desejos às necessidades de desenvolvimento e desejos das próprias crianças, o que pode ser observado no comportamento dos técnicos que buscam o *Stabelishment* em função dos resultados dos seus alunos/ atletas, principalmente em, alguns casos nos quais a especialização precoce prevalece; e com relação aos pais que projetam nos filhos a realização do sucesso competitivo que não tiveram, fato já descrito por Darido e Farinha (1995). Podemos perceber que essa fragilidade se apresenta de forma ambígua nos dados deste estudo, sendo que para os participantes, sobretudo aqueles que abandonaram as competições e a prática do judô, a percepção sobre o treinamento ao qual foram submetidos emerge de maneira positiva, sendo que em um caso emblemático isto se estende para as próximas gerações, como no depoimento do participante C: *“No judô, mais que a luta, a disciplina, educação e o respeito caminham juntos. E com certeza, quando eu tiver um filho ele praticará o Judô”*.

Em outros momentos, alguns discursos surgem de forma positiva relacionados com socialização e a amizade conquistada, porém, não havendo um aprofundamento da questão no sentido de identificar se essas amizades perduraram ou se ficaram no passado assim como as lembranças das competições ficaram como lembranças da infância com as quais associamos a categoria Melancolia. Nesse sentido, apesar dos participantes apresentarem o aspecto positivo em seus depoimentos, estes se encontram em uma posição obscura e distinta que é o abandono da modalidade e/ ou da competição, ou seja, o discurso aparece de forma positiva com relação à prática e à competição, porém alguns dos motivos apontados pelos participantes em relação quanto ao abandono remetem a aspectos como a frustração pela derrota, pressões e cobranças excessivas dos pais, técnicos e amigos, desestímulo devido a rotina que envolve a prática e lesões decorrentes dela.

Identificamos nas respostas dos participantes informantes outros elementos que facilitam a compreensão da relação com o referencial teórico. Elias (1995), apresentando momentos em que Mozart sacrificou sua infância em detrimento dos

contínuos e intensos ensaios e viagens, fato apresentado em alguns relatos em que, o grupo do Abandono destaca em suas respostas o que vivenciaram em sua trajetória de atleta e apontam os momentos de sacrifício vividos nos treinamentos, o nervosismo, pressão nas competições e por fim a pressão e a cobrança de resultados feitos pelos pais, técnicos e amigos, fatos semelhantes aos apresentados por Elias (1995) em que retrata o regime estimulante e severo no qual viveu Mozart.

Podemos relacionar os aspectos negativos da especialização precoce com as experiências vividas por Mozart, para o qual uma educação exigente e severa trouxe conseqüências para sua personalidade e também no âmbito social, como apontado por Elias (1995, p. 55 e 71), apresentando um comportamento inseguro e infantilizado já em idade adulta. Rebutini, Machado e Brandão (2008, p.76), tratam desse assunto e afirmam que a criança nem sempre está preparada para lidar com tais exigências, além de Bara Filho e Garcia (2008) que estudaram os motivos de abandono precoce do esporte devido à instabilidade física, psicológica e social, fatos claros apresentados por Elias (1995). Ademais, tudo indica que um dos motivos que podemos associar ao fato de pais e técnicos submeterem suas crianças à penúria de um treinamento extenuante e à responsabilidade da vitória na competição está assentado na busca do reconhecimento (fama) por meio do esporte.

Da mesma forma que Mozart buscou de maneira incessante o *Stablishment*, a ascensão social, fama e a fortuna através da música (ELIAS, 1995), entre os participantes com maior “talento” observamos que os mesmos utilizaram suas habilidades atléticas para obter além da fama o *Stablishment* por meio de suas conquistas, ou seja, quanto mais vencem mais chances possuem de permanecer no clube com os benefícios como, salário, bolsas de estudos entre outros. A exemplo disto, temos no grupo estudado um participante cuja desistência da modalidade foi associada à impossibilidade de sobreviver de recursos provenientes da função de atleta sem perspectiva de ascensão social. No caso de Mozart, na fase final de sua vida já não possuía recursos suficientes para o sustento tanto seu como da sua família, motivo que o levou a desgraça mesmo com todo seu talento.

A confirmação desta realidade pode ser observada no fato de a vitória constituir o reforço positivo necessário para a manutenção no esporte, tanto no aspecto da motivação quanto da visibilidade que a conquista proporciona. Esta questão aparece de forma predominante nas respostas dos participantes, com relação à necessidade de ficar em evidência e de agradar como forma de mostrar seu empenho e esforço para atingir o

que foi planejado. Elias (1995) apresenta que a busca de aceitação e do *Stablishment* por Mozart no seu grupo local acabou sendo uma prioridade do seu trabalho, fato corroborado por alguns dos participantes da pesquisa, como segue:

A sensação de entrar num tatame com um título paulista em jogo é indescritível todas as pessoas voltadas para sua luta, entes queridos torcendo por você, é muito legal (Participante B).
 (...) *porque era uma forma de mostrar a todos o seu empenho nos treinos* (Participante D).

Em outro patamar, além do aspecto da socialização – que aparece como referência positiva da prática do judô – outro ponto que emerge de maneira ambígua diz respeito às regras de conduta presentes na modalidade e que se apresentam como aspecto educativo pelos participantes. Desta forma, foi possível identificarmos momentos em que os participantes descreveram sua vivência na modalidade utilizando termos como *hierarquia*, *autoridade*, e em um caso específico, a *submissão* a uma situação em que deveria acatar o que foi decidido pelos mais graduados e/ ou mais velhos como um aspecto positivo da prática do judô, a exemplo dos trechos a seguir:

(...) na qual a criança ou praticante aprende a respeitar, na forma de hierarquia na qual os mais velhos merecem o respeito onde você respeita seus adversários em competições. (Participante L).
Acima de tudo, respeito, disciplina e organização. Uma competição de Judô só é realizada com a colaboração de todos. Aprendemos a respeitar os árbitros e mesários que estão ali para que a competição aconteça, muitas vezes trabalhando sem nenhuma remuneração. Devemos ser disciplinados e aceitar as suas decisões, mesmo achando que estão errados e isso tudo só acontece com muita organização dos dirigentes e administradores (Participante L).

A questão da autoridade, assim como as suas nuances ligadas à violência simbólica, constituem temas amplamente discutidos em diversas dimensões – como a educação, política e filosofia -, sendo que a sua relação com o judô foi abordada por Mesquita (1994) e Drigo (2002). Em termos da sua definição, há que se destacar a diferença entre a autoridade e o autoritarismo, sendo que são termos que se confundem na ótica do senso comum. Desta forma, e com a intenção de contribuímos com a discussão, abordaremos o disposto por Araújo (2002) que aponta que existem dois tipos de autoridade: “*autoridade autoritária e a autoridade por competência. Enquanto a primeira está ligada ao uso da força e da violência, a segunda vincula-se à admiração nutrida nas relações com os subordinados a partir do prestígio e da competência*” (p. 63).

Isto sugere que em uma relação a autoridade pode se apresentar de duas maneiras: A primeira, autoritária, caracteriza-se pela imposição e pelo medo, sem a possibilidade de contestação. A segunda, autoridade por competência, é por outro lado construída pela afinidade entre os indivíduos; nela, a relação principal é de amor/ temor (o qual configura o medo de decepcionar o outro). Esta relação é pautada pelo afeto e seu elo de ligação é a admiração (ARAÚJO, 2002).

Alguns autores como Araújo (2002) e Drigo (2009), aludem que uma relação de autoridade autoritária entre o técnico e seus alunos, principalmente os pequenos, pode determinar como a criança se situa no contexto no qual esta se apresenta. No caso da prática do judô, o resultado seria um papel inferiorizado e subordinado à imposição do técnico. Massa, Uezu e Böhme, (2010) apontam a influência desta situação na questão do abandono por parte do aluno/ atleta de judô, principalmente nas classes dos iniciantes.

As relações de autoridade no judô, via de regra, se apresentam de maneira aviltante com uma abordagem autoritária por parte do técnico em relação aos alunos/ atletas (MESQUITA 1994; ADORNO, 1995 e DRIGO 2002). Elas encontram o cerne de sua justificativa na hierarquia das faixas, a qual denota o grau de conhecimento prático e performático da modalidade pelo praticante. Isto significa que a graduação do aluno/ atleta, ilustrada pela cor de sua faixa, determina a posição ocupada por ele perante o grupo, devendo o menos graduado obediência e subserviência ao mais graduado; é mister observar ainda a possível subversão de ordens sociais ou familiares no âmbito do judô, proveniente da situação descrita (MESQUITA, 1994).

Esta mesma premissa determina a ilusão de poder, de maneira mística, por parte do técnico (faixa-preta) sendo que este determina o que deve ou não ser feito cabendo ao aluno/ atleta apenas a reprodução sem reflexão (MESQUITA, 1994). Esta relação pode ampliar-se para questões sociais além do ambiente da prática na qual o atleta passa ser um cidadão alienado sem autonomia, já que apenas aprendeu a reproduzir ao invés de conhecer.

Algumas das conseqüências dessa forma de abordagem foram destacadas por Elias (1995), tendo analisado na vida de Mozart a relação de mestre e aprendiz que este teve com seu próprio pai, o qual por sua vez, impôs ao filho um treinamento severo e autoritário, cujas conseqüências sociais foram, principalmente, a rudeza e a falta de polidez apresentada por Mozart frente aos cânones que se encerravam nas convenções sociais da nobreza tão almejadas por pai e filho.

Nesse sentido, voltando o olhar para os dados deste estudo, encontramos a naturalização da conduta autoritária vivida pelos participantes descrito em seus relatos, direcionados às questões da categoria educativas associadas a experiência prática dos participantes. Se direcionarmos o foco da categoria Educativa e a conjugarmos ao abandono da competição e/ ou da modalidade, temos, num primeiro momento, uma contradição, contudo, analisando, os motivos do abandono, elencado como pressão exagerada, lesões e desmotivação, ele esclarece-se pois estes fatores, do ponto de vista da psicologia e pedagogia não são adequados.

Isto posto, podemos considerar os fatores da desistência oriundos de uma pedagogia arcaica pautada no autoritarismo, em que Adorno (1995) aponta que a educação autoritária gera pessoas que compreendem o autoritarismo como única forma de educação.

Diante dessa configuração, notamos que a relação entre o caso Mozart e as conseqüências vividas pelos participantes deste estudo pode residir na inabilidade de seus pais e técnicos de conjugar o conhecimento disponível e uma atuação adequada com a realidade apresentada. Além de não incentivarem resoluções sobre o treinamento e participação de crianças e adolescentes em campeonatos promovidos pelas entidades esportivas compatíveis com o preconizado pelas entidades internacionais como apontam Arena, Böhme (2004).

Um exemplo dessa má atuação dos responsáveis, considerando o caso específico do judô, é a contradição entre a recomendação da Federação Internacional (FIJ) recomenda que o “início regular em competições estaduais/ nacionais se dê a partir de 12 ou 13 anos” (ARENA, BÖHME, 2004), fato não ocorrido com a amostra deste estudo, evidenciando que o problema da formação do técnico desportivo bem como a forma de intervenção deste pode acarretar conseqüências não só ao desporto, mas principalmente à criança.

Existe relação ou interferência entre os resultados competitivos e a formação de técnicos para a modalidade?

Da mesma forma que consideramos a relação dos resultados deste estudo com a especialização precoce e ao estudo apresentado por Elias (1995) tratando do caso Mozart, em que as conseqüências nos proporcionaram um debate sob outro olhar, este mesmo autor, trouxe à luz novas possibilidades de observação do espaço social da

formação do técnico desportivo de judô, bem como da sua intervenção. Nesse sentido, traremos para a discussão os dados dessa pesquisa com a inferência do referencial teórico da obra de Elias e Scotson (2000) para uma melhor compreensão desse processo.

Dentro do grupo estudado a relação entre os resultados competitivos e a formação do técnico se apresenta de uma forma ampla, já que os participantes consideraram tanto a conquista de medalhas como a formação em Educação Física como questões importantes a serem consideradas para se tornar técnico da modalidade, sendo que dos 16 (dezesesseis) participantes do grupo, 6 (seis) optaram por cursar faculdade de Educação Física.

Ademais, além de uma formação Acadêmica, no caso a Educação Física, foi dado grande destaque nos relatos dos participantes à prática de longos anos dentro da modalidade, a exemplo do que apontaram os participantes:

“Primeiramente para ser técnico de judô, precisa-se de conhecimento técnico-prático” (Participante K).

“Um bom técnico não é aquele que obteve vários títulos durante a carreira de atleta, e sim o que obteve mais conhecimento” (Participante L).

“Devido às experiências adquiridas com o tempo de judô” (Participante M)

“Acho importante ele ter conhecimento prático do judô, mesmo que não tenha sido um atleta de seleção, mas ter vivido o esporte” (Participante O).

Isto denota uma confluência com o que Drigo (2007, 2009) destaca sobre o judô com relação à formação artesanal de seus instrutores/ técnicos, à qual a segue um modelo de escola de ofício do medievo, e apresenta a experiência do saber-fazer como prerrogativa para o trabalho. Porém, de forma contraditória ao mesmo tempo em que afirmam que as conquistas como atleta não influenciam a formação do técnico, em um segundo momento os mesmos retornam a esta questão reafirmando a medalha como legitimadora da *competência técnica*, e conseqüentemente da *competência para ser técnico*, fato corroborado nos estudos de Drigo (2009).

“Contribui para a realização do nome do técnico” (Participante J).

“Todos os resultados obtidos são de suma importância para o currículo do atleta sendo que futuramente o mesmo será usado para transição de conhecimento e motivação para seus alunos” (Participante K).

“Apesar de um bom técnico não ser formado de títulos, eles ajudam muito, pois seus alunos o terão como exemplo e tentarão ao máximo ser igual ou melhor do que você” (Participante L).

“Na minha opinião isso influencia em incentivos para os alunos na qual se espelham em seus professores alcançarem a perfeição e conquistas na qual seu professor já conquistou” (Participante M).

“(...) Quando esse atleta obteve resultados de expressões nacionais e ate internacionais, essa carreira já começa sendo mais reconhecida. É comum um grande atleta se tornar técnico de um grande clube ou fazer parte de um”

grande projeto. Enfim, os títulos trazem um maior reconhecimento para a pessoa” (Participante O).

Diante desta perspectiva, é legítimo afirmar que a influência exercida pela conquista de medalhas como atleta na construção da formação do técnico, na opinião dos participantes deste estudo, existe na medida em que as medalhas servem como atestado do status de maestria de performance na modalidade. Subentende-se, portanto, um maior conhecimento (da conquista de medalhas) por parte do medalhista em relação aos demais, possibilitando ao mesmo reproduzir o sucesso com seus atletas/ alunos.

Frente a esta configuração, e sem a pretensão de constituir uma análise sociológica do fenômeno estudado, mas sim de estabelecer pontes entre o referencial teórico da obra de Elias e Scotson (2000), “*Os Estabelecidos e os Outsiders*” e a compreensão do processo de formação do técnico de judô, nos aventuramos nesta análise como uma possibilidade de observação do ambiente social das lutas (judô).

Nesse sentido, compreendemos que o modelo proposto por Elias e Scotson (2000), permitiu identificar neste estudo a relação existente entre a formação do técnico de judô relacionado com valores esportivos (medalhas), sendo que para uma melhor compreensão desta análise apresentaremos algumas definições apontadas pelos autores (op. cit.):

Os ingleses utilizam os termos *establishment* e *established* para designar a minoria dos melhores nos mundos sociais mais diversos, (...) a comunidade de membros de um clube social ou **desportivo**. Outsiders não membros da boa sociedade, pessoas unidas por laços sociais não tão intensos, não constituem propriamente um grupo social (ELIAS E SCOTSON 2000, p.7, p.33)”.

Apesar de haver um distanciamento, uma vez que não existe nenhum estudo feito pelos autores citados relacionados com a formação do técnico desportivo de judô, nos esforçamos na aproximação das inferências suscitadas pela obra: *Estabelecidos e Outsiders*, os conceitos nela presentes sugerem a possibilidade de aplicação em “*mundos sociais mais diversos*”, incluindo os “*membros de um clube social ou desportivo*”. Portanto é possível estabelecer um diálogo entre os trechos das respostas apresentadas pelos participantes e a obra em questão.

Como já exposto, os participantes que pretendem seguir na profissão de Educação Física atuando como técnico, atribuíram grande importância aos resultados competitivos e à experiência adquirida com a vivência prática na modalidade, condição

quase que imprescindível para exercer a função de técnico. Observamos que em diversos momentos esses aspectos emergiram como uma forma pela qual o técnico se estabelecer em função de seu sucesso competitivo pregresso, percebendo-se desta forma, que a aceitação de um técnico por um grupo de atletas do alto rendimento é facilitada pela sua trajetória competitiva vitoriosa, ou seja, o processo artesanal é uma das condições para o técnico se estabelecer e exercer poder.

Dessa forma, a reputação, tanto do atleta, como do técnico parece estar relacionada com suas conquistas esportivas, seja conduzindo os atletas à vitória ou seja por seu passado competitivo.

Nesse sentido, surge um circuito de retroalimentação para a formação do técnico de judô, em que o fato de ter sido medalhista facilita a sua inserção para formar novos medalhistas, que podem alimentar este ciclo sucessivamente (FIGURA 1). Como consequência, além do fato de ter sido medalhista legitimar o atleta como técnico, oferece também melhores oportunidades de trabalho com o esporte, assim como uma maior possibilidade de obtenção de resultados com seus alunos/ atletas, pois será mais procurado como treinador. Da mesma forma, mas em sentido oposto, o referencial adotado sugere que a má reputação determina uma ação contrária a esta, sendo que apresenta:

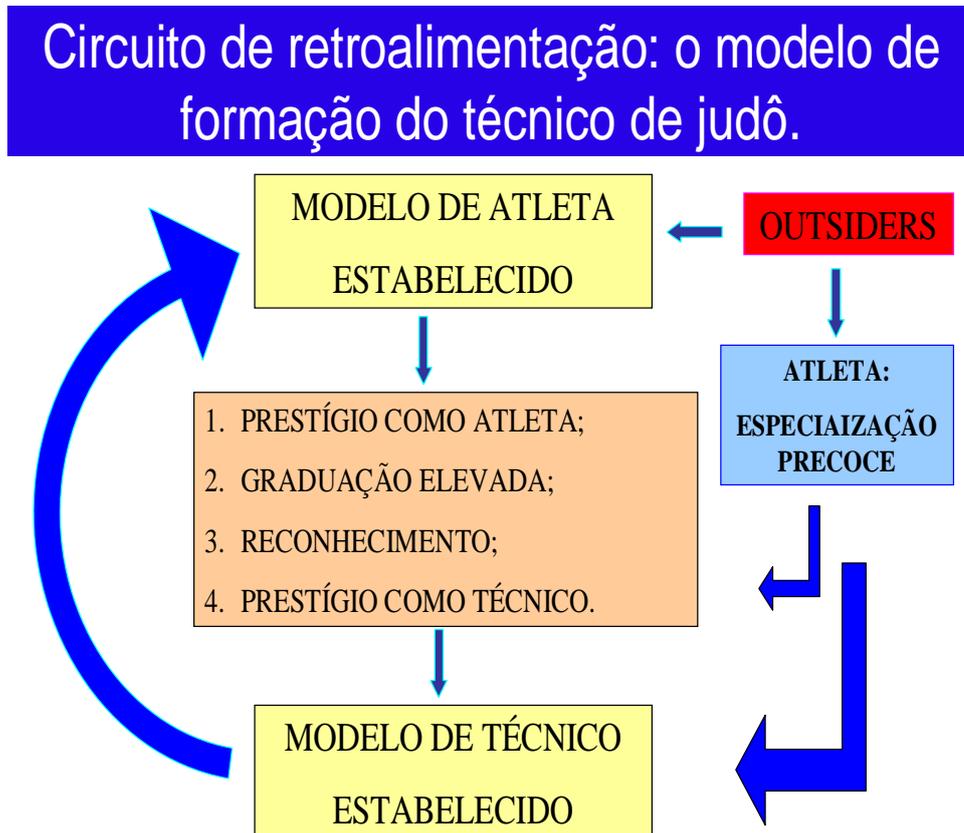
Dê-se a um grupo uma reputação ruim e é provável que ele corresponda a essa expectativa (ELIAS e SCOTSON, 2000, p.30). Verifica-se que as crianças marginalizadas são mais propensas à agressividade e, em certos sentido, materializam os estereótipos que lhes são atribuídos, pelo menos até certo ponto. (ELIAS e SCOTSON, 2000, p.32). Nesses casos, os outsiders não têm nenhuma função para os grupos estabelecidos: simplesmente estão em seu caminho e, com muita frequência, são exterminados ou postos de lado até perecerem. (ELIAS e SCOTSON, 2000, p.33)

Neste sentido, podemos entender que os judocas que não conquistaram medalhas em eventos importantes terão mais dificuldade para estabelecer como treinadores, credita-se a eles uma nova busca por medalhas para seus pupilos de modo a legitimarem seu trabalho, e para que estes conquistem para si a possibilidade de se tornarem estabelecidos, conforme é percebido pelo discurso do participante F¹⁴, quando este diz *“Os resultados servem de confirmação, pois o trabalho que você esta desenvolvendo*

¹⁴ Lembramos que o termo “atletas” para os judocas em geral relaciona-se a todos os praticantes em todas as fases de desenvolvimento.

com o atleta estão sendo concretizados. Isso faz com que você nunca desista, pois é um ótimo técnico, porque obteve a confirmação desse trabalho”.

Gráfico 4 – Circuito de retroalimentação: o modelo de formação do técnico de judô.



Em função deste movimento, podemos afirmar que o processo de pertencer a grupos de estabelecidos e outsiders seja até certo ponto dinâmico, sendo que a busca por estabelecer-se é movida pela necessidade de alcançar determinado poder, num trânsito no qual a pretensão é de sair da posição de outsider, marcadamente inferior no estrato social determinado.

Contudo, cabe ressaltar que esse não é o único caminho a percorrer quando pensamos na formação do técnico desportivo, sendo que chegamos a este sistema como a posição mais valorizada pelos participantes informantes.

Neste sentido, podemos identificar que o judô inicialmente estabelecido por Jigoro Kano (KANO, 2008) como uma forma de luta cuja principal característica o desenvolvimento pessoal e social, multifacetado entre as particularidades de desenvolvimento físico, desenvolvimento social e de cidadania, e desenvolvimento moral, sem preocupar-se em relação ao esporte em si, teve nele (o esporte) a sua maior identificação na realidade atual brasileira.

Verificamos neste estudo ao abordarmos a visão de atletas que conquistaram medalhas importantes a partir da infância (9 e 10 anos), a restrição do universo do judô ao esporte e conquista de medalhas, não sendo abordados temas como saúde e prática participativa, dando ênfase apenas à competição.

O judô, apesar do apelo oriental como atividade educativa relaciona-se mais com o esporte pela valorização dos títulos em relação aos aspectos tradicionais da modalidade?

Essa questão interage com a resposta da anterior, somando-se o fato de que percebemos por meio das respostas dos questionários dos participantes informantes a grande valorização de questões educativas independente do grupo estudado. Neste sentido, após análise dos resultados, ficou evidenciado que dentro do imaginário dos participantes os saberes da prática, nesse caso os valores do judô tradição são mais relacionados aos conceitos do espírito desportivo ou fair-play do que a tradição oriental proposta por Jigoro kano para o judô. Os relatos dos participantes direcionam a questões de respeito aos adversários, respeito aos árbitros e regras e conduta ética perante o treinamento e competições. Para ilustrar tal afirmação apresentamos na seqüência alguns relatos dos participantes informantes do nosso estudo:

A critério de entendimento dos valores propostos por Jigoro Kano para a prática do judô, os três mais evidentes, pelo menos em nossas leituras, são Ju (suavidade) em

relação a não contraposição de forças para que leve o judoca a conseguir utilizar o segundo princípio que é da eficiência máxima, (*seiryoku saizen Katsuyo ou apenas seiryoku zenyo*) ou seja “a energia mental e física deve ser usada da maneira mais eficiente possível para que se chegue ao resultado desejado” independente do objetivo e não apenas por meio da luta. Outro princípio é o chamado *de sojo sojou jita kyoei ou apenas jitakyoei* que significa “prosperidade mútua por meio da assistência e da concessão mútua” o autor ainda explica que “dessa maneira, a situação traz para todos, vantagens que não teriam sozinhos” que vai além da obediência sem reflexão (JIGORO KANO, 2008, p. 38).

Essas concepções da tradição que fundamenta o pensamento de Kano para o judô não são relacionadas ao esporte, mas a conceitos da espiritualidade (crescimento pessoal) que deve atingir o praticante de judô na sua trajetória de vida relacionado aos processos de cidadania e convívio dentro de uma concepção maior que ele determina como bem universal. Com isso percebemos o quanto os valores esportivos acabaram tornando-se predominantes no pensamento dos participantes do estudo, pois como dito há uma predominância no discurso do ser esportivo pelo do fair-play sobrepondo-se às propostas tradicionais de cidadania e crescimento pessoal de Jigoro Kano.

Valores conquistados no campo esportivo são mais importantes para formação do técnico de judô que a formação em Educação Física?

O presente estudo por meio dos questionários respondidos pelos participantes informantes, permitiu a aproximação desta questão de estudo na busca de resolvê-la e apresentar a real situação dos significados mais preponderantes com relação à importância dada, tanto aos valores esportivos, como ao da formação em Educação Física.

Eles apontam que as medalhas são mais importantes que a formação em Educação Física, o símbolo da medalha é mais importante que a formação profissional, corroborando com os estudos de drigo (2006, 2009), CESANA (2011) na observação da incidência da esportivização enquanto predomínio de valores no espaço social do judô superando os valores tradicionais da modalidade e/ ou a formação profissional no âmbito da educação física. Fato este que gera um conflito teórico quando confronta-se a Lei 9696/98 que identifica o graduado em Educação Física enquanto profissional que

presta serviços na área esportiva e área de artes marciais que identifica-se a quem do esporte atribuindo-se características que superam uma identificação considerada reduzida como defini-las apenas como esporte, fato este não confirmado no estudo.

Atribuímos essa interpretação a concepção artesanal da modalidade Drigo (2007, 2009); em que o saber fazer que nos esportes apresenta-se sobre a forma do desempenho ou performance fica evidenciado com isso as medalhas em campeonatos importantes apresentarem-se como um atestado de competência na execução de movimentos que para o artesanato é a condição da formação para ensinar. Dentro desse contexto, as respostas dos participantes informantes identificaram que a formação profissional em Educação Física tem um grau de importância menor que a competência em campeonatos, haja vista, que poucas opiniões apresentaram um equilíbrio entre as duas suposições. Contribuíram para o melhor entendimento na atualidade do que é mais significativo para a formação e para atuar como técnico desportivo de judô

O prestígio conquistado como competidor é transferido para o prestígio do técnico?

O texto apontou que os dados coletados neste estudo levaram a percepção de que à questão é coerente, conforme discutimos durante a relação entre a formação do técnico de judô e os pressupostos de Elias e Scotson (2000).

O sucesso competitivo é uma forma de valorização da formação artesanal por estar intimamente ligado ao “saber fazer”?

Nesse estudo, percebemos que existiu uma valorização dos resultados competitivos relacionados com outros valores apresentados como coadjuvantes do processo de formação de técnicos e instrutores que foram a experiência na modalidade e a formação profissional que para um participante foi indicado a Educação Física. Verificamos que essa discussão correlaciona-se a outras já abordadas nessa discussão no que tange as relações entre desempenho competitivo como um atestado da competência técnica.

Existe relação entre a derrota e a desistência na modalidade?

Existe. A discussão referente à vida de Mozart vista por Elias (1995), é amplo o suficiente para atender a este questionamento, desta forma não será aprofundado a discussão para não tornar o texto repetitivo.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A utilização das obras de Norbert Elias foi significativa como referencial teórico para este estudo, apesar de suas limitações por tratarem-se de obras pontuais tanto, para a questão da temporalidade do estudo, como pela restrição ao grupo específico adotado. Porém, a partir dos dados apresentados nesta pesquisa, o judô pode ser visto pela ótica de Elias e Scotson (2000), como possuidor de um sistema de retroalimentação dos seus atletas que almejam tornarem-se técnicos, quando reproduzirão suas conquistas competitivas por meio de seus alunos, independentemente da classe, repetindo o mesmo modelo de treinamento a que foram submetidos quando atletas, buscando a legitimação e estabelecimento no espaço social por meio das conquistas.

Neste mesmo sentido, as observações sobre a competição e especialização precoce sob a visão de Elias (1995) também foram construtivas, levando-se em conta a abordagem paralela à trajetória de Mozart em relação aos atletas menores.

Entendemos, porém, a necessidade de novos estudos que aprimorem o relacionamento entre os referenciais de Elias e o fenômeno esportivo, no sentido de confirmar essa apropriação e também do aprofundamento desses achados no estudo, principalmente no que se refere aos motivos de desistência dos competidores, enquanto crianças, em confronto com aos aspectos mais valorizados da competição.

Ficou evidenciado que a dimensão esportiva competitiva prevalece na visão dos participantes, sendo que estes atribuem ao competidor vitorioso um prestígio perante aos demais praticantes, além da legitimidade enquanto técnico. Como consequência deste fato, temos que a dimensão esportiva fica reduzida ao escopo da competição, assim como a atuação profissional.

Este fato demonstra que este sistema de retroalimentação atleta/técnico caminha na contramão do que dispõe a própria legislação brasileira (BRASIL, 1998a), que apresenta várias manifestações do esporte e suas diversas possibilidades de utilização enquanto esporte-participação e atividade de lazer, fato já referendado na portaria que cria os Núcleos de Apoio à Saúde da Família – NASF (BRASIL, 2008) –, que apresenta

o judô enquanto atividade auxiliar para a socialização de crianças em situação de risco social, por exemplo. Tais fatores conduzem à percepção da necessidade de ampliação dos conceitos e da formação no âmbito do judô, principalmente para seus instrutores e técnicos de modo que possam ver além da competição e das medalhas.

Neste sentido, já encontramos estudos que emergiram da prática desportiva do judô e que não se associam com a busca de medalhas, mas sim ao rendimento em saúde, a exemplo de Borba-Pinheiro et al. (2010), que adicionaram sessões de treinamento de judô adaptado à senhoras com osteoporose e constataram melhorara na absorção óssea de cálcio. Desta forma, emergem possibilidades de atuação profissional por meio do judô, o que amplia e tornam complexas as necessidades de formação de seus instrutores e técnicos para algo mais do que apenas conquistas de medalhas ou do conhecimento da técnica.

Desta forma, existe uma relação do técnico desportivo com a necessidade de formação em Educação Física que deveria repercutir numa melhora na atuação, e conseqüentemente, na visão sobre esta atuação por parte dos técnicos. Haja vista que na Lei 9696/98 que regulamenta a profissão de Educação Física (BRASIL 1998), considera-se o técnico desportivo enquanto o graduado e registrado nos respectivos Conselhos de área, cabendo também a esta legislação determinar a área de atuação profissional bem como o gerenciamento do seu mercado.

Apesar disto, em nosso estudo apontou para o fato de que a formação acadêmica ainda não foi capaz de construir uma identidade em relação aos envolvidos, sendo que praticantes e instrutores de judô atribuem às competências artesanais e competitivas como o principal meio de formação de instrutores, relegando os cursos superiores enquanto auxiliares deste processo e sem apresentar a Educação Física enquanto destaque, corroborando com as críticas apresentadas por Castellani Filho (1996) quando do seu posicionamento contrário à regulamentação da profissão de Educação Física.

Desta forma, a falta de formação adequada somada à valorização esportiva competitiva, contribuiu para que os conceitos da tradição fossem reorganizados em relação aos seus significados, miscigenando-se e substituindo os originários, vindos dos preceitos de Jigoro Kano, em relação ao crescimento individual e a cidadania, conceitos estes que vão além das medalhas.

6.1 Implicações e apontamentos para a área de Formação Profissional

Este estudo apresentou reflexões que permitem considerações sobre a formação profissional, em especial da Educação Física. Apontamos que a identificação da necessidade de formação na área esportiva ainda é precária e que investimentos são necessários para atenuar este distanciamento, tanto na área Acadêmica, que deve buscar saídas para o entrave da formação para a intervenção profissional, quanto nos Conselhos profissionais, que necessitam encontrar caminhos para a legitimação dos seus registrados perante a sociedade.

Um dos caminhos possíveis de serem adotados diz respeito à interação entre as Universidades e as Federações de Judô, no sentido de que os produtos das pesquisas – artigos, livros, teses, etc – para que possam transcender a sua própria existência, passando a interferir nas atuações dos técnicos e instrutores esportivos, e, neste caso, do judô. Em contrapartida, os cursos superiores de Educação Física devem refletir através das necessidades decorrentes da prática para uma melhor capacitação de seus alunos para intervenção.

Está claro que a área esportiva é muito ampla para se dar conta da formação de seus profissionais em um curso de graduação em Educação Física, mas isto não pode soar com conformismo. Estudos devem ser produzidos, então, para proporcionar um melhor entendimento do fracionamento dos cursos de formação – sendo que já existe entre o Graduado/Bacharel na área de Saúde; o Bacharel em Esporte – ampliando o seu escopo para outras áreas como as lutas e o *fitness*. Outras possibilidades também podem ser viáveis, como da necessidade de aprimoramento em cursos de aprofundamento semelhantes à residência médica, conforme já apontado por Silva (2011). Ressaltando-se que estas propostas necessitam de aprofundamentos e estudos, fato que não diminui a necessidade de repensar a formação focada nas áreas de intervenção da Educação Física decorrente da legislação que a define enquanto profissão.

7. CONCLUSÃO

Frente à configuração apresentada nos resultados obtidos, e levando-se em consideração os objetivos adotados quanto à sua elucidação, para concluir este estudo lembramos apenas que tais resultados não possuem o caráter de generalização, sendo os mesmos válidos para o caso estudado. Contudo podemos aproximar a realidade vivenciada pelos colaboradores do estudo com relação à área de formação profissional em Educação Física, buscando entendimento das várias atividades que incorporam sua intervenção.

Desta forma, em relação a cada um dos objetivos estabelecidos, concluímos que:

- No que diz respeito à “*Representatividade da competição desportiva em relação com os valores específicos da modalidade*”, podemos perceber que a competição está intimamente relacionada ao judô em dois aspectos, quais sejam, a identidade da área e a ressignificação dos seus valores. Conforme foi observado, o componente esportivo do judô tem-se mostrado predominante e apresenta as conquistas enquanto legitimadoras perante a atividade laboral. Desta forma, a contaminação desportiva da modalidade tem se configurado como elemento passível de transformação dos valores tradicionais por apresentar novas concepções, oriundas geralmente de conteúdos semelhantes ao *fair play*, enquanto valores orientais próprios de Jigoro Kano. Estes valores, apesar de serem eticamente positivos, naturalizam a confusão entre o componente tradicional do judô e a sua vertente esportiva, principalmente sobre os aspectos identificadores da tradição japonesa do judô.

- No que diz respeito à “*A relação entre iniciação competitiva e a longevidade ou o abandono precoce da modalidade*”, apesar de o estudo limitar-se ao aprofundamento com poucos participantes, os dados quantitativos indicaram que apenas uma pequena fração de campeões paulistas em idades menores (9 e 10 anos) conseguem repetir o feito em idades posteriores, como a puberdade Legal, e uma minoria se mantém a priori constantemente no pódio (5,8%). Com isso constatamos que a vitória precoce não garante conquistas posteriores, conforme o senso comum. Infelizmente não foi possível neste estudo conhecer a realidade de todos os participantes da amostra - 103 medalhistas do Campeonato Paulista classe infantil em 1999, 2000 e 2001 –, entretanto foi possível observar que poucos ainda aparecem entre os medalhistas, sugerindo que se não houve abandono ao menos diminuíram os seus níveis de competitividade. No grupo de aprofundamento dos dados (n=16), foi especificado que os participantes que

obtiveram 3 (três) ou menos medalhas interromperam a prática e/ ou competição por motivos diversos, e, em contrapartida, os que mais ganharam foram estimulados a continuar, indicando que os que menos ganham desistem da prática.

Pensamos que frente a estes dados, seja possível extrapolar o objetivo apontado em direção à reflexão de que modelo de participação é desejado para o judô, já que o modelo esportivo/competitivo pode resultar em grande evasão dos praticantes, sendo pouco estimulados pelos resultados competitivos, se comparados a um modelo mais participativo e atrativo, principalmente para as crianças que não vencem e que são, conseqüentemente, a grande maioria. Neste mesmo sentido apontamos que a visão esportiva está focada unicamente no esporte de competição, deixando de lado a possibilidades de trabalhar os aspectos do esporte de participação, de lazer ou mesmo no esporte vinculado à promoção de saúde.

- No que diz respeito a “*A relação dos resultados competitivos com a formação e/ou prestígio do técnico de judô*”, neste estudo ficou evidenciado que os resultados competitivos foram a principal forma de prestígio enquanto legitimadores da formação do técnico de judô referendada pelos participantes. A formação acadêmica é abordada apenas como auxiliar deste processo, sendo que em relação ao que foi encontrado nos dados deste estudo, os resultados competitivos se apresentaram como um atestado do bom trabalho feito pelo técnico. Apenas uma opinião, dentre os 16 participantes, destoa deste resultado apontando que a preocupação com trabalhos direcionados às crianças deve ser educacional do ponto de vista didático-pedagógico, sem uma preocupação competitiva. Este participante, aparentemente, supera a questão competitiva enquanto direcionamento do trabalho técnico da modalidade e apresenta maiores possibilidades de alcance da sua ação, e oportunizando outros aprofundamentos relacionados a esta particularidade em estudos posteriores.

Finalmente podemos indicar que o estudo apontou, em relação à amostra obtida, que poucos praticantes de judô que medalharam enquanto crianças conseguem repetir o feito constantemente no Campeonato Paulista da modalidade. Entretanto, para aqueles que o fazem as conquistas legitimam e fornecem prestígio para os que pretendem continuar na modalidade como técnicos. Devido a isto, entendemos que há um processo de retroalimentação focado no entendimento unidirecional dos valores do rendimento máximo em detrimento de outras possibilidades de intervenção profissional, sendo gerado por uma abordagem homogênea de agentes (treinadores) produzidos de forma

uniforme através do sucesso competitivo, e que busca reproduzi-lo em sua prática como técnicos.

Desta forma, destacamos enquanto encaminhamento também a necessidade de compreender por que a Educação Física ainda apresenta uma deficiência quanto a ser identificada pela sociedade em relação à sua importância no escopo dos esportes, sendo que disto decorre a necessidade de estudos focados na intervenção e currículo da área buscando maior entendimento e contribuição para com a sociedade brasileira.

REFERÊNCIAS

- ADORNO, T. W. Educação e emancipação. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995, p. 119-138.
- ALVES-MAZZOTTI, A. J. Usos e abusos dos estudos de casos. **Cadernos de Pesquisa**, v. 36, n. 129 p. 637-651, set./dez. 2006.
- ALVES-MAZZOTTI, A. J; GEWANDSZNAJDER, F. **O método nas ciências naturais e sociais: pesquisa quantitativa e qualitativa**. São Paulo: Pioneira, 1998.
- ARENA, S.S., BÖHME, M.T.S. Federações esportivas e organização de competições para jovens. **Revista Brasileira Ciência e Movimento**, São Paulo, v.12, n.4, p.45-50, 2004.
- ARAÚJO, U., F. **A construção de escolas democráticas: histórias sobre complexidade, mudança e resistência**. São Paulo: Moderna, 2002.
- ARISTÓTELES. **A política**. 15. ed. Tradução de Nestor Silveira Chaves. São Paulo: Escala, [1998]. (Coleção mestres pensadores).
- BARROS, J. M. C. Educação física e esporte: profissões. **Revista Kinesis**, Santa Maria, v. 11, p. 5-16, 1993.
- BARROS, J. M. C. Educação física na UNESP de Rio Claro: bacharelado e licenciatura. **Motriz**, Rio Claro (SP), v. 1, n. 1, p. 71-80, jun. 1995.
- BARROS, J. M. C. Profissão, regulamentação profissional e campo de trabalho. In. SOUZA NETO, S.; HUNGER, D. (Org.). **Formação profissional em educação física: estudos e pesquisas**. Rio Claro (SP): Biblioética, 2006.
- BETTI, M. **Educação física e sociedade**. São Paulo: Movimento, 1991.
- BORBA PINHEIRO, C. J.; CARVALHO, M.C.G. A.; SILVA, N. S. L. ; DRIGO, A. J.; ARAGAO, J. C. P. B. ; DANTAS, E. H. M. Bone density, balance and quality of life of postmenopausal women taking alendronate participating in different physical activity programs. **Therapeutic Advances in Musculoskeletal Disease**, v. 2, p. 1-11, 2010.
- BRASIL. Congresso Federal. Lei nº 9.696, de 1 de set. de 1998. Dispõe sobre a regulamentação da profissão de Educação Física e cria os respectivos Conselhos Federal e regional de Educação Física. **Diário Oficial [da República Federativa do Brasil]**, Brasília, DF, n. 168, 02 set. 1998. Disponível em: <<http://www2.camara.gov.br/busca/?q=lei+9696%2F98>>. Acesso em: 20 ago. 2011.
- BRASIL. Congresso Federal. Lei nº 9.615 – de 24 de março de 1998 a. Institui normas gerais sobre desporto e dá outras providências. **Diário Oficial [da República Federativa do Brasil]**, Brasília, DF, n. 81, 25 mar. 1998b. Disponível em: <<http://www2.camara.gov.br/busca/?wicket:interface=:0:1>> . Acesso em: 20 ago. 2011.
- BRASIL. Ministério da Saúde. **Portaria Ministerial de Saúde nº154**, 24 jan. 2008. Cria os Núcleos de Apoio à Saúde da Família. Diário Oficial da União. Brasília, 2008.

Disponível em:

http://portal.saude.gov.br/portal/arquivos/pdf/Portaria_N_154_GMMS.pdf. Acesso em: 20 jun. 2011.

BARA FILHO, M. G.; GUILLÉN GARCIA, F. Motivos do abandono no esporte competitivo: um estudo retrospectivo. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**. São Paulo, v. 22, n. 4, p. 293-300, out./dez. 2008.

BARBIERI, F. A.; BENITES, L. C., MACHADO, A. A. Especialização precoce: algumas implicações relacionadas ao futebol e futsal. In: MACHADO, A. A. (Org.). **Especialização esportiva precoce: perspectivas atuais da psicologia do esporte**. Jundiaí: Fontoura, 2008. p. 49-65.

BENITES, L. C.; BARBIERI, F. A.; SOUZA NETO, S. O futebol: questões e reflexões a respeito dessa “profissão”. **Pensar a Prática**, Goiás, v. 10, n. 1, p.51-67, 2007.

BORTOLE, C. Muda a História. **Revista Judô**. São Paulo, ano 1, p.10-11, 1997.

BOURDIEU, P. **O poder simbólico**. Lisboa: Difel, 1989.

CALLEJA, C. C. Judô. In: BORSARI, J. R.; FACCA, F. B. (Coord.). **Manual de educação física**. São Paulo: EPU, 1979.

CASTELLANI FILHO, L. Teses acerca da questão da regulamentação da profissão. Boletim informativo CBCE, São Paulo, ano XVIII, n. 3, p. 6-14, 1996.

CARVALHO, M. C. G. A.; DRIGO, A. J. O judô dentro do contexto da regulamentação da educação física. **Lecturas Educación Física y Deportes**, Buenos Aires, v. 106, p. 1, 2007.

CAZZETTO, F. F.; LOLLO, P.C.; SCAGLIA, A. J.; PAES, R. R.; MONTAGNER, P. C. O jogo como meio, o tecnicismo de cara nova: o caso judô. **Revista Digital**, Buenos Aires, ano 10, n. 92, jan. 2006. Disponível em: <<http://www.efdeportes.com/>>. Acesso em: 30 out. 2011.

CESANA, J. **Práticas corporais alternativas e educação física: entre a formação e a intervenção**. 2011. 194 f. Tese (Doutorado em Educação Física) - Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2011.

CHIZZOTTI, A. A pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais: evoluções e desafios. **Revista Portuguesa de Educação**, Braga (Portugal), v. 16, n. 2, p. 221- 236, 2003.

CONSELHO FEDERAL DE EDUCAÇÃO FÍSICA. Disponível em: <<http://www.confef.org.br/>>. Acessado em: 30 ago. 2011.

CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO. **Resoluções 01/02 e 02/02**. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/rcp01_02.pdf>. Acessado em: 30 ago. 2011.

CUNHA, L. A. **O ensino de ofícios artesanais e manufatureiros no Brasil escravocrata**. São Paulo: Ed. UNESP, 2000.

DARIDO, S. C.; FARINHA F. K. Especialização precoce na natação e seus efeitos na idade adulta. **Motriz**, Rio Claro (SP), v. 1, n. 1, p. 59-70, jun. 1995.

DRIGO, A. J. ; CESANA, J. As percepções dos profissionais de educação física em relação ao judô: reflexões das suas simbologias. **Movimento & Percepção**, Espírito Santo do Pinhal, v. 1, n. 1, p. 117-126, 2002.

DRIGO, A. J.; OLIVEIRA P. R.; CESANA, J O judô brasileiro, o desempenho, e as mídias: caso das olimpíadas de Atenas 2004 e o mundial do Cairo de 2005. **Conexões**, Campinas, v. 4, n. 1, 2006.

DRIGO, A. J. **O judô do modelo artesanal ao modelo científico**: um estudo sobre as lutas, formação profissional e construção do Habitus. 2007. 250 f. Tese (Doutorado em Educação Física) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2007.

DRIGO, A. J. Lutas e escolas de ofício: analisando o judô brasileiro. **Motriz**, Rio Claro (SP), v. 15, n. 2, p.396-406, abr./jun. 2009.

DRIGO, A. J. ; CESANA, J. Processo de reestruturação produtiva e econômica, da formação artesanal à industrial e a construção das profissões: recortes com a educação física brasileira, artesanato e profissão. **Revista Educação Skepsis**, São Paulo, v. 3, p. 1-20, 2011.

DRIGO, A. J.; OLIVEIRA P. R.; CESANA, J. A cultura oriental e o processo de especialização precoce nas artes marciais. **Revista Digital**, Buenos Aires, ano 10, n.86, jul. 2005. Disponível em: <<http://www.efdeportes.com>>. Acessado em: 08 jan. 2011.

ELIAS, N. **Mozart sociologia de um gênio**. Tradução de Sérgio Góes de Paula. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995.

ELIAS, N. ; SCOTSON, J.,L. **Os estabelecidos e os outsiders**: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

FEDERAÇÃO PAULISTA DE JUDÔ. **História do judô**. Disponível em: <http://www.fpj.com.br/fpj-historia-do-judo_detalhes.php?cod_prod=845>. Acessado em: 30 set. 2011.

FLICK, U. **Uma introdução à pesquisa qualitativa**. Tradução de Sandra Netz. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2004.

FREIDSON, E. **Renascimento do profissionalismo**: teoria profecia e política. Tradução de Celso Mauro Paciornik. São Paulo: EPU, 1998.

GONÇALVES JÚNIOR, L.; DRIGO, A. J. A já regulamentada profissão educação física e as artes marciais. **Motriz**, Rio Claro (SP), v. 7, n. 2, p. 131-132, 2001.

GODOY, A. S. Pesquisa qualitativa: tipos fundamentais. **Revista de Administração de Empresas**, São Paulo, v. 35, n.3, p. 20-29, maio/jun. 1995.

HISTÓRIA DO JUDÔ. Disponível em:

<<http://www.judobrasil.net/história3.htm>>. Acessado em: 10 ago. 2012.

HUNGER, D. A. C. F.; ROSSI, F.; [SOUZA NETO, S.](#) A teoria de Norbert Elias: uma análise do ser professor. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 37, p. 697-710, 2011.

JÚNIOR, C. O.; FERREIRA, M. G.; RODRIGUES, A. T. A evolução sócio-histórica do judô: primeiras aproximações. **Revista da Educação Física**, Maringá, v. 10, n. 1, p. 13-21, 1999.

LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

KANO, J. **Energia mental e física: escritos do fundador do judô**. São Paulo: Pensamento, 2008.

MASSA, M. **Desenvolvimento de judocas brasileiros talentosos**. 2006. 156 f. Tese (Doutorado em Educação Física) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

MASSA, M.; UEZU, R.; BÖHME, M.T.S. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 24, n. 4, p. 471-81, out./dez. 2010.

MARTINS, J. P. **A formação do bacharel em educação física esporte: em contexto as disciplinas de voleibol**. 2004. f. v. 1. Dissertação (Mestrado em Educação Física) - Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2004.

MESQUITA, C. W. **Identificação de incidências autoritárias existentes na prática de judô e utilizada pelo professor**. 1994. 119 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Escola de Educação Física e Desportos, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1994.

MOLINA, R. M. K. O enfoque teórico metodológico qualitativo e do estudo de caso. In: TRIVIÑOS, A. N. S. (Org.) [et al]. **A pesquisa qualitativa na educação física: alternativas metodológicas**. 2. ed. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2004

NEVES, J. Pesquisa qualitativa, características, usos e possibilidades. **Caderno de Pesquisa em Administração**. São Paulo, v. 1, n.3, jul./dez. 1996.

NEGRINE, A. Instrumentos de coleta de informações na pesquisa qualitativa. In TRIVIÑOS, A. N. S. (Org.) [et al]. **A pesquisa qualitativa na educação física: alternativas metodológicas**. 2. ed. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2004

OLIVEIRA, G. S.; ARAÚJO JR., I. P.; CIELO, F. L.; JUNIOR, O. A.; NETO, J. B. A relação entre a especialização precoce e o abandono prematuro da natação. **Movimeto & Percepção**, Espírito Santo do Pinhal, v. 8, n. 11, jul./dez. 2007.

OLIVEIRA, J. G. M.; BETTI, M.; OLIVEIRA, M. W. **Educação física e o ensino de 1º grau: uma abordagem crítica**. São Paulo: EPU, 1988.

PAES, R. R.; FERREIRA, H. B.; GALATTI, L. R.; SILVA, Y. P. G. Pedagogia do esporte e iniciação esportiva infantil: as inter-relações entre dirigente, família e técnico: In MACHADO, A. A. (Org). **Especialização esportiva precoce: perspectivas atuais da psicologia do esporte**. Jundiaí: Fontoura, 2008. p. 49-65.

RAMOS G. N. S. Escolas de ofício, profissão educação física e sociedade . **Motriz**, Rio Claro (SP), v. 15, n. 4, p. 919-924, out./dez. 2009.

RÉ, A. H. N.; DE ROSE JR., D.; BÖHME, M. T. S. Stress e nível competitivo: considerações sobre jovens praticantes de futsal. **Revista Brasileira de Ciência e Movimento**, São Paulo, v. 12, n. 4, p. 83-87, 2004.

RÉ, A. H. N.; BOJIKIAN L. P; TEIXEIRA C. P. ; BÖHME, M. T. S. Relações entre crescimento, desempenho motor, maturação biológica e idade cronológica em jovens do sexo masculino. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 19, n. 2, p. 153-62, abr./jun. 2005.

REBUSTINI, F.; MACHADO, A. A.; BRANDÃO, M. R. F. Imediatismo e performance: incongruências na formação do jovem atleta. In: MACHADO, A. A. (Org). **Especialização esportiva precoce: perspectivas atuais da psicologia do esporte**. Jundiaí: Fontoura, 2008. p. 49-65.

RUGIU, A. S. **Nostalgia do mestre artesão**. Campinas: Autores Associados, 1998.

FINI, M. I. (Coord.). **Caderno do professor: educação física, ensino fundamental e médio**. São Paulo: SEE, 2009. v. 3.

SEVERINO, A. J. **Metodologia do trabalho científico**. 22. ed. São Paulo: Cortez, 2002.

SILVA, L. H.; TAVARES JUNIOR, A.; DRIGO, A. J. Produção científica no judô: da academia às academias. **Conexões**, Campinas, v. 6, ed. Esp., p. 665-677, jul. 2008.

SILVA, M. F. G.; SOUZA NETO, S.; BENITES, L. C. A capoeira como escola de ofício. **Motriz**, Rio Claro (SP), v. 15, n. 4, p. , 2009.

SOUZA NETO, S.; ALEGRE, A. N.; HUNGER, D.; PEREIRA, J. M. A formação do profissional de educação física no Brasil: uma história sob a perspectiva da legislação federal no século XX. **Revista Brasileira de Ciência e Esporte**, Campinas, v. 25, n. 2, p. 113-128, jan. 2004.

SOUZA NETO, S. BENITES, L. C.; SILVA, M. F. Da escola de ofício a profissão educação física: a constituição do habitus profissional de professor. **Motriz**, Rio Claro (SP), v. 16, n. 4, p. 1033-1044, out./dez. 2010.

SOUZA, T. V. **Capoeira angola**: os saberes, valores e atitudes na formação do mestre. 2000. 250 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Motricidade) – Instituto de Biociências, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro (SP), 2010.

TARDIF, M. Saberes profissionais dos professores e conhecimentos universitários da prática: elementos para um epistemologia da prática profissional dos professores e suas consequências em relação à formação para o magistério. **Revista Brasileira de Educação**, São Paulo, n. 13, p. 1-24, jan./abr. 2000.

VENUTO, A. A astrologia como campo profissional em formação. **Revista de Ciências Sociais**, [S.l.], v. 42, n. 4, p. 761-801, 1999.

VIDAL, I. R.; SOUZA NETO, S.; HUNGER, A. C. F. A iniciação esportiva: a quem compete?: um estudo exploratório sobre a formação profissional no campo da educação física. **Revista Digital**, Buenos Aires, n. 10, p. 1-11, 2004. Disponível em: <<http://www.efdeportes.com>>. Acesso em: 08 jan. 2011.

VIRGÍLIO, S. **A arte do judô**. 2. ed. Campinas: Papirus, 1986.

ZAKHAROV, A. **Ciência do treinamento desportivo**. Rio de Janeiro: Grupo Palestra Sport, 1992.

APÊNDICE - A**Termo de Consentimento Livre e Esclarecido****(Conselho Nacional de Saúde – Resolução 196/96)**

Decisão CEP nº 082/2011 - APROVADO
Protocolo nº:3684

Eu, Reinaldo Naia Cavazani, convido você a participar de uma pesquisa que tem como objetivo investigar a relação dos resultados obtidos no Campeonato Paulista de judô no período entre os anos de 1999 a 2010 e a formação do técnico de judô, assim como, a relação entre competição infantil com o abandono e/ ou a longevidade como competidor.

Você foi selecionado porque ficou entre os quatros melhores colocados na final do campeonato paulista de judô no período acima mencionado. A sua participação neste estudo consiste em responder um questionário que abordará assuntos relacionado a sua carreira pessoal e esportiva.

Sua participação é muito importante e voluntária e os riscos são mínimos, que pode ser algum constrangimento em responder alguma pergunta, porém, é seu direito recusar-se a responder a qualquer questão que julgar constrangedora ou desconfortável e será tratado com respeito e dignidade, tendo a garantia de confidencialidade e privacidade na coleta, análise e divulgação dos resultados.

Você tem garantido que poderá solicitar esclarecimentos sobre a pesquisa a qualquer momento, bem como, poderá deixar de participar da pesquisa em qualquer ocasião, não sendo penalizado ou ter prejuízo financeiro, por ter tomado esta decisão. Além disso, não receberá qualquer forma de pagamento por sua participação nessa pesquisa.

As informações obtidas nesse estudo serão confidenciais, sendo garantido a sua privacidade e mantido o sigilo sobre sua identidade, quando da apresentação dos dados da pesquisa, que serão divulgados, na forma de artigos e/ou reuniões científicas.

Os resultados deste estudo servirão para o melhor entendimento da realidade das competições de judô e também na formação do técnico de judô.

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
(Conselho Nacional de Saúde – Resolução 196/96)

Se você estiver suficientemente esclarecido sobre sua participação nessa pesquisa, convido-o a assinar este Termo elaborado em duas vias, sendo que uma via ficará com você e a outra com o pesquisador.

Título do Projeto: “Aspectos da especialização precoce e sua relação com a formação artesanal no Judô: um estudo através do campeonato paulista de 1999 a 2010”

Pesquisador Responsável: Reinaldo Naia Cavazani
RG. 17.086.649

Cargo/função: Estudante de Pós-Graduação em Ciências da Motricidade

Instituição: UNESP – Campus de Rio Claro – Depto. de Ed. Física

Endereço: Avenida 24-A, 1515 Bairro: Bela Vista

Dados para Contato: Tel.: (19) xx e-mail: reinaldounesp@hotmail.com

Orientador: Prof. Dr. Alexandre Janotta Drigo

Instituição: UNESP – Campus de Rio Claro – Depto. de Ed. Física

Endereço: Avenida 24-A, 1515 Bairro: Bela Vista

Dados para Contato: Tel.: (19) 3526-4104 e-mail: alexandredrigo@hotmail.com

Dados do participante da pesquisa:

Nome: _____ RG: _____

Data de Nascimento: ___/___/_____ Sexo: M() F() Tel.: _____

Rio Claro, ___ de _____ de 2011.

Assinatura do sujeito de pesquisa

Reinaldo Naia Cavazani
Pesquisador Responsável
Rua Antonio Furlan, 217
reinaldounesp@hotmail.com
Tel.: (19)

Prof. Dr. Alexandre Janotta Drigo
ORIENTADOR
Avenida 24 A, Nº 1515
CEP: 13506-900 / Rio Claro – SP
alexandredrigo@hotmail.com
Tel.: (19) 3526-4104

APÊNDICE – B

Carta de agradecimento aos Doutores pelos parecer técnico.

Rio Claro, 2012.

Prezada Professora Doutor (a),

Venho por meio desta, apresentar meus sinceros agradecimentos pelo seu parecer técnico prestado ao questionário desta pesquisa com o título: “A iniciação competitiva precoce e a formação do técnico desportivo de judô: Um estudo de caso enfocando os campeonatos paulistas de 1999 até 2011.”

A sua presteza em colaborar através do parecer técnico, contribuiu imensamente com a minha pesquisa, com o meu crescimento pessoal e profissional.

Muito obrigado.

Atenciosamente,

Reinaldo Naia Cavazani
Pesquisador Responsável
Rua Antonio Furlan, 217
reinaldounesp@hotmail.com
Tel.: (19) -

Prof. Dr. Alexandre Janotta Drigo
ORIENTADOR
AVENIDA 24ª, Nº 1515
CEP: 13506-900 / RIO CLARO – SP
ALEXANDREDRIGO@HOTMAIL.COM
Tel.: (19) 3526-4104

APÊNDICE - C

Primeiro contato via e-mail:

Olá , sua participação é de grande relevância para esta pesquisa, obrigado.

A partir de hoje, teremos por volta de três contatos:

1° Contato - Encaminhamentos:

Estou enviando para seu conhecimento a Carta convite e o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, aprovado pelo Comitê de Ética da UNESP – Rio Claro –SP CEP n° 082/2011 e protocolo n° 3684, o telefone para contato com o comitê caso ache necessário é (19) 3526-4104 .

- Você receberá via correio, através de uma carta estes mesmos documentos para serem lidos e assinados. Necessito de seu endereço, caso não haja problemas, para que os envie. Se houver algum problema, podemos combinar outra forma de contato.
- Questionário de informações gerais, identificará a qual grupo você pertence:

Atleta (competidor) ou praticante;
Técnico;
Ex-atleta (Abandono).

2° Contato – Questionário específico:

- Você receberá um questionário simples e específico de acordo com o grupo que pertence.

Outros contatos serão efetuados apenas se forem necessários.

Agradeço antecipadamente.

Atenciosamente,

Reinaldo Naia Cavazani fone:

APÊNDICE – D**Mensagem postada na caixa de mensagens do facebook,**

Olá xxxx, meu nome é Reinaldo Naia Cavazani e estou cursando Mestrado na Unesp de Rio Claro/SP. Minha pesquisa é sobre judô na infância , resultados competitivos e a formação do técnico de judô. Como você foi medalhista no Campeonato Paulista de Judô (dados da FPJ) gostaria de informações para minha pesquisa mesmo que você não pratique mais judô. Caso possa contribuir, necessito de um contato (pode ser o e-mail) para enviar uma carta convite e informá-lo sobre os procedimentos e como responder algumas perguntas.

A sua participação é muito importante para o desenvolvimento do judô e desta pesquisa.

Obrigado,

Reinaldo Naia Cavazani.

Meus contatos: